



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO  
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

**MARIA LUCIENE SAMPAIO BARBOSA**

**VERDADES, MEIAS-VERDADES OU MENTIRAS:  
AS TRANSMUTAÇÕES DA NARRATIVA JORNALÍSTICA  
NA CAMPANHA ELEITORAL DE 2018 EM RORAIMA**



**BOA VISTA, RR  
2021**

**MARIA LUCIENE SAMPAIO BARBOSA**

**VERDADES, MEIAS-VERDADES OU MENTIRAS:  
AS TRANSMUTAÇÕES DA NARRATIVA JORNALÍSTICA  
NA CAMPANHA ELEITORAL DE 2018 EM RORAIMA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Roraima (PPGCOM-UFRR), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação, Territorialidades e Saberes Amazônicos.

Linha de pesquisa: Estudos de Mídia, Território e Processos Comunicacionais.

Orientador: Prof. Dr. Vilso Junior Chierentin Santi.

**BOA VISTA, RR  
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)  
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

B238v Barbosa, Maria Luciene Sampaio.  
Verdades, meias-verdades ou mentiras: as transmutações da narrativa jornalística na campanha eleitoral de 2018 em Roraima / Maria Luciene Sampaio Barbosa. – Boa Vista, 2021.  
172 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Vilso Junior Chierentin Santi.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

1 – Eleições 2018. 2 – Narrativa jornalística. 3 – Ambiente digital. 4 – Notícias falsas. 5 – Desinformação. I – Título. II – Santi, Vilso Junior Chierentin (orientador).

CDU – 070.433(811.4)

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária/Documentalista:  
Shirdoill Batalha de Souza - CRB-11/573 - AM

**MARIA LUCIENE SAMPAIO BARBOSA**

**VERDADES, MEIAS-VERDADES OU MENTIRAS:  
AS TRANSMUTAÇÕES DA NARRATIVA JORNALÍSTICA  
NA CAMPANHA ELEITORAL DE 2018 EM RORAIMA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Roraima (PPGCOM-UFRR), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação, Territorialidades e Saberes Amazônicos.

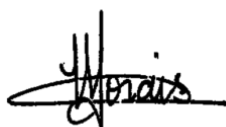
Linha de pesquisa: Estudos de Mídia, Território e Processos Comunicacionais.

Defendida em 30/03/2021. Avaliada pela seguinte Banca Examinadora:



---

Prof. Dr. Vilso Junior Chierentin Santi – UFRR  
Orientador



---

Profª. Dra. Vângela Maria Isidoro de Moraes - UFRR  
Membro Interno



---

Prof. Dr. Adrian José Padilla Fernández – UNESR  
Membro Externo



---

Profa. Dra. Leila Adriana Baptaglin – UFRR  
Suplente

## **DEDICO**

Ao Meu Deus, criador de todas as coisas.

Ao meu esposo e filhos.

Aos meus pais, Francisco e Adalgisa.

## **AGRADECIMENTOS**

Acredito que existe um tempo certo para todas as coisas, assim relata a Bíblia. E, este é o tempo para a descoberta do saber. Por isso, agradeço a Deus pelo tempo oportuno para ingressar no mestrado, um sonho realizado!

Quero agradecer ao meu esposo pelo apoio e incentivo, e tantas vezes cuidando das crianças. E, também aos meus filhos, que compreenderam a ausência da mãe em algumas atividades familiares e entenderam que, para alcançar conhecimento, é necessário ter muita disciplina, dedicação e entusiasmo pela prática da leitura.

Agradeço aos meus amigos: Denis Martins e Andrea Santiago pela força, incentivo, troca de ideias e sempre na torcida!

Ao meu orientador, que com muita paciência e sabedoria, apontou o caminho para eu trilhar nessa aventura do saber e da pesquisa.

Por fim, aos professores que compõem o Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social pela coragem, perseverança, dedicação e ousadia em implantar o primeiro mestrado em Comunicação, Territorialidade e Saberes Amazônicos no estado de Roraima.

Ainda que se narrem, como verdadeiras, coisas passadas, o que se vai buscar à memória não são as próprias coisas que já passaram, mas as palavras concebidas a partir das imagens de tais coisas, que, ao passarem pelos sentidos, gravaram na alma como que uma espécie de pegadas (SANTO AGOSTINHO, 2001, p.115).

## RESUMO

O presente trabalho propõe o uso da teoria da narratologia para analisar as transmutações da narrativa jornalística no período eleitoral de 2018. Analisaremos a configuração inicial e o desdobramento das intrigas envolvendo a questão energética de Roraima, e o candidato à reeleição ao Senado Federal, Romero Jucá. Dessa maneira, compreenderemos a reconfiguração da narrativa na era da pós-verdade e o fenômeno das notícias falsas que surgem no ambiente digital. Buscamos entender esse desdobramento da narrativa evocando os aportes teóricos de Luiz Gonzaga Motta (2013), Paul Ricoeur (1983), Tzvetan Todorov (2003, 2006), Lits (2015) e Luís Mauro Sá Martino (2014). Para empreender neste percurso, utilizamos a Carta de Princípios Teórico-Metodológicos de Santi (2014; 2017) como fundamento na construção do processo de investigação, análise e produção de conhecimento. Os princípios estão alicerçados em cinco eixos: Histórico (Pesquisa Documental e Análise de Conteúdo); Contextual (Pesquisa da Pesquisa e Pesquisa Bibliográfica); Culturológico (Análise Pragmática da Narrativa); Etnográfico (Flanar Etnográfico) e Praxiológico (Observação do Participante e Pesquisa em Ação). Dessa maneira, acreditamos que refletir sobre as transmutações da narrativa jornalística e sobre a configuração das intrigas no ambiente digital contribuiu para entender os seus reflexos no uso político das informações jornalísticas nos episódios eleitorais e, propriamente, o esquema de transmutação das narrativas utilizadas para assegurar ideologia política e hegemonia, sem esquecer que toda informação é poder, exercido nas relações discursivas.

**Palavras-chave:** Eleições 2018. Narrativa jornalística. Ambiente digital. Notícias falsas. Desinformação.



## ABSTRACT

The present work proposes the use of the theory of narratology to analyze the transmutations of the journalistic narrative in the electoral period of 2018. We will analyze the initial configuration and the unfolding of the intrigues involving the energy issue of Roraima, and the candidate for reelection to Federal Senate Romero Jucá. In this way we will understand the reconfiguration of the narrative in the post-truth era and the phenomenon of false news that appears in the digital environment. We will seek to understand this unfolding of the narrative by evoking the theoretical contributions of Luiz Gonzaga Motta (2013), Paul Ricoeur (1983), Tzvetan Todorov (2003, 2006), Lits (2015) and Luís Mauro Sá Martino (2014). To undertake the Santi (2014; 2017) letter of theoretical and methodological principles on this path, it will be fundamental in the construction of the process of investigation, analysis and production of knowledge. The principles are based on five aspects: History (documentary research and content analysis); Contextual (research research, bibliographic research); Culturological (pragmatic analysis of the narrative); Ethnographic (ethnographic flandar) and Praxiology (observation of the research participant in action). Thus, we believe that reflecting on the transmutations of the journalistic narrative configuring intrigues in the digital environment will contribute to understanding the reflexes in the political use of journalistic information in electoral episodes and the transmutation to ensure political ideology and hegemony, without forgetting, that all information is power, exercised in discursive relations

**Keywords:** Elections 2018. Journalistic narrative. Social media. Fake News. Disinformation.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Diagrama dos níveis de poder na narração jornalística .....	56
<b>Figura 2:</b> Carta de Princípios Teórico-Methodológicos de Santi (2014; 2016; 2017). 91	
<b>Figura 3:</b> Site de romerojuca.com.br, 03 de fevereiro de 2017 .....	109
<b>Figura 4:</b> Site de BNC Roraima, 08 de fevereiro de 2017 .....	110
<b>Figura 5:</b> Facebook do jornalista e blogueiro, 08 de fevereiro de 2017 .....	111
<b>Figura 6:</b> Site G1-RR, 18 de agosto de 2017 .....	112
<b>Figura 7:</b> Site Folha BV, 01 de novembro de 2017 .....	113
<b>Figura 8:</b> Postagem no <i>Facebook</i> , 01 de novembro de 2017 .....	114
<b>Figura 9:</b> Reportagem na revista <i>Veja</i> , 04 de novembro de 2017 .....	115
<b>Figura 10:</b> Site Folha de Boa Vista, 04 de novembro de 2017 .....	116
<b>Figura 11:</b> Site Fato Real, 04 de novembro de 2017 .....	117
<b>Figura 12:</b> Postagem no <i>Facebook</i> , 06 de novembro de 2017 .....	118
<b>Figura 13:</b> Site Brasil 247, 22 de fevereiro de 2018 .....	119
<b>Figura 14:</b> Blog do Amílcar, 24 de junho de 2018 .....	120
<b>Figura 15:</b> Materiais postados em grupos de <i>WhatsApp</i> .....	121
<b>Figura 16:</b> Materiais postados em grupos de <i>WhatsApp</i> .....	121

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Resultante da pesquisa documental / análise de conteúdo .....	94
<b>Quadro 2</b> – Resultante da pesquisa da pesquisa / revisão bibliográfica .....	97
<b>Quadro 3</b> – Modelo empírico de análise pragmática da narrativa .....	100
<b>Quadro 4</b> – Síntese do protocolo geral e análise.....	106
<b>Quadro 5</b> – Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 3 .....	123
<b>Quadro 6</b> – Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 4.....	126
<b>Quadro 7</b> – Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 5.....	130
<b>Quadro 8</b> – Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 6.....	132
<b>Quadro 9</b> – Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 7.....	134
<b>Quadro 10</b> – Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 8.....	135
<b>Quadro 11</b> – Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 9.....	136
<b>Quadro 12</b> – Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura10.....	139
<b>Quadro 13</b> – Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura11.....	141
<b>Quadro 14</b> – Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura12.....	143
<b>Quadro 15</b> – Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 13.....	145
<b>Quadro 16</b> – Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 14.....	146
<b>Quadro 17</b> – Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 15.....	148
<b>Quadro 18</b> – Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 16.....	149

## LISTA DE ABREVIATURAS

**BNC** – Brasil Norte Comunicação  
**CPI** – Comissão Parlamentar de Inquérito  
**DAPP** – Diretoria de Análise de Políticas Públicas  
**DEM** – Democratas  
**ELETOBRÁS** – Centrais Elétricas Brasileira S.A.  
**FGV** – Fundação Getúlio Vargas  
**FOLHABV** – Jornal Folha de Boa Vista  
**G1RR** – Globo.com Roraima  
**MDB** – Movimento Democrático Brasileiro  
**PATRI** – Patriotas  
**PCB** – Partido Comunista Brasileiro  
**PDT** – Partido Democrático Trabalhista  
**PMDB** – Partido do Movimento Democrático Brasileiro  
**PP** – Partido Progressista  
**PR** – Partido da República  
**PRB** – Partido Republicano Brasileiro  
**PSDB** – Partido da Social Democracia Brasileira  
**PSL** – Partido Social Liberal  
**PSOL** – Partido Socialismo e Liberdade  
**PSTU** – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado  
**PT** – Partido dos Trabalhadores  
**PTB** – Partido Trabalhista Brasileiro  
**PV** – Partido Verde  
**TRANSPETRO** – Petrobrás Transporte S.A

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1 COMUNICAÇÃO E POLÍTICA .....</b>	<b>20</b>
1.1 DA NATUREZA DA INFORMAÇÃO JORNALÍSTICA .....	20
1.2 DO USO POLÍTICO DA INFORMAÇÃO JORNALÍSTICA E DO PODER DE VOZ .....	25
<b>2 TEORIA NARRATIVA E JORNALISMO .....</b>	<b>35</b>
2.1 DA NARRATOLOGIA MODERNA .....	35
2.2 DA NARRATIVA JORNALÍSTICA .....	51
2.3 DAS TRANSMUTAÇÕES NAS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS .....	60
<b>3 EPISÓDIOS ELEITORAIS NA ERA DA PÓS-VERDADE .....</b>	<b>69</b>
3.1 A ERA DA PÓS-VERDADE E O FENÔMENO DAS FAKE NEWS .....	70
3.2 OS EPISÓDIOS ELEITORAIS E O CONTEXTO ELEITORAL EM RORAIMA ...	79
<b>3.2.1 O senador de todos os governos.....</b>	<b>83</b>
<b>4 PROTOCOLO ANALÍTICO .....</b>	<b>87</b>
4.1 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA .....	89
<b>4.1.1 Princípio histórico .....</b>	<b>92</b>
<b>4.1.2 Princípio contextual .....</b>	<b>95</b>
<b>4.1.3 Princípio culturoológico .....</b>	<b>98</b>
<b>4.1.4 Princípio etnográfico .....</b>	<b>104</b>
<b>4.1.5 Princípio praxiológico .....</b>	<b>105</b>
<b>5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>108</b>
5.1 ANÁLISE HISTÓRICO-CONTEXTUAL .....	109
5.2 ANÁLISE CULTUROLÓGICA .....	122
5.3 ANÁLISE ETNO-PRAXIOLÓGICA .....	151
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>154</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>164</b>

## INTRODUÇÃO

No decorrer da nossa vida deixamos marcas na estória<sup>1</sup>. As pessoas não passam despercebidas, sempre deixam algo uns para os outros. Santo Agostinho afirmou que deixamos rastros que só podem ser seguidos pela narrativa. É, nesse mapa da vida, cercado por obstáculos, que fazem da nossa estória um drama cheio de enredos, intrigas reveladas pela narrativa.

Perceber a verdadeira intenção de uma narrativa requer um exercício de reflexão profundo baseado na análise de cada detalhe de um enunciado, afinal, muitas marcas por opção do narrador não são demonstradas, apenas apreendidas de forma subjetiva e cognitiva pelo receptor.

Nesse processo cheio de intencionalidades em que a narrativa ultrapassa as barreiras de revelar apenas uma experiência do homem, ela apresenta-se como uma forma de dominação e poder. Neste caso, não se contendo em revelar a verdade e veracidade dos fatos, mas em transmutar para consolidar e garantir domínio baseado em inverdade e desinformação.

A circulação das notícias falsas é uma preocupação que atinge todas as esferas da sociedade. Uma informação falsa pode interferir nos rumos de um processo eleitoral; fragilizar decisões dos poderes federal, legislativo e judicial; manipular a confiabilidade nos meios de comunicação, interferindo no direito de acesso do cidadão à informação confiável.

No ambiente digital, a notícia falsa encontra suporte para proliferar e se espalhar facilmente. São diversas as ferramentas como: *sites*, *blogs*, perfis em redes sociais e aplicativos de mensagens. No atual cenário, governos e instituições se preocupam com as *fakes news* (denominação da língua inglesa para notícia falsa), no entanto a única forma de combatê-las é por meio da checagem, revelando a veracidade do fato ocorrido.

No Brasil, a manipulação das informações falsas durante a campanha de 2018 foi tema de investigação pela CPI das *fakes news* instalada no Congresso Nacional em 2019. A comissão pretendia apurar se houve a criação de perfis falsos e ataques cibernéticos durante o pleito de 2018, mas foi tudo em vão.

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, seguimos a trilha do autor Luís Gonzaga Motta, que optou em utilizar a palavra estória para refletir sobre as narrativas dramáticas e fictícias; e história, para referir-se às narrativas historiográficas.

Há indícios, no entanto, que no processo eleitoral de 2018, as *fakes news* circularam no ambiente digital na tentativa de influenciar a decisão dos eleitores sobre determinados candidatos, atacar e dilapidar a imagem de tantos outros e causar desinformação e boatos sobre determinados assuntos que merecem ser analisados com cautela.

Nesta era digital, com as ferramentas móveis de interação em constante mudança, as pessoas são estimuladas a compartilhar fatos, ideias ou opiniões e as comunidades/redes sociais são consideradas núcleos ricos em produção e compartilhamento de conhecimento, gerando inteligência coletiva (LEMOS e LEVY, 2010, p.127).

Castells (2009) classificou que o poder na sociedade em rede é o poder da comunicação. Neste ambiente digital, as informações são entrelaçadas, flexíveis e fugazes, predominando a interconexão e intertextualidade onde, de acordo com Martino (2014), toda informação pode ser alterada, complementada ou cancelada por uma nova, muitas vezes sem deixar indícios dos caminhos perseguidos.

Mapear as transmutações da narrativa jornalística, no ambiente digital, sobre a questão energética em Roraima, envolvendo um personagem – o Senador de todos os governos, Romero Jucá – permitiu-nos perceber os desdobramentos dessa narrativa (para além dos meios tradicionais de circulação e do próprio jornalismo) no cenário político-eleitoral de 2018. Compreender o processo de refiguração dessas narrativas nos episódios que envolveram a campanha eleitoral de 2018 foi nosso objetivo principal nesta pesquisa.

Para realizar esse mapeamento, no caminho inicial que escolhemos (**Capítulo 1**), tratamos da interface entre Comunicação e Política, discutindo principalmente a natureza da informação jornalística – através de Wolf (1994); Hall (1997); Sousa (2000); Hohlfeldt (2001); Traquina (2005; 2008); Canavilhas (2014; 2006); e Chaparro (2007) – e seu uso político, conforme os pressupostos de autores como: Foucault (1975); Weber (1992); Ianni (1999); Wolton (2001); Rubim (2004); Eagleton (2005); Castells (2009); Motta (2004, 2012, 2013) e Bittencourt (2016).

No **Segundo Capítulo**, discutimos a interface entre Teoria Narrativa e Jornalismo a partir da narratologia moderna, acionando autores como: Kristeva (1974); Certeau (1982, 2008); Propp (1984); Benjamim (1987); Chartier (1988); Reis e Lopes (1988); Ricouer (1994, 2004); Campbel (1997); Vieira (2001); Todorov (2003, 2006); Eco (2003, 2010, 2013); Gancho (2004); Lévi-Strauss (2006); Canclini

(2008); Greimas (2008); Portelli (2010); Veneroso (2012); Martins e Pontes (2017). E, também, as possibilidades de transmutação das narrativas jornalísticas no mundo digital – conforme os pressupostos de: Kinder (1993); Franciscato (2000); Bucci (2000); Carvalho (2012); Canavilhas (2014, 2006); Motta (2004, 2012, 2013); Gomes (2006, 2012); Jenkins (2009); Dalmonte (2009); Recuero (2009); Gosciola (2012); Lits (2015); Quadros (2018) e Prior (2018) – ultrapassando as questões literárias e da linguística, quando tratamos do ato de narrar.

Luiz Gonzaga Motta (2013), por exemplo, elucida sobre qual notícia jornalística deverá ser considerada narrativa, reordenando o tempo e remontando os episódios dos acontecimentos numa sequência lógica e recompondo a intriga do enredo. Paul Ricoeur (1994), no entanto, destaca o papel do tempo como eixo importante na narrativa. Segundo ele, o tempo é mensurado pela narrativa que torna a experiência temporal presente na memória e o texto, portanto, mantém a conexão entre o passado e o presente, além de auxiliar na imaginação do futuro.

A abordagem sobre as notícias falsas e os episódios eleitorais na era da pós-verdade é destacada no **terceiro capítulo**. No pleito de 2018, as campanhas eleitorais efervesceram nas redes sociais, um ambiente de fácil e rápida circulação de informação e mentiras. Nesta seção, serão discutidas as noções de pós-verdade e o fenômeno das *fake news* acionando autores como: Kahneman (1979); Elias e Scotson (2000); Lage (2001); McPherson, Smith-Lovin e Cook (2001); Lipovetsky (2004); Eagleton (2005); Gosciola (2012); Motta (2013); Lits (2015); Estevão e Farias (2018); Spinelli e Santos (2018); Wardle e Derakhan (2017); Veronese e Fonseca (2018); Mendes, Doneda e Bachur (2018); Machado, Steibel, Konopacki (2018); Recuero e Gruzd (2019).

Já, os episódios eleitorais e o cenário geral das eleições de 2018 serão debatidos com a apresentação do contexto eleitoral de Roraima e do perfil do então Senador (candidato a reeleição), Romero Jucá (MDB) – isto através dos pressupostos dos autores: Howard (2006); Santos (1998; 2016); Castilho (2016); Ruediger (2018); Ituassu et.all (2019); Veiga (2019) e Santi (2017).

Nesta sociedade (em rede), que incentiva e favorece a participação das pessoas, a ciberdemocracia (conceito controverso), para Medeiros (2016), é o que propicia o diálogo mais efetivo entre o cidadão e o Estado, para se chegar a uma política de tomada de decisões, onde a participação se torna mais real. Neste universo, as plataformas digitais, as redes sociais e as informações compartilhadas



“espontaneamente” se retroalimentam umas das outras e ganham inúmeros formatos diferentes. Existe aí uma diversidade de opiniões postas em circulação e uma crescente subjetividade, onde o conceito de pós-verdade ganha força, e onde os fatos perdem relevância frente às “interpretações possíveis”, de acordo com a realidade de cada indivíduo. É neste cenário em que as notícias falsas se proliferam.

Na seção posterior (**Capítulo 4**), apresentamos o protocolo analítico que acionamos na pesquisa (SANTI,2014,2016,2017), nossa estratégia (trans)metodológica (MALDONADO, 2002; AGUIAR, 2011) e o detalhamento de cada um dos princípios gerais de análise que convocamos – Princípio Histórico; Princípio Contextual; Princípio Culturológico; Princípio Etnográfico e Princípio Praxiológico. Para tanto, nos apoiamos nas contribuições de autores como: Ricouer (1994); Hohlfeldt (2001); Maldonado (2002; 2016); Todorov (2003; 2006); Motta (2004; 2013); Fachin (2005); Canavilhas (2006); Gil (2006; 2008); Bonin (2008); Bardin (2009); Amaral, Natal e Viana (2009); Marconi (2009); Gosciola (2012); Kuhn (2006); Maldonado (2011); Aguiar (2011); Santi (2014; 2016; 2017); Lits (2015); Silva (2015); Castilho (2016); Wardle e Derakhan (2017); Veronese e Fonseca (2018).

Passando pelo crivo da transmetodologia e na tentativa de traçar um caminho híbrido que interaja com outras disciplinas de saberes (AGUIAR, 2011), consideramos que o mapeamento das transmutações da narrativa jornalística integra diversas áreas no campo do conhecimento. E, é por isso que, conforme Maldonado (2002), nosso procedimento metodológico aponta para a desconstrução e reconstrução do conhecimento, apresentando (quicá) um novo saber.

Aí convocamos uma “narrativa primeira” – uma notícia publicada pela assessoria de comunicação de Romero Jucá, em fevereiro de 2017, envolvendo a visita do então senador na Usina Termoelétrica Oliveira Energia em Boa Vista-RR – e mais 13 (treze) recortes para perseguirmos suas reproduções/ressignificações em várias oportunidades, contextos e formatos (dos realises às notas/notícias; dos artigos de opinião às grandes reportagens; dos memes às postagens nas redes sociais etc.) nos quais novos recursos de linguagem foram acionados para narrativizar as disputas.

Depois, no **Capítulo 5**, apresentamos as análises e principais resultados da investigação, lembrando antes que o próprio relatório que ora acessamos (e todas as suas seções anteriores), também são resultado do presente empreendimento de pesquisa. Aqui agrupamos as categorias de discussão, em acordo com nosso

protocolo teórico-metodológico, no entorno de três categorias principais: Análise histórico-contextual; Análise culturoológica; e Análise etno-praxiológica.

Destacamos, porém, como explícito em nosso objetivo principal da investigação, que a Análise Culturoológica, através do acionamento do modelo empírico de análise pragmática da narrativa de Mota (2013); Lits (2015); Castilho (2016); e ainda Wardle e Derakhan (2017) é o coração do trabalho.

A elaboração do quadro com o modelo empírico de Análise Pragmática da Narrativa permitiu recompor os 14 recortes, observando o Plano da Expressão da Narrativa e seus efeitos – os usos intencionais de termos e palavras e a tipologia do material. Em seguida, foram analisados os critérios correspondentes ao Plano da Estória – o papel do personagem, a intriga e o ciclo mimético a pré-configuração, configuração e reconfiguração. Por último, consideramos o Plano Metanarrativo, como o alicerce da narrativa jornalística, apontando para o tema de fundo, intrínseco no texto e corroído pelas intenções e valores, nem sempre evidenciados pela moral e ética correntes.

Neste prisma, evocamos a classificação elaborada por Wardle e Derakhshan (2017) para tipificar as narrativas transmutadas como informação errada, desinformação e mal informação, apontando que a narrativa jornalística pode se apresentar (no plano moral) como informação verdadeira, meia-verdade ou mentira.

Convém destacar que mapeamos 14 recortes envolvendo a questão energética e o senador Romero Jucá em tempos distintos, resgatando o contexto social e econômico da época. Tais fatos permitiram uma maior abordagem e verificação do conteúdo narrativo para entender a transmutação da narrativa no universo on-line, pois, conforme Ricoeur (1994, p. 87), a narrativa nos permite apreender o tempo: “[...]seguimos, pois, o destino de um tempo prefigurado em um tempo refigurado, pela mediação de um tempo configurado”.

Por último, apresentaremos as **considerações finais** acerca dos dados movimentados e achados da pesquisa, torcendo para que nossa investigação cumpra com seu papel social, além de garantir a conclusão desta dissertação com o devido êxito. Acreditamos, por fim, que esta pesquisa contribui significativamente para análise das narrativas jornalísticas no ambiente digital, principalmente no contexto eleitoral.

Os resultados e os debates que a investigação revela são questões que nos remetem para responsabilidade no ato de narrar e para entender que, ao narrarmos,

revelamos posições, formas de pensar e também deixamos evidente qual nossa contribuição na narrativização de questões pertinentes aos interesses da população.

## 1 COMUNICAÇÃO E POLÍTICA

Neste primeiro capítulo discutiremos os contornos principais da natureza da informação jornalística. Sabemos que nos meados do século XX ocorreram mudanças significativas na organização das redações – a produção da notícia passou a ter um caráter tecnicista atendendo a certa rotina de produção. Mas com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação, esses padrões de construção da narrativa jornalística e o seu principal produto (a notícia) foram alterados – Wolf (1994); Hall (1997); Sousa (2000); Hohlfeldt (2001); Traquina (2005, 2008); Canavilhas (2014,2006) e Chaparro (2007).

Na sequência, abordaremos o uso político da informação jornalística e a disputa aí contida, pelo poder de voz através da problematização das formas de exercício de poder, baseados nos pressupostos de autores como Foucault (1975); (Weber, 1992); Ianni (1999); Wolton (2001); Rubim (2004); Eagleton (2005); Castells (2009); Motta 2013) e Bittencourt (2016), para enfatizar que, neste sistema plural sincronizado, o poder está pulverizado. Ideias, opiniões e narrativas agora se propagam (se fortalecem ou se debilitam) constantemente.

### 1.1 DA NATUREZA DA INFORMAÇÃO JORNALÍSTICA

Ao longo da história a construção da narrativa jornalística adquiriu novas configurações atendendo a característica de tecnologias ou tipo de veículo de comunicação à disposição – impresso, radiojornalismo, telejornalismo, webjornalismo – e se estendendo para as redes sociais. Contudo, como agente mobilizador da sociedade, a prática do jornalismo deve estar firmada em valores morais e éticos que auxiliam o profissional na produção e divulgação das informações. Tal procedimento de conduta está regido pelo Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros<sup>2</sup>, que tem o intuito de promover um jornalismo qualificado e confiável para sociedade, fortalecendo as bases da democracia, que é um direito de todo cidadão ser bem informado.

A partir do século XX, a Primeira Grande Guerra determinou mudanças na forma de fazer jornalismo, com o desenvolvimento das técnicas de promoção,

---

<sup>2</sup>Disponível em: <[https://fenaj.org.br/wpcontent/uploads/2014/06/04codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasilenseiros.pdf](https://fenaj.org.br/wpcontent/uploads/2014/06/04codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasilenseiros.pdf)>. Acesso em 24 de mar 2020.

propaganda e assessoramento de relações públicas. Nas redações, desenvolveu-se a rotina de produção. O trabalho jornalístico passou a ser organizado e sequenciado, semelhante a uma linha de montagem industrial, onde cada trabalhador tem uma função específica contribuindo para a fabricação da totalidade do produto, que neste caso é a notícia.

De acordo com Wolf (1994, p. 161), esse processo de trabalho rotineiro é analisado sob as lentes da Teoria Newsmaking, “[...] constituída pelos estudos que analisam a lógica dos processos pelos quais a comunicação de massa é produzida e o tipo de organização do trabalho dentro da qual se efetua a construção das mensagens”.

A partir de então, para ser veiculada, a notícia precisa passar por uma série de etapas como seleção, apuração, produção, redação e edição, até chegar às pessoas. Na rotina de uma redação, as etapas do trabalho jornalístico permitem considerar a notícia como um produto. Cabia ao jornalista selecionar o que merece ser noticiado ganhando as manchetes dos jornais, levando em consideração os critérios de noticiabilidade, que são:

[...] o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo valor-notícia (TRAQUINA, 2008, p. 63).

Hohlfeldt (2001, p. 209) aponta cinco categorias, subdivididas em tantas outras, que justificam o procedimento do jornalista na identificação e construção da noticiabilidade. A primeira trata das Categorias Substantivas, quando o fato está ligado diretamente a personagens, por consequente, está subdividida em importância e interesse. Na subdivisão “importância”, abre mais um leque: a) grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento; b) impacto sobre a nação; c) fatos que apresentam consequência para a sociedade.

Na perspectiva de “interesse”, a categoria abre outros critérios de análise: a) entretenimento, b) interesse humano, c) equilíbrio sobre os temas abordados pelo noticiário, não podendo apresentar apenas conteúdo demasiadamente triste.

No segundo item das Categorias Relativas ao Produto, apontado por Hohlfeldt (2001, p. 210), leva em consideração a disponibilidade técnica e organizativa da

notícia, observando ainda se haverá dificuldades em deslocar equipes para colher informações. Essas categorias se abrem para mais outras: a) brevidade do fato; b) análise do fato – geralmente o acontecimento ruim é mais vendável; c) atualidade; d) atualidade interna – neste caso o profissional conhece a informação, mas não pode usá-la; e) qualidade; f) equilíbrio.

Na categoria relativa aos Meios de Informação, observa-se como a notícia é veiculada: a) apresenta bom material visual e textual; b) continuidade do assunto; c) formato da notícia apresentada.

A quarta categoria, relativa ao Público, considera a opinião que o veículo e o jornalista possuem do seu público. Para Hohlfeldt (2001, p. 213), essa categoria é uma das mais polêmicas, pois o jornalista parece por vezes ser autossuficiente e desconhece os interesses do seu público. Essa falta de conhecimento implica na construção do texto jornalístico com um modelo de fácil entendimento para o público, atendendo alguns critérios como: a) estrutura da narrativa – o texto deve ser claro para o receptor ter conhecimento dos personagens envolvidos e dos fatos; apresentar prestação de serviço e conteúdo diversificado com nuances de distração e entretenimento; b) projetividade, que procura evitar noticiar o que pode causar pânico ou criar traumas.

Fechando o ciclo de categorias apontadas por Hohlfeldt (2001), aparecem as categorias relativas à Concorrência. Este aspecto gira em torno da competitividade das empresas de comunicação para garantir audiência. Vejamos as subdivisões: a) exclusividade do fato; b) geração de expectativas recíprocas; c) desencorajamento sobre inovações; d) estabelecimento de padrões profissionais.

Esse conjunto de regras norteia o jornalista na tomada de decisão e na análise do valor-notícia. No entanto, a especificidade da informação jornalística abrange outras nuances, como os conceitos como objetividade e verdade contidas no texto.

A objetividade nas informações jornalísticas começou a ser discutida nos Estados Unidos, nos finais dos anos 1920, com a finalidade de acrescentar uma postura científica e rigor investigativo ao jornalismo. Esse princípio foi adotado para combater a desconfiança oriunda da intensa estratégia de propaganda durante a Primeira Guerra Mundial e sobre a atuação de profissionais de relações públicas na área jornalística (SCHUDSON *apud* SOUSA, 2000, p. 82).

A partir de então, a informação redigida passou a atender critérios práticos em seu formato, consolidados pelo *lead* da notícia, respondendo às perguntas (o quê, quem, onde, como e por que), utilizando a técnica da pirâmide invertida e iniciando o texto com a informação mais importante apresentando o desfecho do fato.

Com o advento das novas tecnologias, a produção dos textos jornalísticos buscou atender à arquitetura da web, passando a adotar a pirâmide deitada. As perguntas básicas do lead não foram desprezadas, porém o hipertexto (com sons, imagens e infográficos) passou a oferecer mais liberdade para o leitor. Neste contexto, “[...] o utilizador tem a possibilidade de navegar dentro da notícia, fazendo uma leitura pessoal; o jornalista tem ao seu dispor um conjunto de recursos estilísticos que, em conjunto com novos conteúdos multimídia, permitem reinventar o webjornalismo em cada nova notícia” (CANAVILHAS, 2006, p. 16).

Com todas as técnicas e utilização das tecnologias incrementando a rotina de produção da notícia, não podemos desconsiderar que a prática de seleção dos fatos e redação geralmente são guiadas pelo viés comercial, ideológico e da linha editorial das empresas e demais agentes de comunicação social.

Portanto, parece evidente que independentemente da época os padrões normativos (e narrativos) moldam um produto/notícia para ser comercializado, mesmo quando o conteúdo apresenta valores intrínsecos, o que de certa forma interfere (ou invalida) os conceitos de objetividade e verdade.

Para Chaparro (2007, p. 12-13), não se pode confundir “veracidade” com “objetividade”, já que o jornalista não consegue se desprender de seus valores na transmissão de um acontecimento. Conforme o autor, no jornalismo, “[...] a objetividade simplesmente não existe, porque a observação e o relato estão no espaço estético da intervenção individual, sob perspectiva escolhida pelo sujeito narrador. Não há como ser objetivo no exercício criativo de escolher ângulos, enfoques e relevâncias”.

Sabemos de antemão que na narrativa jornalística o narrador é discreto, pela estrutura técnica do texto, mas apresenta pistas para induzir o leitor. Segundo o autor, no caso do jornalismo: “Fala-se em separação de opinião e informação como se a manchete não contivesse um ponto de vista, ou se não fosse o resultado de uma intervenção opinativa provavelmente complexa” (Chaparro, 2007, p. 13). E, o narrador sempre deixará marcas para tornar a mensagem mais compreensível para o receptor interpretá-la.

Na construção do texto jornalístico, sabemos que as escolhas dependem de fatores subjetivos do jornalista, influenciado pela sua conduta moral, ética, social etc. A notícia não se desprende desses valores. Chaparro (2007, p.13) explica que o velho paradigma da objetividade é uma fraude das teorias do jornalismo para manter uma divisão nas categorias dos textos jornalísticos.

No ofício do fazer reportagens, notícias e editoriais, o jornalista exercita a arte de narrar ou argumentar. E o faz associando às ideias, os dados às emoções, os acontecimentos à reflexão, os sintomas ao diagnóstico, a observação à explicação, o pressuposto à aferição (CHAPARRO, 2007, p.13).

A notícia, então, passa a construir uma realidade social com diversos significados. De acordo com os autores Motta, Costa e Lima, (2004, p. 35), o produto notícia apresenta informações sobre o acontecimento e reconstrói uma realidade social. Essa mediação do fato, embora meramente técnica e obedecendo às normas exigidas da profissão, apresenta-se permeada de valores que ultrapassam as ideologias – revelando crenças, desejos, sonhos, conflitos, valores (morais e éticos) e outros elementos antropológicos que fazem da notícia um produto social.

Em outra vertente, pensada nos termos da teoria estruturalista, com conceitos herdados do marxismo, os meios de comunicação são tomados como espaços de reprodução da hegemonia dominante (TRAQUINA, 2005, p. 175). Esta corrente teórica valoriza a perspectiva culturalista, na qual os aspectos culturais guiam a construção da notícia como se fossem um “mapa”.

Stuart Hall (1997) é um dos principais proponentes da escola culturalista britânica e daquilo que se convencionou chamar Estudos Culturais que, no jornalismo, considera as notícias como produtos sociais resultantes da organização burocrática dos veículos de comunicação – com o momento da construção da notícia levando em consideração aspectos de identificação e contextualização que (re)constroem um mundo social.

Já a teoria construtivista adquire relevância ao explicitar a relação dos meios de comunicação para propagar ideologia (a da classe dominante), apontando a notícia como elemento indispensável desse aparelho ideológico. Para os autores construtivistas, a relação entre os meios e as instituições de poder são intensas e fortes, onde as fontes oficiais passam a assumir a posição de definidores primários (primary definers), impondo o rumo dos debates e da cobertura jornalística, e



cabendo aos meios de comunicação a posição secundária, sendo subordinados às ações da estrutura de poder (TRAQUINA, 2005, p. 179).

Tratamos aqui, portanto, a partir do acionamento e alguns princípios teóricos fundantes do jornalismo, de introduzir a discussão sobre os padrões narrativos do jornalismo e do seu principal ícone – a notícia. Lembramos da ultrapassagem de seu formato primordial – a pirâmide invertida – para a pirâmide deitada, patrocinado pelo advento das novas tecnologias de comunicação e informação e do webjornalismo. Mas, a partir de autores como Chaparro (2007) e de uma abordagem mais culturalista, fizemos questão de lembrar que narrar é uma arte e que a notícia é um produto social que pode funcionar como um mapa capaz de propagar ideologias.

Tendo em conta tais pressupostos, passamos a discutir na sequência alguns elementos relacionados ao uso político da informação jornalística – outro tópico relevante na estruturação dessa proposta de investigação.

## 1.2 DO USO POLÍTICO DA INFORMAÇÃO JORNALÍSTICA E DO PODER DE VOZ

Em nosso tempo, a informação tornou-se um fator determinante na aplicação da estratégia política no exercício de poder, onde a atuação dos meios de comunicação reflete as diretrizes de dominação da sociedade. No entanto, para se exercer esse poder é preciso encurtar os laços e manter uma relação de confiança.

Como Max Weber (1992) apontou, a dominação e o poder carecem de reciprocidade do sujeito. Para o autor, existem três tipos de dominação: a legal, que é baseada nas leis; a tradicional, que está sendo exercida pela dominação legítima; e o poder carismático, cujo líder tem um poder de carisma, com virtudes a serem admiradas. Em linhas gerais, os meios de comunicação exercem poder tradicional, cuja relação está baseada na confiança, no respeito e numa relação sólida com a sociedade.

Segundo Castells (2009, p. 35), o poder trata de um padrão de relacionamento marcado pelas intersecções das instituições e dos sujeitos. Para ele, existe uma simbiose entre as organizações e instituições (institucionalizadas no passado), que se expressam nas ações dos sujeitos. Neste caso, a relação de poder está interligada e estruturada. Para o autor (2009, p. 32), poder é uma relação de um ator social (podendo ser representado por um indivíduo, coletivo, organizações,

instituições ou redes), impondo sua vontade sobre outro ator para favorecer seus próprios interesses.

Castells (2009, p. 40-41) evoca as premissas de Foucault (1975), para solidificar a concepção que existem dois mecanismos para exercício do poder: a violência e o discurso.

A dominação por meio do discurso está implícita em várias instituições da sociedade, como os meios de comunicação. Conforme Castells, (2009, p. 40- 41) em nosso contexto histórico a dominação é marcada pelos processos contemporâneos da globalização e pelo nascimento da sociedade em rede. Ela depende “[...] das redes de comunicação que processam conhecimentos e ideias para criar e destruir a confiança, a fonte decisiva de poder”.

Podemos considerar então que os meios de comunicação (atualmente a internet e as redes sociais) exercem o poder pelo discurso. A produção e a veiculação das informações jornalísticas integram um sistema de disputa de poder e dominação cheia de intencionalidades explícitas ou implícitas, onde quem controla a narrativa jornalística sempre está mais próximo de controlar a sociedade.

Para Octavio Ianni (1999), o poder, a soberania e hegemonia da comunicação, consagrada principalmente pela televisão, são alimentados pela globalização e pela política. O autor denomina esse imperativo como sendo do Príncipe Eletrônico. Conforme Ianni (1999, p. 14),

O príncipe eletrônico é uma entidade nebulosa e ativa, presente e invisível, predominante e ubíqua, permeando continuamente todos os níveis da sociedade, nos âmbitos local, nacional, regional e mundial. É o intelectual coletivo e orgânico das estruturas e blocos de poder presentes, predominantes e atuantes em escala nacional, regional e mundial, sempre em conformidade com os diferentes contextos socioculturais e político-econômicos desenhados no novo mapa do mundo.

De acordo com Ianni (1999), o poderio do príncipe eletrônico corrompe todos os produtos dos meios de comunicação (como a notícia, comentários, fotos, som e formas) e ultrapassa a sagacidade dos príncipes apontados por Maquiavel (1996) e Gramsci (2012) tornando-se ainda mais perigoso para a sociedade.

O Príncipe de Maquiavel (1996), segundo Ianni (1999), é a personificação do líder político que articula suas qualidades (virtu), para manter a hegemonia no contexto social, político e econômico (fortuna), através de uma relação que geralmente não era harmoniosa, gerando alguns conflitos.

Ianni (1999) argumenta com as mudanças na sociedade, no contexto sócio-político moderno, surge o príncipe de Gramsci (2012) denominado como Príncipe Moderno, representado na figura institucional do partido político, alinhando os interesses de classe e grupos sociais subalternos para controlar a coletividade e alcançar a hegemonia. Tais príncipes são figuras tradicionais da política, mas não alcançam a perspicácia e a sagacidade do Príncipe Eletrônico.

Segundo Ianni (1999, p. 15), a televisão era o principal condutor das estratégias do Príncipe Eletrônico, pois “[...] registra e interpreta, seleciona e enfatiza, esquece e sataniza o que poderia ser a realidade e o imaginário”. Conforme o autor, muitas vezes a televisão transformou a realidade em algo bom ou destruidor, em geral “[...] virtualizando a realidade em tal escala que o real aparece como forma espúria do virtual”.

Para Ianni (1999), no principado eletrônico, existe uma pluralidade de assuntos e conteúdos combinado com a presença de intelectuais nos meios de comunicação, o que parece reforçar a pluralidade de opiniões garantindo a aparência de uma democracia para a sociedade. É assim que, segundo ele (1999, p.15), “[...] se enriquece o Príncipe Eletrônico, tornando-o mais sensível ao que vai pelo mundo, desde a perspectiva das classes e grupos sociais subalternos à perspectiva das classes e grupos sociais predominantes”, transparecendo que os objetivos e as lutas de todas as classes sociais e grupos são acompanhados e merecem atenção.

Nesse cenário, a democracia esboçada pelo Príncipe Eletrônico, com a presença/ausência constante de várias vozes, garante uma audiência abastecida pela intensa batalha de interesses que são retroalimentados pelo próprio Príncipe Eletrônico. Segundo Motta (2013 p. 236), esse antagonismo revela uma acirrada disputa pelo poder de voz da narrativa entre o veículo, o jornalista e os personagens. É importante elucidar que eles formam uma “cadeia de interesses individuais”, mas também uma “cadeia de interdependência” que leva a confrontos, conciliações, avanços, recuos, negociações, concessões e vantagens provisórias.

O Príncipe Eletrônico utiliza o poder de voz da narrativa para produzir sentidos, comportamentos e posições, oferecendo-as aos receptores que vão dar prosseguimento a reconfiguração da narrativa. Conforme tais pressupostos, a presença de diversas opiniões numa narrativa se entrelaça à construção de uma

realidade para reafirmar de maneira sutil a mensagem de poder contida nestas vozes múltiplas.

Como vimos, o material produzido pelo Príncipe Eletrônico nasce contaminado pela influência mercantil. Para Ianni, (1999, p. 18), existe aí uma rede de interesses envolvendo mercados e ideias, mercadoria e democracia, lucratividade e cidadania. As grandes corporações transnacionais estão envolvidas, impondo seus interesses nas instituições políticas – como nos poderes legislativo, executivo, judiciário, sindicatos, partidos políticos etc.

Nessa arquitetura de poder não existem barreiras; há um entrelaçamento de conceitos, opiniões e comportamentos. Neste contexto, a política passa a ser um elemento integrante de um processo de dominação, perdendo a real característica do seu propósito que é fomentar o debate na busca de soluções para os problemas socioeconômicos e elaboração de estratégias para melhorar a condições dos menos favorecidos. Para Ianni (1999, p.19), esse é um problema fundamental da relação entre a mídia e a política “[...] muito do que é a política revela-se espetáculo, entretenimento, consumismo, publicidade”.

A atuação do Príncipe Eletrônico na política esvazia e empobrece o debate característico das democracias. A pauta de discussão torna-se sem eco e não atende aos interesses da sociedade tornando-se superficial. Conforme Ianni (1999, p. 24), o Príncipe Eletrônico pode ser visto aí como uma das mais notáveis “criaturas da mídia”, pois:

Trata-se de uma figura que impregna amplamente a política, como teoria e prática. Impregna a atividade e o imaginário de indivíduos e coletividades, grupos e classes sociais, nações e nacionalidades, em todo o mundo. Em diferentes gradações, conforme as peculiaridades institucionais e culturais da política em cada sociedade, o príncipe eletrônico influencia, subordina, transforma ou mesmo apaga partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais, correntes de opinião, legislativo, executivo e judiciário. Permanente e ativo, situado e ubíquo, visível e invisível, predomina em todas as esferas da política, adquirindo diferentes figuras e figurações, segundo a pompa e a circunstância (IANNI, 1999, p. 24).

Todavia, nesta discussão, também podemos considerar a definição de espetáculo, conjugada pelo poder político e pela política, sistematizada por Rubim (2004). Segundo o autor, o espetáculo está presente em todas as esferas da sociedade, mantendo uma relação histórica e vital com o poder político e com a política. Para ele, no passado, o espetáculo representava a grandeza do poder, mas

no capitalismo contemporâneo, produz sensibilização, acirrando a disputa de poder e garantindo legitimidade ao poder político. Conforme Rubim (2004, p. 201),

A rede de mídias e a dimensão da sociabilidade pública midiaticizada, além de outros campos, como a política, a religião e a cultura, concorrem profundamente para a existência e a realização sociais da espetacularização, pois toda essa maquinaria sociotecnológica está predisposta a chamar e disputar a atenção de todos.

Já conforme Castells (2009, p. 41), na sociedade formada em rede, os meios de comunicação produzem e destroem idéias, exercem influência e poder de forma decisiva e tornam-se o palco principal para apresentação e encenação do espetáculo político. Nesta sociedade, a comunicação e a informação passam a ser mercadorias na economia do espetáculo, com os meios de comunicação sustentando a dinâmica do espetacular na vida rotineira da sociedade.

O espetáculo gerenciado pelo Príncipe Eletrônico passa a organizar e gerenciar a vida política das pessoas abstraindo o real sentido da política como agente organizador de soluções. Conforme Rubim (2004, p.207), aí a política na mídia se “despolitiza”, pois, passa inevitavelmente a obedecer a padrões de produção da mídia e do espetáculo. A mídia então, “faz a política” e passa a atender os interesses da classe hegemônica, colocando a política no mesmo bojo do entretenimento e mercadoria.

Como lembra Castells (2009, p. 85), nestes tempos, a informação se generaliza, difunde, debate, internaliza e se incorpora na ação do indivíduo. Conforme o autor, “[...] o poder da sociedade em rede é o poder da comunicação”. Porém, é evidente que esse poderio não permanece condicionado apenas aos meios de comunicação tradicionais, em especial a televisão. A globalização, sobre a base do sistema capitalista, impulsionou o avanço tecnológico e com isso o surgimento de novas tecnologias de comunicação e informação como a *Web* e das redes sociais (as quais tiveram crescimento exponencial), proporcionando velocidade na transmissão e troca de informações, compartilhamentos mais ágeis e transformando a noção de espaço/tempo pós-modernas.

O jogo de poder se estende neste cenário marcado pelas novas tecnologias. Segundo Bittencourt (2016), a estrutura de poder, hegemonia e liderança estão evidenciadas nas redes sociais. Para a autora, esse espaço promoveu o nascimento de um novo príncipe, o Príncipe Digital, que possui semelhanças com os príncipes

de Maquiavel (um líder inteligente), Gramsci (partido político) e Ianni (meios de comunicação de massa) na promoção de hegemonia. Este Príncipe Digital, no entanto, se configura de outro modo, e a partir de outras fontes de poder.

O Príncipe Digital não é um indivíduo nem uma organização ou instituição única. Ele é a confluência das categorias principais: Multidão de Anônimos, Líderes de Opinião e Comunidades Virtuais Organizadas, que geram, por meio da internet e das redes sociais, um processo de Mobilização Social. Dele resultam as condições apresentadas nas categorias secundárias: pluralidade sincronizada, discurso crítico, participação popular, elementos de humor e entretenimento, financiamento variável, transmídia e alternância de lideranças. Caminha em linha paralela a elas os poderes econômicos e políticos institucionalizados (BITTENCOURT 2019, p.132).

Conforme Bittencourt (2016), a força do Príncipe Digital está estruturada em três categorias. Primeiro a Multidão de Anônimos, corresponde às pessoas que navegam pelas redes e se submetem às atualizações constantes de informações e fatos, enquanto estão conectadas nas redes sociais. Os Líderes de Opinião são os influenciadores que possuem uma presença marcante nas redes sociais, pela capacidade de argumentar, ou são profissionais que possuem conhecimentos holístico e técnico. Já as Comunidades Virtuais que integram o Príncipe Digital, dizem respeito às organizações presentes nas redes para realizar uma mobilização. A autora destaca que os Poderes Políticos e Econômicos estão inseridos na formação do Príncipe Digital e participa de forma coadjuvante neste processo. Houve uma perda de força e atuação, mas continuam em constante vigilância para em momentos oportunos fincar suas estratégias de supremacia.

Segundo Ianni (1999, p. 27-28), o Príncipe Eletrônico, formado pela mídia, em especial as redes de televisão, age como um intelectual orgânico, ditando normas para categorias consideradas de intelectuais para fortalecer suas artimanhas – todos mobilizando tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas, como técnicas sociais de alcance local, nacional, regional e mundial. Já o Príncipe Digital, conforme Bittencourt (2019), é o reflexo de uma sociedade ancorada na técnica e na velocidade de informação, cujas novas tecnologias foram cunhadas pelos poderes hegemônicos.

É importante lembrar que os princípios ardilosos dos príncipes anteriores não se perderam na história da sociedade, conforme acontecem mudanças na estrutura social e avanço tecnológico. Conforme Bittencourt (2016), seus modos operantes se

transformaram e ganharam uma roupagem digital na construção de poder e autoridade social.

Cada vez que essas estruturas se alteram, mudam também os modos de poder, formas de influências, modelos de lideranças e padrões de relações entre as pessoas. Por isso, em cada tempo existiu a necessidade de um tipo de príncipe diferente, que conseguisse ter poder, conduzir o povo (e assim possuir hegemonia) exercer a soberania (BITTENCOURT, 2016, p. 112-113).

Bittencourt (2016, p. 272) lembra ainda que os formadores do Príncipe Digital criam um cenário de pluralidade sincronizada, no qual, em certas ocasiões, os objetivos ora se entrelaçam, ora divergem na tentativa de promover hegemonia. Essa disputa de território no contexto digital vai se alternando e se moldando de acordo com o interesse para promover determinada hegemonia.

De acordo com a autora (2016), nesta pluralidade sincronizada, encontrada no campo das plataformas digitais, acabou a influência unilateral direta e a centralidade de poder. Bittencourt (2016, p. 114) afirma que não se trata mais simplesmente de hegemonia, mas de um sistema plural sincronizado no qual o poder está pulverizado – não vinculado mais a um grupo específico, mas a grupos globais.

Seria o retrato e o reflexo de um novo momento, um momento no qual não se fala mais de grupos específicos e sim de públicos globais. Nesse contexto, temos diversos atores que interferem nesse processo e conseguem exercer o poder em determinados momentos e para um público específico. No entanto, caminhamos cada vez mais em direção dessa pluralidade sincronizada na qual o poder emana de diversas fontes – algumas com objetivo e mais condições de gerar hegemonia e outras que nem ao menos estão em busca dela (BITTENCOURT, 2016, p. 291-292).

Neste contexto pluralizado e de deslocamento, ideias, opiniões e narrativas se propagam (se fortalecem ou se debilitam) nos ambientes das redes sociais. Nestes ambientes os usuários expressam suas convicções dentro de um meio digital com grande apelo tecnológico que, financiado pelo capital, pode abrir espaço para diversos movimentos. De acordo com Castells (2009, p. 108), estas são organizações fortemente influenciadas por estratégias empresariais de lucratividade e expansão de mercado, que processam e moldam (embora não determinem) a revolução das tecnologias da comunicação e as novas culturas da comunicação potencialmente autônoma.

Reafirmamos então, a partir desses pressupostos, que toda narrativa expressa poder e tem um objetivo para ser alcançado; que todo narrador tem uma intencionalidade; e, que o receptor dispõe de certa liberdade para refigurar a informação. Para Bittencourt (2016, p. 293), porém, “[...] os jornalistas continuam sendo os Líderes de Opinião nos quais os utilizadores depositam confiança em larga escala”.

Neste aspecto, Bittencourt (2016, p. 293) aponta que os jornalistas e os meios de comunicação seguem como um espaço diferenciado no Príncipe Digital. Segundo ela, o jornalismo ainda continua sendo “[...] *locus* das informações realmente confiáveis”, onde se espera encontrar informações que foram “[...] averiguadas, confrontadas e bem pensadas antes da publicação”.

Neste cenário, parece que os usuários continuam a apoiar suas decisões e interpretações nas informações produzidas pelo jornalismo e por suas narrativas. Essa terceirização das responsabilidades narrativas, ilustrada pela confiabilidade depositada nos jornalistas do mundo digital, aponta para uma característica importante dessa sociedade exposta à diversidade e ao volume de informações e que não dispõe de tempo para analisar a fundo cada conteúdo publicado nas redes.

Wolton (2001, p. 25) afirma que “[...] o tempo ganho no acesso à informação pode ser novamente perdido na dificuldade de interpretar essa informação”. Conforme o autor, tempo na sociedade contemporânea pós-moderna é um produto importante e não pode ser desperdiçado em leituras complexas – por isso o usuário da internet prefere um conteúdo digital simples e de fácil compreensão.

No contexto dessa terceirização de responsabilidades narrativas, o conteúdo dinâmico e difuso produzidos pelas redes que mescla, em muitos casos, informação com entretenimento ou humor, possui força para mobilização. A mescla de conteúdo em formato de humor, informação e entretenimento encontrado nas redes, ressalta o formato produzido e apresentado pelo Príncipe Eletrônico de Ianni (1999), que destaca a pluralidade de cenários, ações e personagens, refletindo uma certa atenção a todas as camadas da sociedade, agora é refigurada no Príncipe Digital de Bittencourt (2016).

As narrativas jornalísticas, neste contexto, adaptadas em hipertextos para serem veiculadas nas plataformas digitais, são produzidas por jornalistas que possuem ligação com o Príncipe Eletrônico, veículos de comunicação que possuem linha editorial específica, mas vão além. Conforme Bittencourt (2016), muitos



profissionais atuantes nesse novo cenário ainda possuem vínculo com redes de televisão ou jornais de circulação nacional.

Os jornalistas, neste caso, são produtores de informações subordinados a linha editorial do veículo de comunicação, ambos integram o aparato hegemônico das grandes corporações econômicas e políticas. E, as narrativas jornalísticas, apresentam a essência desse poder direcionado para manipulação de seus interesses, em busca de poder e soberania.

Neste tópico, procuramos discutir, portanto, o uso político da informação jornalística através da problematização das formas de exercício de poder, baseados nos pressupostos de autores como: Foucault (1975), Weber (1992), Ianni (1999), Wolton (2001), Rubim (2004), Castells (2009), Motta (2013) e Bittencourt (2016).

Na discussão evidenciamos que as formas de exercício do poder estão vinculadas a certos padrões de relacionamento que se estabelecem, no caso do jornalismo, principalmente através do discurso e através das relações de confiança que os comunicadores ou meios de comunicação costumam – via narrativas que produzem, veiculam e fazem circular.

Enfatizamos que na sociedade em rede de Castells (2009), o sistema de produção de informações jornalísticas integra um sistema de disputa de poder, no qual as redes de comunicação ao mesmo tempo criam, reconfiguram e/ou destroem as relações de confiança outrora estabelecidas. É por isso que afirmamos em determinada passagem que: quem controla a narrativa jornalística, potencialmente, controla a sociedade.

Evidenciamos também que o imperativo do Príncipe Eletrônico de Ianni (1999) influi na construção da realidade e do imaginário, e se utiliza do poder de voz da narrativa (inclusive as narrativas políticas) para produzir sentidos que, na cadeia de interesses e interdependências, são capazes de regular as possibilidades de reconfiguração dessas narrativas. Nessa rede de interesses do mercado de idéias, percebemos que a política vira espetáculo – o que parece empobrecer seu debate – e observamos que na economia do espetáculo o Príncipe Eletrônico – uma criatura da mídia – contribui para que a comunicação e a informação virem mercadoria e, conforme Rubim (2004), para que política se despolitize.

No cenário de pós-modernidade (das novas tecnologias de comunicação e informação, da internet e das redes sociais), porém, um novo príncipe chamado Príncipe Digital de Bittencourt (2016), parece se configurar de outro modo e a partir

de outras fontes de poder. Desta forma, a pluralidade sincronizada do Príncipe Digital acaba com a capacidade de influência unilateral direta e com a possibilidade de centralidade de poder.

Tal discussão sinaliza que neste sistema plural sincronizado o poder está pulverizado. Ideias, opiniões e narrativas agora se propagam (se fortalecem ou se debilitam) constantemente e, mesmo com o jornalismo tentando continuar a ser o locus das informações confiáveis, não se pode mais fechar os olhos para fenômenos como a terceirização das responsabilidades narrativas, nem a força e a capacidade de mobilização dos conteúdos difusos e dinâmicos adaptados ao mundo virtual.

Neste mundo pós-moderno “[...] em que o pensamento tem sérias dúvidas tanto sobre verdade quanto sobre a realidade” (EAGLETON, 2005, p.107), a pluralidade de conteúdo abre espaço para múltiplas interpretações. Em tal situação paradoxal se encontram hoje os jornalistas, veículos de comunicação e suas narrativas.

## 2 TEORIA NARRATIVA E JORNALISMO

As narrativas jornalísticas são produzidas com intencionalidade. Ao narrar um acontecimento, o narrador dispõe de diversos elementos que podem ser inseridos no texto para induzir o receptor a criar uma interpretação sobre a realidade e mover os interesses de poder de grupos políticos e corporações econômicas.

Na atualidade pós-moderna, com forte influência da tecnologia digital, a narrativa jornalística que circula pela internet e redes sociais assume vários formatos e significações. A polifonia dessas formas de narrar traz consigo visões alternadas de mundo, ora produzidas pelo narrador, ora pelo receptor, gerando novas refigurações sobre a mesma narrativa.

Neste capítulo, apresentaremos a trajetória dos estudos da teoria narrativa deslocando-se do aspecto literário de Propp (1984) e Todorov (2006), até ela ser entendida como fator na construção da realidade e interação social no jornalismo. Para isso, buscaremos as reflexões sobre narratologia moderna, que aponta a narrativa como forma de construção de sentido para o homem e suas experiências com o mundo (MOTTA, 2013).

Consideramos que a narrativa jornalística, como ingrediente de construção da realidade, possui características convergentes com a escrita histórica, que se baseia na veracidade dos fatos. Portanto, discutiremos aqui as operações historiográficas que se baseiam na verdade, com a verificação dos fatos atribuindo importância às citações e documentos (CERTEAU, 1982). Depois trataremos da narrativa jornalística propriamente dita e sua relação com a representação do real (ou atividade mimética (imitação) do mundo, reportando aos conceitos teórico-metodológicos da tríplice mimese de Paul Ricoeur (1994).

Por último, trataremos sobre as transmutações das narrativas jornalísticas no mundo digital – com seus múltiplos narradores e múltiplas verdades, que navegam nas plataformas digitais em paridade com inverdades e reinterpretções.

### 2.1 A NARRATOLOGIA MODERNA

No aporte teórico-metodológico de nossa pesquisa, trabalharemos com as acepções de narrativa, afastando-se (um pouco) do termo discurso. Muitas são as

concepções dos linguísticos para diferenciar discurso e narrativa. Ambos os termos se encontram numa fronteira tênue de percepção.

Segundo Todorov (2006, p.21), a narrativa é construída sobre a tensão entre duas forças: a temporalidade e a organização sintagmática. O tempo é, segundo ele, um elemento difuso no desenrolar da história, “[...] onde cada instante se apresenta pela primeira e última vez”. Cabe à segunda força (a organização sintagmática) colocar ordem na sucessão dos acontecimentos. Conforme os pressupostos do autor o texto organiza a temporalidade para dar sentido à história. Porém, Todorov (2006, p.22) afirma que a narrativa nunca obedece “[...] a uma ou a outra força”, sempre existirá tensionamento entre esses dois elementos.

Conforme Vieira (2001, p. 603-604),

Podemos formular que para haver uma narrativa é preciso que haja 1) uma relação cronológica e lógica entre os eventos e as ações dos atores; e, 2) que os eventos tenham uma organização macro proposicional. Na verdade, este segundo requisito é uma consequência do primeiro, pois a estrutura macro proposicional da narrativa [...] implica um ordenamento sequencial dos eventos segundo uma lógica própria do enunciado narrativo.

Foi na Grécia antiga que se iniciou a organização racional da narrativa por meio dos escritos dos filósofos Platão e Aristóteles. A obra “A Poética” de Aristóteles serviu como base para o estudo das narrativas, apontando que em sua estrutura deve conter a mimese (imitação) e o mito (*mythos*) que é a intriga ou enredo.

Os gregos apontaram que a intriga e o enredo desenvolvidos pelos personagens precisam compor a narrativa. Para defini-la, evocam a diegese (imaginação) e a mimese (imitação). A diegese é a intriga nascendo na mente do narrador, é a ação cognitiva. Platão entendia que o mundo era a imitação do que pensamos; já Aristóteles acreditava que era a representação da vida, da nossa realidade. Efetivamente, os gregos acreditavam que existe diferença entre diegese e mimese.

A partir desse apontamento inicial, trataremos os conceitos elaborados por Gomes (2006, p. 182) sobre diegese e mimese. Para o autor, diegese “[...] era entendido como “contar”, o narrador descrevendo a ação e o que está na mente dos personagens”; e a mimese “[...], a imitação criativa ou representação interpretativa da ação, através da qual aprendemos atitudes, comportamentos e nos comunicamos”.

A partir desses postulados, Gomes (2006, p.183) destaca que os estudos da teoria narrativa possuem (ao menos) quatro gerações. Em linhas gerais, a primeira originada na Grécia Antiga, como antes já pontuado. A segunda baseada nos estruturalistas como Vladimir Propp (1984) e Josep Campbel (1997). Na terceira geração encontram-se os estudos da mitologia comparada. E na quarta geração “[...] os mitos formam uma narrativa universal”, com autores como Humberto Eco (2010, 2013) e Paul Ricoeur (1994) não distinguindo mais a narrativa do factual da narrativa do ficcional.

A segunda geração dos estudos da narrativa foi responsável por consolidar a teoria apresentando o seu teor científico, com o método aplicado por Vladimir Propp (1984). Ao analisar separadamente cada parte dos contos folclóricos russos, Propp (1984) instituiu um modelo de estudo para identificação da estrutura da narrativa, introduzindo seus princípios científicos. Por isso, conforme Motta (2013, p.76), “[...] a obra de Propp é considerada fundadora da narratologia moderna”.

Todorov (2006) deu continuidade ao trabalho de Propp (1984), sendo o primeiro a evidenciar a palavra narratologia, para indicar teoria da análise estrutural da narrativa. O autor combateu os críticos literários que afirmavam que a ciência objetiva afastava o caráter de subjetividade no processo das análises da narrativa.

Todorov, em sua obra *A Estrutura Narrativa* (2006, p. 83)<sup>3</sup>, argumenta que não existe ciência social fora da subjetividade. Segundo ele, o trabalho científico pode ter vários graus de subjetividade, de acordo com a perspectiva escolhida, “[...] a simples escolha de um conjunto de conceitos teóricos ao invés de outro já pressupõe uma decisão subjetiva”.

Assim, o estudo estrutural da narrativa aponta para modelo sistemático, não abandonando a observação empírica da obra ou texto. Na análise sobre *Decameron* de Boccaccio, Todorov (2006, p. 84) procura identificar a intriga existente na estrutura literária para somar com as demais categorias existentes como personagens, ação e reconhecimento, pois, segundo ele o “leitor comum” lê (um livro) antes de tudo como a “narrativa de uma intriga”.

Todorov (2003) defende a narrativa como sendo um processo de transformação. Após análise de *Decameron* o autor apontou que a narrativa possui uma intriga mínima, que se completa, passando por vários processos – sendo o

---

<sup>3</sup>Título original em francês *Pour une Theorie du Recit*.

primeiro como estado inicial; depois por uma ação movida por uma força que causa desequilíbrio; e, em seguida, o equilíbrio volta a ser reestabelecido (Estado inicial – Desequilíbrio – Equilíbrio).

A intriga mínima completa consiste na passagem de um equilíbrio para outro. Uma narrativa ideal começa com uma situação estável que uma força qualquer vem perturbar. Disso resulta um estado de desequilíbrio; pela ação de uma força com sentido contrário, o equilíbrio é restabelecido; o segundo equilíbrio o é semelhante ao primeiro, mas os dois nunca são idênticos (TODOROV, 2003, p. 153).

Conforme os pressupostos de Todorov (2003; 2006) a narrativa se movimenta e passa por transformações no desenvolvimento de sua história, que nunca é linear. A intriga apresenta um início estável de desenvolvimento, parece de uma perturbação, que pode ser refletida em conflitos ou embalada por ações ou acontecimentos morais e éticos num determinado tempo e espaço e, após resolvida, volta a um estágio análogo ao inicial. Todas as etapas mantêm conexão. É uma sucessão de eventos, como afirma Motta (2013).

Todorov (2006, p. 123) dá ênfase ao papel da personagem no desenrolar da intriga. Para ele “[...] toda nova personagem significa uma nova intriga”. A personagem é um elemento da narrativa que dará seguimento aos acontecimentos, despertando no leitor a percepção da intriga e, muitas vezes, fazendo com que se identifique em sua própria condição de vida. A presença da personagem ganhou evidência na análise das narrativas graças ao trabalho de Todorov. O autor (2003, p. 95) argumenta que existe uma ligação muito forte entre ação e personagem. Para ele “[...] não há personagem sem ação e não há ação sem personagem”.

Assim, para Todorov (2003, p. 100) a narrativa conta uma intriga com personagens movendo toda ação. Conforme os pressupostos do autor, se toda nova personagem significa uma nova intriga, estamos no reino dos “homens-narrativas”, no qual cada personagem apresenta uma função que move a intriga.

Para os estruturalistas, como Propp (1984) e Todorov (2003; 2006), as funções dos personagens são constantes, porém as transformações existentes encontram-se no próprio interior das narrativas. Os dois autores aplicaram regras de análise para identificar as mudanças que iniciam na estrutura da língua, na operação sintagmática – na utilização de uma série de palavras, seguindo uma ordem real e linear – e na operação paradigmática – relacionada às escolhas das palavras,

verbos ou pronomes. Discutem as utilizações dos signos que tratam de emprestar estrutura à narrativa.

Segundo Todorov (2006), Propp (1984) desenvolve a análise da transformação da narrativa a partir da classe sintagmática, utilizando as regras de decomposição – ao separar as partes dos contos russos, percebeu que a forma foi derivada de uma base primária. Assim, “[...] supõe que se pode remontar ao conto primário, do qual saíram os outros” (TODOROV, 2006, p. 37).

Propp (1984) enumera uma sequência de transformações das narrativas e as organiza em três grandes grupos: mudanças, substituições e assimilações. Esses grupos se abrem para outras divisões de categorias. O grupo de mudanças ocorre nas formas das ações, porém os grupos substituições e assimilações dizem respeito à origem de novos elementos transformados.

Todorov (2006) aponta que Propp (1984) explicitou as categorias de transformações no artigo intitulado “As transformações dos contos fantásticos”, escrito em russo. Em 1984, a Universidade de Minnessota, traduziu o texto para a língua inglesa integrando como sexto capítulo da coletânea *Theory and History of Folklore*. No Brasil, o texto foi traduzido com o título “As transformações do conto maravilhoso”, pelos pesquisadores Edson Soares Martins e Newton de Castro Pontes.

Os pesquisadores supracitados defendem que o artigo escrito por Propp (1984) supostamente comporia um capítulo especial da obra “Morfologia do Conto Maravilhoso” e relacionam 18 tipos de transformações ocorridas no conto do escritor russo. O grupo de Mudanças abre-se para as seguintes transformações: Redução, Expansão, Contaminação, Inversão, Intensificação e Atenuação.

Martins e Pontes (2017, p. 189-190) apontam que a transformação de Mudanças, no âmbito de redução “[...], reflete a falta de acordo entre o conto maravilhoso e seu ambiente atual, sua insignificância em um dado meio social, em uma dada época, ou para o narrador”. No que tange à transformação por expansão, algumas características são preservadas outras desprezadas, com a escolha relacionada aos valores transmitidos pelo conto ou relacionada ao cotidiano.

Na categoria Substituições, os autores apontaram: Substituição de um elemento por outro; Substituições externamente motivadas; Substituições confessionais; Substituição causada por superstição; Substituição arcaica; Substituições literárias e Substituições de origem desconhecida. Nos grupos de

transformação por Assimilação, encontram-se os seguintes tipos: Assimilação de um elemento por outro; Assimilações externamente motivadas; Assimilação confessional; Assimilação pela superstição, e, Assimilações Literárias e Arcaicas.

Todorov (2003) expõe que as transformações apontadas por Propp (1984) estão relacionadas exclusivamente ao eixo sintagmático, posição que foi criticada por vários linguísticos como Lévi-Strauss (2006) e Greimas (2008), que defendiam a perspectiva paradigmática. Todorov (2003, p. 303) evita permanecer num lado exclusivo na análise das transformações e afirma que “[...] a análise só tem a ganhar com a colocação em evidência das relações que eles mantêm entre si”.

Assim, podemos entender que as transformações brotam da estrutura da narrativa e, embora os estruturalistas estejam preocupados com a forma e composição da narrativa, acabam esvaziando o enredo que há na mensagem e a transformação que tem referência na figura de retórica proposta pelo autor.

Ora, a transformação representa justamente uma síntese entre diferença e semelhança, ela liga dois fatos sem que estes possam ser identificados. Mais que "duas faces de uma mesma moeda", ela é uma operação com duplo sentido: afirma a um só tempo a semelhança e a diferença; ela engata o tempo e o suspende, num só movimento; possibilita que o discurso adquira sentido sem que este se torne pura informação; em suma: torna possível a narrativa e nos fornece sua definição (TODOROV, 2003 p. 315-316).

A técnica aplicada pela narratologia para decompor a narrativa auxiliou os estudos para apontar os elementos que a compõem. Os autores estruturalistas foram importantes na elaboração e aplicação desse método, identificando os elementos que compõem uma narrativa como personagens, intriga e sequências de ações. Assim, propõem que essa forma de encandeamento dos acontecimentos precisa seguir uma ordem cronológica.

Conforme Luiz Gonzaga Motta (2013), no decorrer dos anos, a narratologia foi se afastando desse modelo rígido de análise estruturalista e ampliando seus conceitos e funções e então surge a nova narratologia, na qual a narrativa passa a integrar o processo das relações humanas e a movimentar também aspectos culturais, sociais, religiosos etc.

Para Motta (2013, p.74), a narratologia vem sendo adotada, nas últimas décadas, por vastas áreas do conhecimento, inclusive pela comunicação social e pelo jornalismo. Em suas obras, o autor empreende-se em demonstrar que a



narrativa ultrapassa as questões literárias e da linguagem, pois, segundo ele a narrativa é um “produtor de sentido”.

Conforme tais pressupostos, a narrativa ao mesmo tempo revela a realidade, apresenta o contexto cultural do ser humano e garante significado para as relações sociais. Ela faz parte das nossas vidas e está envolvida em cada ato dos sujeitos. A narrativa revela como o mundo se expressa e como expressamos o mundo, reafirmando a ideia que narramos para existir.

Etimologicamente a palavra narrativa vem do grego ‘gnarrarre’, que significa modo de pensar ou conhecimento. Nessa acepção todos os nossos conhecimentos dependem da narrativa. Não apenas o conhecimento literário, já que conhecer para compreender o mundo e o próprio ser humano. Narrar é ato de representar nosso espaço, tempo e a nossa própria vida.

Nessa construção a narrativa expõe o olhar do homem sobre vários aspectos (sejam culturais, sociais, políticos ou econômicos) e por isso, como bem afirma Motta (2013), a narrativa interessa à historiografia, às ciências políticas, à antropologia, ao direito, à comunicação e outras ciências.

Essa nova narratologia, à qual me filio, dedica-se ao estudo dos processos de relações humanas que produzem sentidos através de expressões narrativas, sejam factuais (jornalismo, história, biografias, manifestações orais, por exemplo) ou ficcionais (romances, contos, cinema, telenovelas, mitos). Procura entender como os sujeitos sociais constroem intersubjetivamente seus significados pela apreensão, representação narrativa da realidade. A produção cultural de sentidos é, portanto, um fator prévio que implica e engloba essa nova narratologia (MOTTA, 2013, p. 79).

As narrativas registram a experiência do homem no mundo. Estão relacionadas às formas para representar ou imaginar a visão de mundo e as relações sociais – por meio de vários estilos como verbais, musicais, imagéticos – sendo formuladas a partir de uma organização que não precisa ser lógica ou cronológica dos eventos e dos atores envolvidos neles. A narrativa permite ao homem compreender o mundo a sua volta, porque promove sentido. É um trabalho de interpretação e (re)interpretação contínua.

Mais próximo de nosso tempo, as pesquisas narrativas passam a integrar análise hermenêutica, compondo a quarta geração desses estudos. Nesta fase as ponderações de Paul Ricoeur (1994) podem ser tomadas como referência. O autor francês não aceita as proposições de que a narrativa é só a representação do tempo

em sequência de fatos sequenciados. Para ele, é difícil caracterizar o tempo, por isso chama de aporia do tempo.

Ricoeur (1994, p. 85) argumenta que é somente pela narrativa que conseguimos perceber o tempo, mas só o percebemos de fato quando ele adquire um perfil, “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal”. O autor organiza conceitos do filósofo grego Aristóteles sobre mimese e mitos (intriga, enredo) e de Santo Agostinho, no que tange ao tempo para fundamentar tal discussão. Para Ricoeur (1994), os episódios sequenciados em ordem temporal não determinam uma narrativa e a estória deve se ater ao caráter temporal das experiências humanas.

Ricoeur (1994), para falar sobre o tempo, foi instigado pelas inquietações de Santo Agostinho (2001) que em sua obra, Confissões XI, só compreendemos o tempo quando falamos dele. Para Motta (2013, p. 71), a narrativa une os fatos relatados apontando para o presente, passado ou futuro. Esses fatos correlacionados apresentam uma coesão, construindo uma história. Conforme o autor, somente pela narrativa é que podemos apreender o tempo, fazendo ele retroceder para o passado, ir além para o futuro ou permanecer no presente.

Reis e Lopes, (1988, p. 67) complementam esta ideia ao afirmar que o tempo na narrativa é um dos elementos mais importantes, pois, é por meio dele que a história é sequenciada (com início, meio e fim), “[...] uma vez que o próprio ato de contar não só tenta representar essa temporalidade, como se inscreve, ele próprio, no tempo.”

O tempo é, pois, um elemento que caracteriza o conceito de narrativa, que somente por meio dela que o homem pode compreendê-lo. Porém, a estrutura da narrativa fornece ou aciona outros elementos. Gancho (2004, p. 07-23) aponta os fatos, os personagens, o tempo, espaço e o narrador.

Para Gancho (2004, p.10-17) os fatos são a intriga que compõem a história, a sucessão de acontecimentos envolvidos num drama; o personagem é o “[...] responsável pelo desempenho do enredo”; o tempo diz respeito à ordem natural dos acontecimentos; e o espaço é, de um modo geral, não só o “[...] lugar físico onde ocorrem os fatos da história”, mas também o “[...] lugar psicológico, social, econômico, etc” para o qual empregamos o termo “ambiente”.

Ricoeur (1994), por sua vez, com base na Poética de Aristóteles, elabora ciclo mimético (Mimese I, Mimese II e Mimese III), para frisar que os processos narrativos envolvem tanto produção, quanto recepção e apropriação de sentidos.

Conforme ele, o ciclo tríplice da mimese se desenvolve no mundo pré-configurado (Mimese I) – aí o mundo ainda não foi narrado e encontra-se na pré-compreensão das ações humanas; prossegue com a configuração textual envolvendo a intriga ou enredo da trama (simbolizados pela Mimese II); e encerra-se com a Mimese III – que refigura o campo prático pela recepção da obra na relação do leitor com o texto.

De acordo com Ricoeur (1994, p. 87), “[...] seguimos o destino de um tempo prefigurado em um tempo refigurado pela mediação de um tempo configurado”. Para ele é a intriga, o drama, que estão na posição de mediação entre as duas atividades miméticas. Conforme o autor, a dramatização ocupa um lugar privilegiado no relato das experiências temporais do ser humano e é por meio da tragédia que o homem encontra significado naquilo que conta e esboça as marcas da sua própria experiência de vida.

Outro ponto importante, elucidado pela terceira fase do ciclo de Ricoeur (1994, p. 110), é o encontro do texto com o mundo do leitor/ouvinte, pois, durante o percurso da narrativa-leitura e interpretação, é estabelecida uma relação subjetiva entre o texto e o receptor, “a intersecção, pois, do mundo configurado do poema e do mundo no qual a ação efetiva exhibe-se e exhibe sua temporalidade específica”.

Para Ricoeur (1994, p. 119), o que está expresso na obra é acolhida pelo receptor e contempla o surgimento um novo mundo. “O acontecimento completo é não apenas que alguém tome a palavra e dirija-se a um interlocutor, é também que ambicione levar à linguagem e partilhar com outro uma nova experiência, É essa experiência que, por sua vez, tem o mundo como horizonte.”

O ato de narrar é dinâmico e vai agregando novas intrigas e se completando com demais narrativas apresentadas no ato da leitura. Conforme Ricoeur (1994, p. 116), “[...] narrar, seguir, compreender histórias é só a continuidade dessas histórias não ditas”. Segundo o filósofo (1994, p. 123) o ato da refiguração é uma ação hermenêutica redescobrimo o mundo por meio da narrativa que permite o leitor re-significar um mundo ideal, apropriando-se da intriga que foi narrada, “o que é interpretado num texto é a proposta de um mundo que eu poderia habitar e no qual poderia projetar meus poderes mais próprios”.

Conforme tais pressupostos, o cerne da narrativa é o enredo/intriga, que suscita sentido para a própria narrativa e na qual o leitor pode se encontrar. Conforme afirma Gomes (2012, p. 184), “[...] a intriga é a inteligência narrativa e resulta da competência do escritor em agenciar incidentes de forma seletiva e significativa, associando acontecimentos segundo seus valores, elegendo sujeitos como heróis e vítimas, encadeando subenredos em uma sequência lógica”.

Neste sentido, a narrativa prossegue sua transformação. O leitor passa a entendê-la e contá-la de acordo com suas emoções e passa a ser o “quarto narrador” do evento, tendo um papel importante no ciclo mimético e na sequência dos acontecimentos (MOTTA, 2013). Canclini (2008, p. 150) esclarece, com base na estética da recepção, que não há interpretações corretas ou falsas sobre uma narrativa, pois, para ele, “[...] toda escrita, toda mensagem, está infestada de espaços em branco, silêncios, interstícios, nos quais se espera que o leitor produza sentidos inéditos”.

O ato de interpretar move o leitor para uma ação construtiva cheia de valores e pensamentos morais e éticos. Conforme Eco (2013, p. 34), o texto/narrativa “[...] é uma máquina preguiçosa que exige que os leitores façam a sua parte – ou seja, é um mecanismo concebido para suscitar interpretações”.

Eco (2010, p. 15) nos diz ainda que é possível tecer infinitas hipóteses sobre o que acreditamos ter sido a intenção do autor ao escrever determinado texto. Para ele, mais que parâmetro utilizável para validar a interpretação, o texto/narrativa é um objeto que a interpretação constrói na tentativa circular de validar-se com base naquilo que o constituiu. A narrativa, então, só passa a existir quando é feita uma interpretação a respeito dela. Existe quando o leitor, o espectador, se presta a dar-lhe atenção.

Eco (2013) discorre ainda sobre os possíveis limites da interpretação na obra narrativa. Baseada na linguagem em forma de escrita, sinais e signos, esta possui limitação na escrita, mas não na parte subjetiva. O leitor ou intérprete é dotado de componentes ligados à sua realidade, personalidade, ideologia que direcionam a conclusões diversas, pois, conforme o autor, a obra é aberta e está entregue às múltiplas interpretações.

Há três tipos de autores, afirma Eco (2010): um é aquele que sempre rejeitará interpretações, alegando nunca ter pensado naquilo que seu texto sugeriu ao interpretante; outro é o que concede ao leitor razão em suas interpretações,

admitindo que sua palavra (a do autor) foi além do que esperava dizer. O terceiro tipo de autor é argumentativo e vai discutir as razões da interpretação apresentada, questionando sua existência.

Em todos os casos, conforme Eco (2010, p.87) “[...] a resposta do autor não deve ser usada para convalidar as interpretações do texto, mas para mostrar as discrepâncias entre a intenção do autor e a intenção do texto”. Neste aspecto, podemos entender que devemos evocar a presença do leitor que Eco (2010) denomina de leitor-modelo, capaz de realizar infinitas interpretações sobre a obra, criando um elo com o próprio texto.

A narrativa passa, desse modo, pelo crivo cheio de vicissitudes do leitor, que tem o direito de adotar diversos significados para uma obra. Para Eco (2003, p. 75-76), “[...] o texto constrói-se por intermédio da interpretação, de forma que a sua intenção é revelada na própria leitura”. Portanto, o mundo vai se apresentado para o leitor por meio da interpretação da narrativa.

Assim como Canclini (2008), Eco (2003) discorre ainda que não existe limites para o intérprete e que nem podemos conceituar uma interpretação como certa ou errada. Pois, segundo ele, o processo da interpretação é livre, no entanto, manterá a interconexão entre os fatores sociais e a realidade do receptor.

Para destacar os olhares que se lançam sobre a mesma realidade, Portelli (2010, p. 60) é outro autor que ressalta que ambos sempre são dotados de “autoridade e autenticidade”, embora uns valorizem a unidade e o protagonismo do indivíduo, outros buscam acionar quadros sociais e modelos de cultura. Conforme os pressupostos do autor, é no processo de interpretação, contra-interpretação e reinterpretção que a narrativa se constitui.

Esse triplo processo envolvendo a narrativa expõe que o texto pode ser adotado pelo leitor por vários significados, irrompendo a dimensão espaço/tempo. Conforme Veneroso (2012, p. 48), esta é uma estratégia referencial típica do pós-modernismo, no qual, através da intertextualidade, textos são reescritos para irradiar novos sentidos a partir deste processo de “[...] raptos, absorção e integração de elementos alheios na criação da nova obra”.

Essa discussão da narrativa como promotora de sentido e efeito de real também mantém ligação com as discussões da narrativa no campo da história. Para o historiador francês Roger Chartier (1988, p.17), os textos/narrativas possuem significados sociais impregnados de fatores que apontam para o real. Essa

percepção do real é apreendida por categorias como classe social e meios intelectuais, criando representações significativas que no presente podem “adquirir sentido”, ou tornar “inteligível o espaço a ser decifrado”.

Chartier (1988) critica a forma de fazer história como uma categoria objetiva preocupada em reconstruir a sociedade com base em documentos, desprezando a subjetividade. Aponta o trabalho de Ricoeur (1994) na construção da teoria da leitura, para defender a relação do leitor com o texto na refiguração de significados e afirma que muitas vezes essa interpretação possui traços marcados pelas instituições de poder. Com base nas ideias de Ricoeur (1994), o autor escreve: “[...] as modalidades do agir e do pensar devem ser sempre remetidas para os laços de interdependência que regulam as relações entre os indivíduos e os que são moldados de diferentes maneiras em diferentes situações, pelas estruturas do poder” (CHARTIER, 1988, p. 25).

Portanto, para ele, o ato de ler não é apenas uma forma de codificar signos e manter o significado semântico do texto; a relação vai muito além, torna-se um vínculo cheio de significados. No ato da leitura, portanto, o leitor tem a liberdade de interpretar a narrativa de acordo com sua realidade social. O ato de narrar nossas experiências temporais não termina e, assim, “[...] compreender histórias é só a continuação dessas histórias não ditas” (RICOEUR, 2004, p. 116).

Nessa compreensão, podemos apontar como o processo de refiguração de Ricoeur (2004) causa sentido para o leitor que se apropria do texto. Conforme argumenta Chartier (1988, p.26-27): “[...] a apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais e culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem”.

As noções de distinção e de apropriação que Roger Chartier (1988, p.130) utiliza para problematizar o registro escrito e a relação dialógica entre o(s) autor(es), o texto e o leitor estão intimamente ligadas pela disposição criativa e inovadora, nesse encontro, favorecidas pelas “maneiras de ler” e pelos “protocolos de leituras inscritos no texto”.

A constatação dessas diferenças no seio das práticas sociais, segundo o autor, não deve sugerir, por sua vez, a existência de um sistema neutro, de equivalência dessas práticas. “Aceitar uma tal perspectiva seria esquecer que os bens simbólicos, assim como as práticas culturais, são sempre objeto de lutas que

têm por risco sua classificação, sua hierarquização, sua consagração (ou, ao contrário, sua desqualificação)” (CHARTIER, 1988, p.153).

Na operação historiográfica, Chartier (1988, p.63) aponta a utilização de textos históricos (fáticos) e textos literários (ficção) na reconstrução da realidade. Ele argumenta que o texto literário, considerado de ficção, quando utilizado pelo historiador em sua análise social adquire estatuto de documento histórico. “O texto literário ou documental não pode nunca se anular como texto”. Ambos os textos foram elaborados com estrutura e regra discursiva, de acordo com cada gênero, e com intelectualidade. Nenhum deles é ingênuo. Apresentam intencionalidades e criam realidades.

Chartier (1988, p.63) esclarece ainda que a representação dessa realidade pode ser encontrada na parte externa do texto. “O real assume assim um novo sentido: aquilo que é real, efetivamente não é (ou não é apenas) a realidade visada pelo texto, mas própria maneira como ele a cria, na historicidade de sua produção e na intencionalidade de sua escrita”.

Existem historiadores que discordam sobre o contexto de narrativa para se reportar as questões da história. Porém, historiadores como Chartier (1988) trabalham na vertente da história interpretativa, sendo aí a narrativa uma promotora de sentido e do real.

Assim como para Chartier (1988), para Michel de Certeau (1982) a operação historiográfica está também vinculada a um lugar social e o contexto em que está inserida determina o padrão da pesquisa revelando valores culturais, políticos e tradições. Certeau (1982, p.66) define que a história pode ser analisada pelo lugar, metodologia e pela escrita. Para ele:

De fato, a escrita histórica ou historiadora não permanece controlada pelas práticas das quais resulta; bem mais do que isto, ela própria é uma prática social que confere ao seu leitor um lugar bem determinado, redistribuindo o espaço das referências simbólicas e impondo, assim, uma “lição”; ela é didática e magistral” (CERTEAU, 1982, p. 95).

Conforme Certeau (1982), a escrita ocupa uma posição social encarregada de transmitir valores e apresentar a forma como o homem pensa, entende e apreende o que está em sua volta, “[...] o lugar de produção do texto se transforma em lugar produzido pelo texto” (CERTEAU, 1982, p. 98).

Certeau (1982, p.100) discorre sobre o tempo na história apreendido pela narrativa que suporta as transições da temporalidade: “[...] os contrários são compatíveis, no mesmo texto, sob a condição que ele seja uma narrativa”. Para o autor, o texto narrativo apreende o passado para explicar o presente e a escrita na história se dá de forma mista, reunindo narração, discurso histórico e lógico. Abarca as características da narrativa na construção da operação historiográfica reportando “[...] uma ordem de sucessão, o tempo referencial”.

Para Certeau (1982, p.100) a narrativa estabelece uma sequência de unidade permeada pelo tempo, sendo uma sucessão de eventos organizando a temporalidade ou trabalhando de forma inversa anacrônica, “[...] objeto de omissões e de inversões susceptíveis de produzir efeitos de sentido”. O autor argumenta ainda que a escrita (que reúne narração, discurso histórico e lógico) pretende dar ao conteúdo um tom verdadeiro (que vem da verificabilidade), mas sob a forma de uma narração.

Certeau (1982) aponta para a obra de Aristóteles para assegurar a sequência da unidade narrativa promovendo um enredo com significado, e, assim, marcar o lugar social que está presente na escrita da história pela atuação do historiador. Para ele as unidades textuais são carregadas de figuras metafóricas. Assim, o narrador se torna presente no texto em sua seleção de signos (figuras sintagmáticas e paradigmáticas) transcrevendo o lugar social em que se encontra.

Conforme o historiador (CERTEAU, 2008, p. 101), neste misto de gênero e estilo, a escrita (na operação historiográfica) para garantir uma credibilidade, trabalha a verdade introduzindo citação, “[...] extrai da citação uma verossimilhança do relato e uma validade do saber”, e produz credibilidade.

Em acordo com Veneroso (2012) citado anteriormente, percebemos, porém, que a pós-modernidade marca um momento de mudança no pensamento sobre as questões que envolvem a arte, a cultura, a sociedade e suas narrativas. Para Terry Eagleton (1998, p. 07), ela é “[...] uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação”.

Relembremos Benjamim (1987, p. 200), que discorre sobre qual seria a natureza da narrativa. Para ele, para ser verdadeira, ela deve ter uma dimensão utilitária, que pode “[...] consistir num ensinamento moral, seja numa sugestão



prática, seja num provérbio ou numa norma de vida”. Mais do que dar conselhos, diz Benjamim (1987), a narrativa expressa as experiências do homem. O narrador possui a sensibilidade de intercambiar, comunicar, compartilhar as experiências, formando uma conexão de estórias emaranhadas de forma singular.

Portanto, todo texto (e sua narrativa) é mais do que o resultado da vontade de seu autor. Como bem lembra Veneroso (2012), são as intertextualidades responsáveis por trazer ao texto sentidos mais abertos, interligados com diversas fontes, já que “[...] todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 1974, p. 64).

Com base nesse pensamento, podemos considerar a narrativa constituída de uma estrutura formada por unidades ligadas pela temporalidade, passando por etapas e transformações, partindo do interlocutor até o receptor que interpreta conforme sua realidade social. Nela, a mimese representa a realidade estimulada pela diegese. Como elucida Motta (2013, p.73), “[...] quando escutamos, quando assistimos ou quando lemos uma estória, estamos na estória, e recriamos a sua significação a partir da relação que fazemos com os nossos próprios valores e nossa memória cultural”.

A narrativa implica, portanto, aceitar que há uma relação entre texto e leitor e que este é o responsável por tornar aquele primeiro uma obra (VIEIRA, 2001). A narrativa cria uma conexão com o leitor que se identifica com o enredo (fático ou fictício) fornecendo elementos para a reconstrução da estória.

Para Motta (2013), essa relação entre os interlocutores cria sentido por meio da performance da linguagem. Ao narrar, encarnamos a imagem do mundo e as condições do ser humano, em suas aflições, alegrias, medos ou jogos de disputa. Narramos, portanto, para produzir conhecimento, construir uma estória e repassar valores e ideologias.

O que o homem faz na sociedade, pensa e idealiza está refletido na narrativa. Os sujeitos organizam a narrativa conforme a intencionalidade. Por isso, a construção da narrativa obedece a uma estrutura organizada para atrair o receptor e aponta para as interpretações e os efeitos desejáveis. Motta (2013, p.82) argumenta que as estratégias narrativas (as narrativas e narrações) são, portanto, “[...] formas de exercício de poder e de hegemonia nos distintos lugares e situações de comunicação”.

Enfatizamos dessa forma, que as narrativas se transformam na sua própria base; nos eixos sintagmático, paradigmático e nos estágios de equilíbrio e desequilíbrio, apontando as sucessões de eventos que configuram a intriga. A nova narratologia integra a narrativa além dos princípios linguísticos e literários e aí a narrativa passa a provocar sentidos e convidar/envolver o leitor para construir a realidade – na coconstrução de significados, conforme Motta (2013).

Gomes (2006, p. 188) destaca ainda que o receptor é o coenunciador da história que lhes contam, “[...] não só contando uma mesma estória de diferentes formas, mas sempre contando novas estórias”. São estórias que já existiram e tonam-se novas no processo de refiguração mimética da narrativa. Motta (2013) diz que cabe ao leitor então tecer os fios dos acontecimentos-intriga e Gomes (2006, p. 184) explica que narrar é envolver todas as pessoas com a intriga a ponto de causar uma relação. Para ele, “[...] narrar história é enredar pessoas, instituições e ideias, é também enredar-se como narrador – seja em textos científicos ou jornalísticos”.

Como vimos, então, os estruturalistas contribuíram para apresentar método para identificação das partes que compõem uma narrativa, assegurando apontar as personagens envolvidas e a intriga (enredo). Só que tais narrativas encarnam uma série de transformações, que iniciam no seu próprio interior, nas formas bases que abrem espaço para novas derivações apontadas por Propp (1984). Todorov (2006) segue adiante descrevendo as transformações na sucessão de acontecimentos na narrativa, passando de equilíbrio para desequilíbrio. Já, a nova narratologia integra a narrativa como construtora de sentido, permeada de significados e interpretação estabelecidos pelo ciclo hermenêutico descrito por Ricoeur (1994) na trilogia mimética.

A partir de então, a narrativa passa a ser tomada como geradora de sentido, estabelecendo relação mimética na concepção da ideia do autor, na forma de texto e na abordagem do receptor. No jornalismo, assim como na história, se aciona um tipo de narrativa não ficcional que trabalha com fatos. Ambas as narrativas percebem o tempo e a noção de real apresentando o contexto em que ocorreu o acontecimento. Como o jornalismo pensa e idealiza o mundo em suas narrativas é o que discutiremos no tópico seguinte.

## 2.2 DA NARRATIVA JORNALÍSTICA

No jornalismo, a notícia tem a missão de informar, relatar os acontecimentos atendendo um padrão técnico de redação, acionando valores como verdade, imparcialidade e objetividade. Geralmente o texto das notícias apresenta descrição de detalhes dos fatos na iminência de garantir para o receptor a construção de uma possível sensação de efeito de real, pois, conforme Dalmonte (2009, p. 4), “[...] a apresentação do real é a condição necessária que justifica a existência do jornalismo”.

Porém, é importante ressaltar que, embora atendendo às regras objetivas e organizacionais, os relatos jornalísticos são carregados de intencionalidades nos modos de construção da narrativa e em suas traduções do real. O jornalismo e os jornalistas não conseguem se desprender do seu eu e existem diversos processos (subjetivos, culturais, históricos ideológicos, políticos, de linha editorial, etc.) acionados no processo de construção das notícias.

Em seu trabalho de investigação, Carlos Eduardo Franciscato (2000) revela como a notícia jornalística constrói o presente, ainda que acionando temporalidades distintas dos acontecimentos. Para o autor, o tempo é a base do jornalismo, sendo um elemento especificador da notícia, que produz sentido amparada pela temporalidade.

No jornalismo, o conteúdo noticiado geralmente coincide com o cotidiano das pessoas estabelecendo sentido, embora em espaço distinto, provoca o pertencimento para a coletividade. Segundo Franciscato (2000, p.07), “[...] a sociedade é um corpo com um mínimo de homogeneidade, cujos processos, situações, atores, temas e questões podem ser conhecidos por meio de relatos jornalísticos padronizados”.

Franciscato (2000) ressalta que a notícia não está presa somente à temporalidade presente e ao critério de “novidade”. Quando o acontecimento possui relevância pública, fatos que vão interferir na vida das pessoas, embora já tenham sido noticiados, mas apresentaram novos aspectos, tornam-se atuais (re)produzindo sentido.

A atualidade não está somente presa à temporalidade das ocorrências, mas no que os leitores reconhecem como atual (e dotado de relevância) para ser veiculado pelos jornais. Esta forma de pensar a atualidade jornalística reforça o papel dos leitores como receptores do conteúdo noticioso (FRANCISCATO, 2000, p.15).

Neste caso, a notícia, mesmo apresentando fatos que remetem ao passado, torna-se assunto repercutido entre os leitores. De acordo com Franciscato (2000), apesar do jornalismo relatar fatos do cotidiano e provocar semelhança com a vida das pessoas e despertar sentimento de pertencimento, não se pode vincular atualidade e realidade.

O autor destaca que ao fazer a seleção dos assuntos adotando os critérios de valor-notícia estabelecidos pela padronização do jornalismo, o jornalista tenta apresentar uma realidade possível. “O jornalista não faria exatamente uma construção da realidade, mas de um “mundo possível” (aquele a que o jornalista tem acesso e é possível de ser reconstruído pelo discurso jornalístico) (FRANCISCATO, 2000, p.15).

A própria dimensão teórica e metodológica da narratologia, sistematizada por Motta (2013), demonstra como o texto jornalístico está permeado de objetividades e subjetividades em complexos jogos de sentidos que atribuem significações à realidade e aos acontecimentos.

Como vimos anteriormente, para Motta (2004), as narrativas são formas de exercício de poder e de hegemonia nos distintos lugares e situações de comunicação. A narrativa jornalística ultrapassa o ato de apresentar fatos do dia a dia e apresenta-se com viés político e ideológico. Segundo ele, a notícia reflete a realidade e o contexto em que o homem está inserido, podendo desfrutar de experiências para recontar o fato.

Essa reconfiguração se realiza nos atos de leitura das notícias de cada dia quando o leitor, ouvinte ou telespectador criativamente reinterpreta, sob mesmo fundo cultural do autor, o percurso de representação dos dramas e tragédias do homem moderno (MOTTA, 2004, p. 02).

O relato jornalístico, portanto, pretende sempre apresentar uma realidade e contribuir para uma compreensão da sociedade sobre o fato ocorrido. Porém, para Motta (2004, p. 33), sua atuação vai além da produção de notícias, é “[...] um processo sociocultural de produção, veiculação e absorção dos fatos do cotidiano,

que atua na construção social da realidade, à medida que se transforma em experiências compartilhadas do mundo”.

A narrativa no jornalismo torna um fato corriqueiro num relato que merece ser contado e registrado. Apesar do modelo textual do jornalismo apresentar-se pretensamente de forma direta e seletiva para alcançar objetividade e veracidade nas informações, podemos encontrar na narrativa jornalística o relato de uma experiência envolvida numa intriga cheia de personagens, acontecimentos com sinais sociais, econômicos e políticos que apontam para a realidade.

Motta (2012, p. 28) explica que a narrativa ajuda o homem a reconstruir a realidade de forma mimética, numa época em que as pessoas são cada vez menos testemunhas diretas ou oculares dos fatos. A narrativa jornalística permite que se tenha “[...] cada vez mais contato com o mundo exterior através de representações virtuais e discursivas da realidade”.

Dessa forma, é importante lembrar que a estrutura da narrativa no jornalismo pode revelar mais do que informações fáticas – aponta valores sociais, culturais, políticos proporcionando ao receptor a construção e compreensão da realidade em sua volta. Carvalho (2012, p.173) diz que somente pela narrativa uma ação isolada ganha sentido para o homem. Narrar para ele é, portanto, “[...] ação de permanente atualização, é a capacidade humana de tornar a atualidade mais do que um momento que logo em seguida se perderá na memória”.

Segundo Motta (2013, p.96), na notícia jornalística o tempo é necessariamente “difuso, anárquico e invertido”. Com a predominância da técnica da pirâmide invertida, o texto jornalístico aborda o acontecimento considerando a informação mais importante para iniciar o enredo, mas não seguindo uma ordem cronológica. Em linhas gerais, o texto do jornalismo enfatiza critérios técnicos. Porém, para construção da narrativa jornalística é necessário reorganizar a estrutura da estória, reordenando o tempo, recompondo os personagens, cenários e conflitos.

O tempo torna-se um elemento fundamental na recomposição do acontecimento narrado pelo jornalismo. É necessário aí reordenar a abordagem jornalística redirecionada para um tempo que apresente início, meio e fim. Motta (2013) afirma que somente dessa maneira é que a notícia se torna uma narrativa jornalística com uma ordem cronológica, apontando para a intriga desenvolvida por personagens.

Recompondo a notícia como acontecimento-intriga (com componentes como tempo, cenário, personagem e lugares) surge na abordagem jornalística o que podemos qualificar como uma nova ordem narrativa. Com essa retessitura conectando cada parte do texto, a intriga existente na narrativa jornalística é revelada e possível de ser identificada apontando os vilões, heróis e o enredo do fato. Conforme Motta (2013, p. 98), essa trilha apaga a dureza do texto jornalístico e faz surgir a poética jornalística.

Dessa maneira, surge uma narrativa jornalística em ordem temporal com novo enredo/intriga, tornando-se uma representação do mundo real (mimese) e produzindo significado. De acordo com Motta (2013, p.99-110),

Ao realizar essa recomposição do acontecimento-intriga, passamos a compreender a mimese jornalística não apenas como uma atividade de representação realista difusa do real fático, mas como uma atividade produtora de sentidos culturais; uma mimese histórica instituidora da realidade, formadora e constituidora do pensamento contemporâneo em todas as dimensões dessa afirmação.

Para o autor acima citado, a recomposição da notícia reestruturando a ordem do tempo e dos acontecimentos abre caminho para o leitor construir cognitivamente sentidos e significados a partir de suas experiências, contexto social, econômico e memórias.

Entendemos, portanto, a narrativa jornalística como relato de informações, estabelecendo sentidos para o receptor compreender sua realidade. Porém, para Carvalho (2012), o mais importante é que as narrativas jornalísticas contribuam para o desvendamento da multifacetada realidade social. Essa realidade transcrita pelo sujeito jornalista-narrador aciona interferências ideológicas, políticas e sociais na concepção do receptor, quando este se depara com a narrativa jornalística, pois, a narrativa é viva e dinâmica. Ela pertence a quem narra e a quem a reconfigura.

Em seu processo de transformação, as mudanças de sentido vão se desenvolvendo e a narrativa jornalística vai sofrendo transmutações. É uma ação da mimese a refigurar o sentido da realidade, mudando constantemente.

Como bem lembra Benjamim (1987, p. 07),

O extraordinário e o miraculoso são narrados com maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação.

Para Motta (2013), existe no jogo de poder, uma disputa pela voz na narrativa jornalística manifestada pelo veículo, jornalista e personagens – neste caso entendidos como fontes: políticos, pesquisadores, especialistas, empresários ou instituições. O conflito aí existente se inicia na construção da notícia, com a influência ideológica e comercial do veículo de comunicação. Em seguida, passa pelo jornalista explicitando na escrita valores morais e profissionais e pelas fontes que disputam espaço para determinar a direção do debate.

Conforme Motta (2013, p. 220),

[...] ninguém entra numa relação comunicativa jornalística de maneira ingênua. Uma contínua e invisível troca de poderes ocorre. Cada ator tenta fazer prevalecer seus interesses, avança ou retrocede, dependendo de seu capital político e da correlação de forças.

Precisamos lembrar, assim, que as relações de poder entre o veículo, jornalista e fontes (personagens) são sempre complexas e conflitantes. Motta (2013) exemplifica esse conflito apresentando um diagrama dos níveis de poder na narração jornalística.

O diagrama proposto por Motta (2013) foi traçado a partir do modelo de Hernandes (2006, p. 44), porém nesta versão alguns elementos não foram inclusos por apresentar objetivos diferentes trabalhados pelo jornalismo. Na atual matriz se apresenta uma seta com duas vertentes, revelando uma movimentação no jogo de poder e na disputa de voz, conforme a negociação de interesse de cada narrador envolto no processo jornalístico (ver Figura 1).

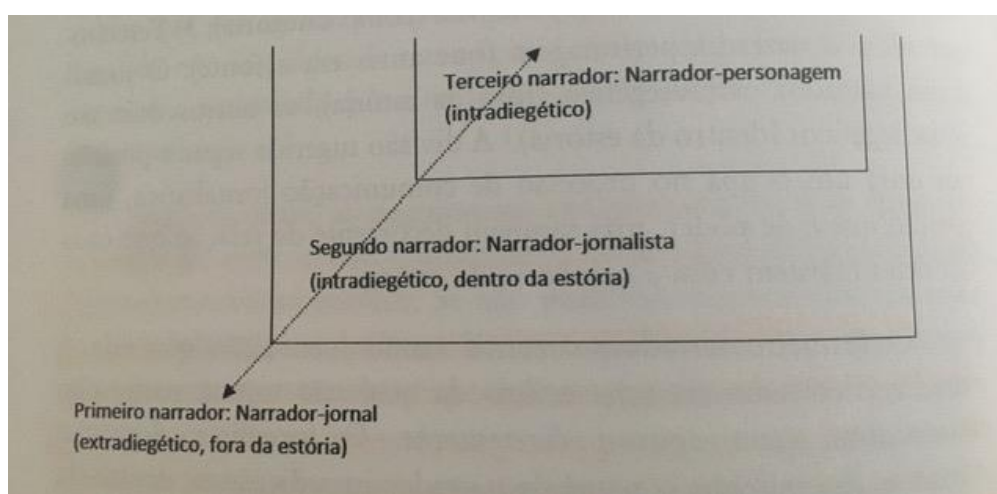
Conforme esclarece Motta (2013, p. 226), assim:

O poder opera predominantemente de fora para dentro. Flui no sentido longitudinal, do Primeiro narrador para o Segundo, e deste para o Terceiro. Mas esse poder não se exerce de forma linear, de fora para dentro somente [...] o poder simbólico é continuamente negociado e pode refluir de dentro para fora, dependendo do capital político de cada ator e da correlação de forças de cada situação concreta. O Segundo e o Terceiro narradores possuem, cada um, força política própria, e manobram astutamente artimanhas que põem em prática um contrapoder em cada momento, consciente ou inconscientemente, cedendo ou conquistando o direito de voz e a visibilidade, o direito de tornar pública a sua própria versão.

Segundo Motta (2013), a posição de cada narrador tem uma funcionalidade específica na narrativa jornalística. Bucci (2000, p. 93) ressalta que existe múltiplos

narradores no texto jornalístico, “[...] o jornalista é, portanto, um sujeito falando de outro sujeito para um terceiro sujeito. Ou é um sujeito falando com outro sujeito sobre um terceiro. E um quarto. Rigorosamente, então, o jornalismo não tem objetos – só tem sujeitos”. Sujeitos que competem entre si, pois, “[...] cada um deles tem seus interesses específicos, sua competência e capital político, tem relativa consciência dessa posição e força, cede ou avança conforme seja mais forte ou mais fraco em cada dia, em cada disputa específica (MOTTA, 2013, p. 226)”.

**Figura 1:** Diagrama dos níveis de poder na narração jornalística



Fonte: Motta (2013, p. 226).

Motta (2013, p. 227-228) explica que o Primeiro narrador, em seu diagrama dos níveis de poder na narração jornalística, é o veículo de comunicação, que detém maior poder de voz e utiliza esse poder para comercializar a estória, manifestando o poder de manipulação. Ele tem o poder legitimado pela sociedade em dizer, enunciar, explicar, interpretar ou revelar, fortalecendo a posição de instituição, com o poder de garantir visibilidade, negociando o lugar de fala.

O Segundo narrador encontra-se na posição do jornalista que está subordinado ao Primeiro narrador. O seu poder está centralizado no artifice técnico da profissão em selecionar e posicionar os atores sociais em personagens (antagonistas, heróis, vilões, etc.), responsáveis por tecer a intriga da estória, valorizando alguns argumentos e desprezando outros.

Motta (2013) ainda apresenta o Terceiro narrador como sendo os personagens (fontes), que estão submetidos pela hierarquia ao jornal e ao jornalista.



Segundo o autor, a voz do narrador terciário poderá ganhar relevância dependendo dos outros dois narradores anteriores. Para ele (MOTTA, 2013, p. 230),

A voz das personagens parece ganhar autonomia cada vez maior na narrativa jornalística porque como atores sociais ativos, as fontes estão mais conscientes das disputas simbólicas e se preparam para atuar para a mídia.

Na sequência de análise da disputa de poder na narrativa jornalística, Motta (2013) deixa de lado a figura do Quarto narrador – o qual destacamos como o sujeito receptor, que acessa o material jornalístico e que tem o poder da interpretar e reconstruir essas narrativas.

Observamos a partir de então uma acirrada disputa neste jogo de poder pela dominação do poder de voz na narrativa jornalística. No diagrama dos níveis de poder na narração jornalística convivem vozes de posições diferenciadas, que compartilham do mesmo interesse: influir ou dominar as relações sociais, comerciais, financeiras ou políticas.

Para Carvalho (2012, p. 178-179), a narrativa jornalística só ganha sentido a partir da interpretação da leitura dos receptores que dão continuidade na narração – a partir da atuação do Quarto narrador. Segundo o autor, nesse sentido, a dimensão relacional inscrita na tríplice mimese de Ricouer (1994) “[...] cria uma determinada expectativa de leitura, mas não é capaz de encerrar uma única possibilidade de percepção do mundo a partir dos acontecimentos narrados.”

Nesta construção, é o narrador-leitor que continua a dar prosseguimento, ressignificando as produções jornalísticas e elaborando uma nova narrativa a partir delas – que hoje as compartilha principalmente nas redes sociais (sem importar se são verdadeiras ou falsas). Quadros (2018) reforça que o receptor, aqui considerado como o Quarto narrador, entra em disputa para garantir espaço e liberdade para reconfigurar a narrativa.

É dessa forma que, conforme o autor, a narrativa jornalística permite-nos “[...] visualizar as porosidades do jornalismo, interpretando-o como um palco de disputas, onde diferentes vozes entram em conflito por visibilidade, inclusive a dos receptores, antes vistos apenas como o ponto final do processo comunicacional (QUADROS, 2018, p. 318)”.

A figura do Quarto narrador que incorporamos ao diagrama dos níveis de poder na narração jornalística de Motta (2013) se fortalece no contexto das plataformas digitais, onde cada usuário torna-se um narrador. Neste ambiente tecnológico, Motta (2013) reconhece que “[...] nunca antes fomos tão narradores, e simultaneamente destinatários, de nossas próprias aventuras”. Nas redes sociais o Quarto narrador protagoniza múltiplas narrativas, porém quando se trata das narrativas jornalísticas, produzidas pelas mídias tradicionais, a disputa aponta antes para o veículo, o jornalista e as fontes.

Retomando o círculo hermenêutico de Ricoeur (1994), lembramos que até mesmo no jornalismo o autor revela uma trama cheia de significados, descortinando a possibilidade para imaginação (diegese) do destinatário. Na prática da leitura, cabe ao leitor refigurar o texto, quando o mundo da narrativa se encontra com o seu mundo. A tríplice mimética de Ricoeur (1994) revela então a dimensão criadora da narrativa. E, no caso da narrativa jornalística, o leitor refigura a sua realidade e os fatos que não foram mencionados no texto.

A tríplice mimese de Ricoeur (1994) ajuda a esclarecer o processo do jornalismo como narrativa e a sua relação com o mundo dos fatos. O autor aponta que a mimese existirá se houver a intriga a qual movimenta personagens (antagonista e protagonista). Como vimos, Ricoeur (1994) diz que a mimese II irradia para as demais, I e III. Ela se move/costura a possibilidade a existência das demais mimeses.

Parece-nos evidente, portanto, que a narrativa jornalística só ganha sentido a partir da interpretação e da leitura dos narradores-leitores. Carvalho (2012, p.181) evidencia que a narração dos fatos pelo jornalismo apresenta um mundo prefigurado, mediado pela configuração dos narradores jornalísticos, mas somente adquirindo sentido, embora não sendo único, a partir das múltiplas leituras.

Conforme argumenta Prior (2018, p. 09):

As narrativas jornalísticas são sempre constituídas por elementos referentes à vida social, mas o narrador desempenha um papel determinante na seleção e organização temporal das ações ou dos acontecimentos sociais, tendo sempre em conta um determinado propósito ao narrar ou uma determinada intenção comunicativa.

Os narradores (jornais, jornalistas, personagens e leitores), diz Motta (2013, p. 89), procuram por “[...] estratégia, artimanhas próprias, manter a objetividade do

relato, representar fielmente o real: procuram contar desde uma visão externa dos fatos, para provocar a falsa imagem que os fatos registrados falam por si mesmos”.

Porém, assim como no relato histórico, o relato jornalístico, apresenta relação com os múltiplos (con)textos na construção da realidade. E, mesmo a narrativa jornalística evocando o mesmo princípio no relato dos seus fatos, neste percurso e como representação do real, ela estabelece uma conexão com os preceitos da nova história e aciona os princípios de Chartier (1988) para enfatizar os significados sociais que a leitura produz com o leitor.

A notícia aí só pode ser tomada como um relato social que coincide com a vida das pessoas, as quais após se apropriarem da leitura fazem a refiguração do texto conforme seu lugar que ocupa no espaço social.

A narrativa jornalística também trabalha com os princípios de verdade, veracidade e objetividades, estabelecidos pela escrita na história, conforme Certeau (1982; 2008). A narrativa jornalística ainda propicia sentidos de real. Mas não se pode negar que hoje o seu lugar social corresponde a (outras) intervenções produtivas de autores-narradores múltiplos, abertas a interpretações variadas de autores-narradores múltiplos também atuantes nessa relação mimética.

Em nosso tempo, assim como a história, o jornalismo (e suas narrativas) são práticas de mediação social e ao apropriar-se da narrativa para contar sua própria história ou acontecimentos numa operação jornalística (ou historiográfica), tanto o historiador quanto o jornalista pretendem produzir o efeito de real apresentando a veracidade dos fatos conforme os documentos, relatos e citações.

É por isso que as narrativas apresentadas em diversas formas e gêneros (jornalísticas, históricas, cinema, rádio ou atualmente pela forma virtual), produzem sentido e envolvem o leitor num emaranhado de significados, pois, como afirma Benjamin (1987, p.198), “[...] a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorre todos os narradores”.

Com o pronunciamento da multiplicidade dessas narrativas, a partir do advento das novas tecnologias de informação e comunicação, e com a consolidação das redes sociais digitais, com conteúdos cada vez mais dinâmicos e difusos, a disputa de sentidos entre esses múltiplos autores-narradores tende a se acirrar – com a narrativa jornalística correndo o risco de apagamento de suas fronteiras e/ou de transformar-se em outra coisa.

Carvalho (2012, p. 180), por exemplo, aponta uma preocupação sobre as questões éticas envolvendo a narrativa jornalística neste contexto digital. Para o autor, quando o narrador interfere e mácula a mimese II (Configuração), revela uma ruptura na questão moral que está ligada na mimese I, (Prefiguração) e por sua vez não gera confiança na mimese III, que é a reconfiguração do leitor.

É devido a esse intervalo de confiança, que as pessoas passam a interpretar uma narrativa (mal-intencionada), com traços da manipulação ou mentira, como *fake news*. Esse fenômeno, que emerge no âmbito global, atinge principalmente o leitor-narrador que não possui tempo para checagem das informações e que deposita excessiva confiança em outros narradores-leitores de credenciais duvidosas.

Este fenômeno e suas brechas (seus intervalos) nos autorizam a prestar melhor atenção às mutações e transmutações da narrativa jornalística – entendidas aqui como mudanças impostas às narrativas, relacionadas principalmente aos processos de mimese II e III, e, potencializadas pelas redes sociais e seus vários formatos.

Neste mundo de múltiplas narrativas e vários significados, a verdade navega nas plataformas digitais em paridade com a inverdade. É por isso que nos perguntamos neste trabalho sobre as mudanças nas narrativas jornalísticas, que agora podem ser verdadeiras ou falsas, e sua nova significação no universo narrativo do jornalismo.

### 2.3 DAS TRANSMUTAÇÕES NAS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS

Desde as discussões da Mimese (imitação) – Mito (representação) – Diegese (imaginação) dos gregos; passando pela Narratologia de Propp (1984); e pela análise estrutural da narrativa de Todorov (2003; 2006) percebemos que as narrativas podem mudar em seu percurso de significação.

Todorov (2003; 2006), por exemplo, afirma que toda narrativa pressupõe um processo de transformação (Estado inicial – Desequilíbrio – Equilíbrio) e que sempre existirá em tensionamento (entre temporalidade e organização sintagmática/paradigmática).

No reino (agora digital) dos “homens-narrativas”, essas narrações em movimento e/ou esse movimento de narrativas, conforme Todorov (2003; 2006), são

impulsionados por Mudanças, Substituições ou Assimilações – capazes de representar a síntese entre diferenças e semelhanças movimentadas nos diversos textos que as compõem.

É, porém, só com as discussões da Nova Narratologia (quarta geração dos estudos da narrativa), de Eco (2003; 2010; 2013) e Ricoeur (1994; 2004), que passamos a não distinguir mais a narrativa do factual (de onde se origina a narrativa jornalística) da narrativa do ficcional. Narrativa aí é (apenas) “produtor de sentido”, imbricada com as relações humanas e com os aspectos culturais, sociais, religiosos etc.

Segundo Chartier (1988) são as narrativas, como modo de pensar ou conhecer, que garantem significado para as relações sociais e que revelam como o mundo se expressa e como expressamos o mundo. Deriva desta discussão a ideia de que a narrativa envolve trabalho de câmbios contínuos (de interpretação e (re)interpretação) e de que “narramos para existir”.

Com o Ciclo Mimético de Ricoeur (1994; 2004), passamos admitir que os processos narrativos envolvem tanto produção, quanto recepção e apropriação de sentidos e que o percurso da narrativa estabelece uma relação subjetiva que relaciona Pré-figuração (mundo não narrado) – Configuração (mundo narrado) – e, Refiguração (mundo interpretado). É a Refiguração (das narrativas) que, segundo o autor, faz da própria vida um tecido de histórias narradas.

Canclini (2008) e Eco (2013) lembram, por conta disso, que não há mais interpretações corretas ou falsas sobre uma narrativa e que o texto da narrativa é uma máquina preguiçosa – um mecanismo concebido para suscitar interpretações. A narrativa, então, só passa a existir quando é feita uma interpretação a respeito dela.

A interpretação da narrativa, conforme Portelli (2010), também envolve um processo constituinte – de interpretação, contrainterpretação e reinterpretção – construindo em seu percurso uma verdadeira história social das interpretações; concatenada na pós-modernidade, segundo Veneroso (2012), no entorno da ideia de intertextualidade.

É importante lembrar, porém, que na pós-modernidade as narrativas, como bens simbólicos em disputa, ainda são objeto de lutas (consagração ou desqualificação). As estratégias narrativas (as narrativas e narrações) continuam a ser, portanto, formas de exercício de poder através das quais narramos para produzir conhecimento, construir uma estória e/ou repassar valores e ideologias.

Nesse tempo, a escrita (que reúne narração, discurso histórico e lógico), conforme Certeau (1982; 2008), também se transforma – não é mais só lugar de produção do texto, mas lugar produzido pelo texto. Essa máxima também vale para a escrita jornalística.

Na narrativa jornalística pós-moderna o tom verdadeiro (que vem agora da verificabilidade e da verossimilhança introduzida pelas citações), também se apresenta sob a forma de uma narração – de um enredo com significado, pois, como bem lembra Benjamim (1987), para ser verdadeira, uma narrativa precisa (apenas) ter uma dimensão utilitária.

Segundo Kristeva (1974), as intertextualidades são aí responsáveis por trazer também ao texto jornalístico sentidos mais abertos – já que para ela todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Por isso, Gomes (2006; 2012) explica que agora, para coconstrução de significados, é preciso enredar-se como narrador.

No jornalismo, conforme Motta (2004; 2012; 2013), essa trilha apaga a dureza do texto jornalístico e faz surgir uma poética jornalística – como o relato de uma experiência. A notícia nessa nova ordem narrativa (da hipernarratologia) vira acontecimento-intriga; viva e dinâmica, pertence a quem narra e a quem a reconfigura (CARVALHO, 2012).

O jornalismo aí não tem objetos – só tem sujeitos. Sujeitos que competem entre si. Sujeitos-narradores que dão prosseguimento às narrativas, ressignificando as produções jornalísticas e as reelaborando. É por isso que a narrativa jornalística no tempo das intertextualidades pós-modernas nos permite visualizar melhor as porosidades do jornalismo.

Nesse tempo, o lugar social da narrativa jornalística corresponde ao lugar social das (outras) intervenções produtivas de autores-narradores múltiplos, abertas à interpretações variadas de autores-narradores múltiplos, também atuantes nessa relação mimética. E o jornalismo (e suas narrativas) transforma-se, ressignificado, em prática de mediação social.

Vimos, portanto, que no contexto do mundo digital as narrativas (inclusive as narrativas jornalísticas) possuem formatos e características próprias. O conteúdo que circula na web e redes sociais não se descaracteriza da estratégia em envolver o receptor com o acontecimento (intriga). A narrativa aí também pretende provocar sentido descrevendo uma realidade e criando uma relação com o receptor. Conforme Motta (2013, p. 73),

As estórias virtuais, ainda que guardem distintas características, seguem envolvendo os receptores e eles prosseguem recriando na imaginação suas próprias significações a partir do que ouvem, leem ou veem nos blogs ou redes sociais, embora em moldes diferentes.

Essa transformação existente na narrativa latente no ambiente digital, remete às transformações na estrutura da própria narrativa em sua forma base, abrindo espaço para as derivações. Para Todorov (2006), a sequência narrativa começa com enunciado e agrupa-se aos demais, passando de estágio inicial até o término, em constante transformação. Neste espaço, o autor destaca que existe um encaixe na narrativa, uma vai se entrelaçando na outra: “[...] pois a narrativa encaixante é a narrativa de uma narrativa. Contando a história de uma outra narrativa, [...]. Ser a narrativa de uma narrativa é o destino de toda narrativa que se realiza (TODOROV, 2006, p.125).

As narrativas, conforme tais pressupostos, adquirem características comuns e desdobramento e transformações umas a partir das outras. São encaixes umas das outras, proporcionando a ressitura do texto em uma nova versão da obra narrada.

Na discussão da narratologia moderna, com aplicação de métodos para decompor as partes da narrativa, que avançou depois para a nova narratologia, restringindo o rigor do método e da estrutura, percebemos a incorporação dos aspectos culturais e hermenêuticos na análise da narrativa.

Ricoeur (1994), por sua vez, com seu ciclo mimético que envolve produção (mimese I), obra (mimese II) e como o receptor se apropria dessa obra na reconfiguração (mimese III), enfatizou as modificações de sentido conforme a realidade social e valores morais determinados. A narrativa aí passou a admitir uma sequência de transformações sistêmicas em seus sentidos.

Para Motta (2013), a forma narrativa do texto jornalístico assemelha-se às narrativas em geral na forma produção de sentido e na remissão do seu valor social ao relatar informações dos acontecimentos e dos fatos da vida que fogem do comum. O autor esclarece que o texto jornalístico e sua forma narrativa se remetem ao tempo e ao modo como se organiza esse tempo.

Conforme Motta (2012, p.97), assim como no conto, no jornalismo “[...] o analista precisa reordenar os conflitos, posicionar as personagens, descortinar o climax e o desenlace da intriga”. A narrativa jornalística também precisa apresentar uma sucessão de eventos organizados pelo tempo para apresentar a intriga, pois,

como afirmou Gomes (2012), a sagacidade da narrativa está na intriga e na identificação dos personagens, considerados por Todorov (2006) elementos fundamentais do ato de narrar.

Na web e nas redes sociais as narrativas jornalísticas sofrem transmutação na forma como são apresentadas. Elas circulam formatadas como os hipertextos, unem no mesmo site de notícias vários recursos (fotos, vídeos, gráficos) para apresentar o acontecimento oferecendo opções de leitura para narrador-leitor.

Esse narrador-leitor utilitário, como bem designou Bittencourt (2016), não só usuários, conforme Canavilhas (2014), continua acionando o texto como modelo de referência. Tal texto, porém, agora é apresentado em blocos de informações oferecendo ao narrador-leitor a oportunidade de leitura não sequencial. Por isso mesmo, conforme Canavilhas (2014, p.06), “[...] as técnicas de redação devem ser adaptadas a cada meio, procurando-se que o leitor se sinta confortável na leitura”.

Para Canavilhas (2014, p.13), neste mundo em processo, a técnica da pirâmide deitada adotada pelo jornalismo na web apresenta opção para o utilitário (leitor-narrador) escolher o ritmo e como deseja obter informação sobre o assunto. Conforme ele, [...] “na Pirâmide Deitada, a notícia é organizada por níveis de informação ligados por hiperligações internas (embutidas) que permitem ao leitor seguir diferentes percursos de leitura que respondam ao seu interesse particular”.

No ambiente da web percebemos que as narrativas jornalísticas se adaptam, e passam a incorporar vários elementos que agregam a leitura – cabe as plataformas selecionar os elementos visuais e textuais para auxiliar o leitor-narrador na interpretação do assunto.

Com o avanço do campo tecnológico, percebemos a circulação da narrativa transmídia<sup>4</sup> que, de acordo com Gosciola (2012, p.08), são narrativas com o mesmo enredo espalhadas em diversos meios de comunicação. Com as narrativas transmídia “[...] todas as mídias e todas as partes da história são integradas, ainda que não precisamente do mesmo modo”.

Gosciola (2012) afirma que o conceito transmídia consolidou-se somente em 2003, após a publicação do artigo *Transmedia Storytelling* de Henry Jenkins (2009).

---

<sup>4</sup>O termo transmídia foi cunhado na área de comunicação em 1993 pela professora da Universidade do Sul da Califórnia, Marsha Kinder, quando observou que seu filho acessava história infantil contendo o mesmo personagem em várias mídias, como se fosse mais um capítulo de uma mesma estória. Kinder (1993) verificou o quanto seu filho buscava e experimentava a ampliação de uma narrativa que muito e cada vez mais lhe interessava.



Conforme Gosciola (2012, p.09) “[...] na forma ideal da narrativa transmídia, cada meio faz o que faz melhor, uma história pode ser iniciada por um filme, expandir-se através da televisão, livros e quadrinhos, e seu mundo pode ser explorado e vivenciado em um game”.

Nesse processo, a narrativa transmídia passa por transformações em seu formato, porém, dando continuidade a uma estória. Essa sequência de eventos pertence à mesma história, sofre desequilíbrio na sucessão de eventos e na base da estrutura narrativa – uma vai se encaixando com a outra na retessitura da intriga. Segundo Gosciola (2012, p. 09), está implícito aí “[...] que as partes da história de um projeto baseado em narrativa transmídia estão atavicamente ligadas por pertencerem originalmente a uma única história”.

Com base nesse argumento, podemos considerar que a utilização dos memes tão difundidos nas redes sociais entrelaçam nas histórias com personagens e dramas. De acordo com Recuero (2009, p. 124) o meme possui uma capacidade de mutação, mantendo referência a um conteúdo que já foi exposto. “É comparável, à hereditariedade, que faz com que um novo meme tenha, portanto, muito pouco de originalidade, mas seja produto de variação e recombinação de ideias antigas que permanecem presentes nas ideias presentes”.

Dessa forma, a narrativa transmídia possui a mesma base na sua formação. Embora transmutando constantemente entre um veículo e outro, um suporte e outro e formatos, configura uma mesma estória, como afirmou Gomes (2012, p. 200): “[...] formam uma única narrativa que conta a si mesma e que tem por referência principal sua própria estrutura”.

De acordo com Gosciola (2012), a narrativa transmídia não encerra a história, ela permanece aberta para ser explorada por cada veículo ou suporte. Sendo assim, a mimese é estabelecida na imitação da realidade de cada leitor-narrador e/ou utilitários – capazes de interpretá-la de acordo com seus diferentes contextos socioculturais.

Com o avanço da web e com os jornais tradicionais migrando para as plataformas on-line, a narrativa jornalística em termos gerais foi assumindo transformações progressivas, principalmente com o advento do hipertexto. A narrativa transmídia, incorporada ao jornalismo, passou a apresentar histórias em capítulos, com intrigas sequenciadas e transmitidos em diferentes suportes.

Conforme Gosciola (2012, p.13), a narrativa transmídia aí se desenvolve graças “[...] à força convergente dos meios de comunicação” e ao “[...] quanto ela está aberta ao engajamento colaborativo”. Segundo o autor, com o advento da narrativa jornalística transmídia, a audiência passou a poder expressar suas questões, mas, principalmente, a poder contribuir com o desenrolar das narrativas”.

Assim como Gosciola (2012), Marc Lits (2015, p. 15) trabalha, em sentido complementar, com o termo “narrativa mediática” para definir a narrativa que circula na web e nas redes sociais de forma integrada, mas em formatos diferentes, na qual prevalece a participação do utilitário (leitor-narrador) na coconstrução da informação narrativa.

No cenário do jornalismo contemporâneo, Lits (2015, p. 27) argumenta que é necessário ultrapassar as questões clássicas da narratologia e avançar para a hipernarratologia, pois, segundo ele, a narrativa mediática contemporânea “[...] impõe uma redefinição da narrativa atual, com recurso a uma narratologia refundada, a uma hipernarratologia”.

Lits (2015), a partir da compreensão de Paul Ricoeur (1994; 2004) sobre o circuito tríplice da mimese (produção, obra e apropriação) argumenta a favor do princípio da hipernarratologia ao postular que as narrativas mediáticas, com características fragmentadas e circulando em vários formatos e canais na web e redes sociais, como bem apontou Gosciola (2012), são refiguradas de formas cada vez mais velozes pelo utilitário (leitor-narrador) na mimese III, impulsionando a produção de uma narrativa com circularidade e com multiplicidade de vozes.

Segundo Lits (2015, p. 26) é “[...] a instância de recepção que constrói, ela, a sua própria narrativa numa polifonia enunciativa. Segundo ele “[...] o ponto de equilíbrio da construção da intriga, que ainda se encontrava bem instalado no seio da segunda *mimésis* em Ricoeur (1994; 2004), caiu doravante para o lado da terceira *mimésis*”. Isso ocorre, conforme Lits (2015, p. 21), porque as narrativas aí são reconfiguradas em um processo que agora pressupõe a “[...] desagregação da configuração” que corresponde, simultaneamente, a “[...] deflagração da refiguração”.

A este complexo fenômeno, expresso por Lits (2015), que prevê a desagregação da configuração / deflagração da refiguração e/ou a ultrapassagem da hegemonia significativa da segunda para a terceira *mimésis*, nos termos de Ricoeur (1994; 2004), é que chamamos transmutação nas narrativas jornalísticas.

As transmutações das narrativas jornalísticas estão, portanto, diretamente ligadas ao avanço tecnológico no aparato e nos suportes de comunicação, mas as mudanças não ocorrem só devido ao avanço dos suportes técnicos. Pois, mesmo aí a narrativa continua a ser expressão da vida do homem; expressa como se compreende e como se vê (e todas suas peculiaridades).

Mesmo nesse novo meio ambiente, a narrativa não se desprende do mundo da vida, nem diante das múltiplas possibilidades (narrativas) da web. É por isso que, conforme Lits (2015, p. 21), o utilizador (leitor-narrador) encontra-se hoje “[...] perante uma narrativa infinita, sem princípio nem fim, na qual circula sem hierarquização nem progressão construída.

Para o autor, portanto, para análise da narrativa – da narrativa jornalística e suas transmutações – talvez seja preciso abandonar o singular, “[...] dado que já não há narrativa única, mas uma circulação concomitante de narrativas múltiplas, produzidas por enunciadores diferentes que se vão trocando e se interpenetram” (LITS 2015, p. 21).

Conforme Lits (2015, p. 22), na web o emissor-narrador vai se construindo na troca de informação com o receptor-narrador, e esta é uma relação circular que está em movimentação e de forma síncrona. O processo torna-se tão intrínseco que Lits (2015) argumenta que não é mais possível identificar produtor/receptor – pois todos somos narradores.

Com isso Lits (2015, p. 22) afirma que o emissor-narrador da narrativa mediática já não é único, mas constrói-se na relação com outros receptores-narradores; e, em relação aos lugares de emissões que agora se multiplicam de tal forma, que perdem a sua identidade própria e “identificável”.

A narrativa mediática, que não é mais só jornalística, torna-se então uma produção, recepção e apropriação de todos os utilitários-narradores na web, tornando-se parte de todos. Constrói-se como uma narrativa, ampla, fragmentada, participativa.

No entanto, como toda narrativa provoca sentido e possui intencionalidade, lembramos que não existe ingenuidade na web. Bittecourt (2016) afirma que os jornalistas continuam aí sendo referência de opinião e informação, ainda tentando construir narrativas que remetem à ideologia dos respectivos veículos de comunicação ou dos grupos de interesse de que fazem parte – assim como os demais utilizadores (leitores-narradores).

Ao analisarmos, portanto, as transmutações das narrativas no ambiente digital, devemos lembrar que, ao migrar para a web, a narrativa jornalística adotou o hipertexto como referência, abandonando sua forma clássica de (re)construir textos e fatos. O jornalismo assumiu então a narrativa transmídia, dividida em partes e transformada para ser compartilhada em vários suportes, sem abrir mão, porém, da intriga para envolver o receptor-narrador com os seus sucessivos enunciados.

Tal estratégia narrativa transmediática que hoje circula livremente pela web e nas redes sociais, como bem lembrou Lits (2015), direciona o processo da reconfiguração do utilitário-narrador, que passa a ser o coconstrutor da informação. A narrativa torna-se então polifônica e circular. Não é mais propriedade de alguém. Não tem mais um único “dono”. Transmuta-se. Torna-se uma só voz, ecoando vozes múltiplas.

### 3 EPISÓDIOS ELEITORAIS NA ERA DA PÓS-VERDADE

As narrativas possuem sentidos e intencionalidades. Conforme Motta (2013), quem narra sempre tem alguma coisa para dizer – as narrativas nascem na mente (diegese) com um propósito específico. Na Grécia antiga as histórias narradas alegravam ou entristeciam as pessoas, conforme convicção e desejo do narrador na sucessão da intriga. Desde esse tempo narrar, então; é apresentar como o homem percebe o mundo em sua volta num círculo movimentado pela ação hermenêutica.

Mesmo a narrativa jornalística com uma estrutura rígida é formadora de sentido (tem no texto intencionalidades apresentadas na seleção de apuração, personagens, citação) o jornalista pensa e prefigura o fato. Na era digital, circulando em diversos estilos e de forma fragmentada, a narrativa tem sua função em provocar sentido. Conforme Lits (2015), aí ela torna-se polifônica e circular. Podemos assim dizer que as narrativas vão se transformando em seu gênero e encaixando-se umas às outras na apreensão dos utilizadores da web e redes sociais ou de outros dispositivos de comunicação.

Conforme abordamos nas seções anteriores, os utilizadores apoiam-se nos jornalistas para auxiliá-los na interpretação do mundo, sendo o ambiente social um fator determinante para reforçar a refiguração dos fatos. A relação de confiança aí é marcada pelo jogo de poder e representatividade na sociedade. E, a narrativa jornalística, influenciada pelas organizações financeiras, políticas e ideológicas, desprende-se da essência de veracidade para direcionar atitudes e pensamentos.

Neste capítulo, trataremos das notícias falsas (e suas narrativas) no contexto dos episódios eleitorais da “era da pós-verdade”. Faremos uma reflexão comparativa sobre o conceito de “pós-verdade” no contexto contemporâneo da hipermodernidade apresentada por Gilles Lipovetsky (2004). Conforme tais postulados, nessa era, o homem hipermoderno está atrelado às emoções, desprezando o pensamento racional – atrelando o conceito de verdade aos sentimentos impulsionados pelo ambiente social.

No palimpsesto da pós-verdade o fenômeno das *fake news* se fortalece no ambiente das campanhas eleitorais, no meio ambiente que temos chamado aqui de episódios eleitorais. E, para discutir tal fenômeno, traçamos uma conexão entre as

análises dos sociólogos Norbert Elias e John Scotson (2000) sobre o uso de boatos numa pequena cidade do interior da Inglaterra como instrumento de dominação e poder, acionados por um grupo para manter sua superioridade e status.

Consideramos então que as notícias falsas (*fake news*) têm se apropriado do formato técnico das notícias para desestabilizar grupos e levantar dúvidas sobre a veracidade das narrativas (inclusive jornalísticas) e, para isso, nos reportamos ao que foi apresentado anteriormente, quando discutimos os tradicionais pilares do jornalismo para contestar os conceitos de objetividade e subjetividade e confrontar essas características com a ideia de narrativa jornalística.

Neste aparto, falaremos também sobre os episódios eleitorais de 2018. Essa conexão torna-se importante, tendo em vista que nessas eleições as *fakes news*, disseminadas por robôs ou pela militância político-ideológica, foram as artimanhas utilizadas para a disputa pelo voto e para desconstrução dos candidatos opositores. Segundo Ruediger (2018, p. 04), “[...] nas campanhas eleitorais no Brasil em 2018, retornou ao centro das atenções políticas a preocupação com fluxos de desinformação, seja pelo compartilhamento de notícias e informações falsas ou prejudiciais a candidatos, seja pela manipulação de agendas e debates orgânicos das redes sociais”.

Em Roraima, as notícias falsas fizeram parte do cenário eleitoral, inseridas num contexto de crise energética e migratória, corroendo estratégias de campanhas de políticos tradicionais, como o senador Romero Jucá (MDB), reverenciado como senador de todos os governos.

### 3.1 A ERA DA PÓS-VERDADE E O FENÔMENO DAS *FAKE NEWS*

A pós-verdade surge no universo de valorização da subjetividade alimentado por um sistema digital que apresenta as informações polarizadas, velozes, acarretando interferência no processo de reflexão da realidade. Nesse patamar tecnológico e imbuídos de sentimentos, a noção sobre verdade é definida pela influência das máquinas e da interpretação individual das pessoas (ESTEVÃO e FARIAS, 2018).

Sabemos que a pós-verdade tornou-se evidente neste contexto digital, mas seus fundamentos apontam para o início de um comportamento da sociedade

que tentava ultrapassar barreiras impostas por conceitos morais rígidos. Para o filósofo inglês Terry Eagleton (2005), o pós-modernismo fortaleceu suas raízes numa sociedade capitalista dependente das situações cotidianas e ao mesmo tempo abraçando mitos, fantasias e o exotismo da realidade virtual e da aparência. Eagleton (2005, p. 101) destaca que nesta sociedade a pluralidade passa a ser a fonte de informação. “O pós-modernismo decola quando já não se trata mais de ter informação sobre o mundo, mas ter o mundo como informação”.

Neste contexto, conforme Eagleton, (2005), o conceito de verdade passa a ser sentido e não racionalizado. O homem abdica de conceitos tradicionais que o conduziram em movimentos anteriores para abraçar um novo mundo que se apresenta de forma plural e subjetiva. “[...] O pensamento pós-moderno tem sérias dúvidas tanto sobre verdade quanto sobre realidade”, diz Eagleton (2005, p.107).

Já de acordo com Lipovetsky (2004), a sociedade está inserida numa nova fase: a da “multiplicidade e do exagero” – conceituada “hipermodernidade” – supervalorizando e radicalizando princípios como individualismo, democracia, mercado globalizado e de tecnociência.

Neste contexto hipermoderno, Lipovetsky (2004, p. 01) aponta que o homem se tornou hiperindividualista, responsável pela sua própria vida e liberto das proteções coletivas, como estado ou instituições – “[...] ele está mais entregue a si mesmo, o que implica ter de se buscar a si e se auto-inventar.” Esse homem define suas regras e busca legitimar comportamentos de acordo com sua versão de valores e virtudes.

O homem hiperindividualista a que se refere Lipovetsky (2004) não é aquele que se considera solitário, ele se autoregumenta e reafirma sua autonomia. Esse homem não está só, existe em uma rede de apoio na web. Recuero e Gruzd (2019) chamam isso de Homofilia – uma expressão utilizada pelos autores McPherson, Smith-Lovin e Cook (2001), para caracterizar o comportamento de pessoas que buscam ter contato (virtual) com similares.

Essa rede de conectados sob o mesmo prisma de interesse fortalece o conceito de pós-verdade. “Pós-verdade não é o mesmo que mentiras” ou “informações falsas”. Está relacionada à validação de determinada informação, não pela objetividade dos fatos, mas pelo apelo às emoções e crenças pessoais, num cenário em que o poder da verdadeira interpretação estaria com a “coletividade social.” (ESTEVIÃO e FARIAS, 2018, p.07).

Neste palco, cada utilitário (utilizador + usuário) tem algo a acrescentar sobre determinado acontecimento ou informação que fora apresentado e resignificado por outros utilitários do mundo digital. Aí o hiperindividualismo apresenta suas marcas e ajuda a quebrar o monopólio da verdade e inflacionar a capacidade de legislar e apontar o caminho que leva cada um para sua própria verdade.

As múltiplas interpretações produzidas e veiculadas no contexto digital, tornam-se circulares, polifônicas e apresentam um processo de retroalimentação – “[...] sempre flutuante, não fechada, sempre síncrona” (LITS, 2015, p. 21). Dessa forma, o processo de refiguração (Mimese III) de Ricoeur (1994) torna-se rotativo, forte e predominante na (re)construção das narrativas.

A polarização da narrativa em múltiplos formatos também estimula o utilitário a selecionar para si o que mais interessa, de acordo com suas verdades. “Procuram criar seu próprio ambiente de mídia pessoal em busca de conteúdo – textos, áudios, vídeos – que confirmem que o que se sente e, lá no fundo, é verdade” (SPINELLI e SANTOS, 2018, p. 763).

O exagero em adotar as emoções como parâmetro de verdade ou seleção de fatos, é apontado por Castilho (2016) como “cognição preguiçosa”, teoria criada pelo psicólogo Daniel Kahneman (1979) que constatou que as pessoas têm uma inclinação a evitar fatos ou versões que tendem a fazer o cérebro funcionar. Essa falta de iniciativa em adotar um raciocínio lógico diante dos fatos apresentados fortalece um comportamento onde predominam as sensações – onde predomina, conforme Castillo (2016, p. 02), a “pós-verdade”. Ou seja, “[...] uma pseudoverdade apoiada em indícios e convicções, já que os fatos se tornaram demasiado complexos”.

A pós-verdade ganha força e amplitude no contexto em que predominam a hipermodernidade, hiperindividualismo e a narrativa transmídia. Castilho (2016, p. 02) relaciona o conceito de pós-verdade com contexto digital instituído:

A pós-verdade, um termo já incorporado ao vocabulário da mídia mundial, é parte de um processo inédito provocado essencialmente pela avalanche de informações geradas pelas novas tecnologias de informação e comunicação (TICs). Com tanta informação ao nosso redor é inevitável que surjam dezenas e até centenas de versões sobre um mesmo fato. A consequência também inevitável foi a relativização dos conceitos e sentenças.



Na era da pós-verdade os assuntos circulam em forma da narrativa transmídia: um fato é fracionado e servido em vários formatos para atender a característica do dispositivo de comunicação ou ao público que se relaciona com ele, “[...] cada qual definido pelo seu maior potencial de explorar aquela parte da história” (GOSCIOLA, 2012, p.09). Sendo assim, a verdade, independente do fato, torna-se fragmentada e polarizada – servida para satisfazer cada público que busca pela simplificação e apela para subjetividade, para entender a realidade que o cerca.

Gosciola (2012, p.09) salienta que a narrativa transmídia é uma história que se apresenta em várias partes. Nela, “[...] todas as mídias e todas as partes da história são integradas, ainda que não precisamente do mesmo modo”. Essa circularidade da narrativa, flando inconstantemente de forma segmentada e diversificada, dá base para o que chamamos de transmutação e suas multiplicidades de interpretações.

Conforme Ricoeur (1994, 117-118), “o ato de ler” acompanha a “configuração da narrativa” e atualiza sua capacidade de ser seguida. Para o autor, “[...] seguir uma história é atualizá-la na leitura”. Assim em cada abordagem (inclusive nas abordagens jornalísticas) o fato vai se atualizando e recebendo novas significações de uma parte da história que foi veiculada.

Na reconfiguração do acontecimento (mimese III) desenvolvida pelo receptor a intriga ganha novos elementos, desencadeando uma sucessão de eventos despertando o imaginário. Ricoeur (1994, p. 119) argumenta que a obra não fica limitada ao narrador, ela ganha amplitude ultrapassando barreiras. Conforme o autor, “[...] o acontecimento completo é não apenas que alguém tome a palavra e dirija-se a um interlocutor, é também que ambicione levar à linguagem e partilhar com outro uma nova experiência. É essa experiência que, por sua vez, tem o mundo como horizonte.”

Com efeito, as reconfigurações da narrativa vão ganhando novos formatos e interpretações partindo da experiência do receptor e de suas posições morais e éticas. Estas são transformadas pelas experiências reais ou imaginárias, num ciclo rotativo. Percebemos então que a pós-verdade frutifica pela diversidade de opiniões rechaçadas e de emoções, renegando a verdade dos fatos. A opinião vazia de argumentos, mas repleta de julgamentos, valores exacerbados, geralmente voltados para o discurso inflamado, desvirtuam o conceito de verdade ou a busca pela verdade.

Neste atual contexto, o jornalismo, assim como foi na metade do século XX, parece buscar pela autoafirmação dos valores históricos que nortearam a prática profissional, atuando de forma híbrida (objetiva e subjetiva) na tentativa de apresentar uma narrativa dos fatos mais próxima da verdade.

A era da pós-verdade enfraquece as informações e aumenta a dúvida dos utilitários sobre a narrativa jornalística, que é produzida obedecendo técnicas para qualificar os fatos verificáveis e acrescentar o valor de credibilidade.

Neste cenário de incertezas e intensificação das emoções surge o fenômeno das *fake news*. As informações falsas e perversas evidenciam a disputa de poder e hegemonia, através da narrativa. São disseminadas principalmente no ambiente *on-line*, onde cada grupo busca garantir seu próprio conceito de verdade, com algumas pitadas de intencionalidade.

O fenômeno da *fake news* (termo em inglês para notícia falsa), tem acentuado o questionamento sobre a veracidade das informações que circulam em ambiente digital. Esse fenômeno ganha força nesta era considerada de pós-verdade (e nos contextos eleitorais), onde prevalecem as escolhas pelo sentir, e não pelo ato de pensar e refletir.

As informações manipuladas pelas *fakes news* contribuem para o processo de desinformação da sociedade. Desde 2018, após divulgação do relatório da União Europeia sobre *fakes news*, os peritos envolvidos no estudo apontaram que o fenômeno deveria ser tratado como desinformação, pois incluiria as informações imprecisas, inverdades ou viés interpretativo.

O documento indicou três classificações sobre desinformação. No primeiro grupo estariam as informações falsas compartilhadas sem intenção de dano. No segundo, aquela informação falsa compartilhada para causar dano; e no terceiro grupo a informação compartilhada para causar dano utilizando conteúdo privado e disseminando de forma pública (VERONESE e FONSECA, 2018).

No mesmo ano, a revista *Science* publicou um artigo sobre *fake news* elaborado por um grupo de pesquisadores americanos. No texto os pesquisadores definiram *fake news* como “[...] a informação fabricada que emula conteúdo noticioso em sua forma, porém, não em seu processo organizacional ou em sua intencionalidade” (VERONESE e FONSECA, 2018, p. 41).

Os estudos apontam diferenças na percepção do conceito sobre notícias falsas. Aqui, trataremos de *fake news*, ou notícias falsas, como aquelas que provocam desinformação e são disseminadas de forma veloz no meio digital. Grande parte delas utiliza o padrão e as características de uma notícia para manipular informações.

Esse conjunto de informações surge com uma intencionalidade, agindo contra os interesses da sociedade. Os autores Mendes, Doneda e Bachur (2018, p. 131), definem *fake news* como:

Informações propositalmente manipuladas e distorcidas, que circulam nas redes sociais de forma agressiva por força de recurso a tecnologias que automatizam a produção e reprodução de conteúdo (postagens, “likes”, comentários, etc.), a partir de uma estratégia central cujo escopo é influenciar a formação coletiva da vontade em prol de uma determinada bandeira política.

Em sentido convergente, Recuero e Gruzd (2019, p. 32) entendem que *fake news* são produzidas com propósito, fundamentadas na disputa de poder. “A *fake news*, assim, não se trata apenas de uma informação pela metade ou mal apurada, mas de uma informação falsa intencionalmente divulgada, para atingir interesses de indivíduos ou grupos”.

Recuero e Gruzd (2019, p. 33) apontam três características que compõem a estrutura de *fake news*, sendo a primeira o uso das técnicas e componentes da narrativa jornalística; possuem elementos da falsidade total ou parcial da narrativa; e por último possui a intencionalidade de enganar ou criar falsas percepções utilizando principalmente a mídia social.

Com efeito, as narrativas falsas ancoram nas técnicas fundamentadas pelas narrativas jornalísticas. Conforme Motta (2013, p. 202) a narrativa jornalística cria parâmetros de veracidade utilizando advérbio de tempo e lugar e de personagens. Segundo ele, “[...] o tempo e o lugar da enunciação, situa, referencia e confere confiabilidade espaço-temporal”. O tempo e o lugar utilizados na narrativa criam no receptor o efeito de real numa sucessão de eventos apresentados.

Motta (2013, p. 200) argumenta ainda que o jornalista-narrador recorre a jogos de linguagem para construir uma versão real, verdadeira, objetiva e factual. Utilizam-se expressões que cumprem uma função argumentativa. Para o autor, tais artifícios não retiram o caráter narrativo (das narrativas falsas), mas transformam-na

numa narrativa única percorrendo o caminho entre a narrativa história (real) e literária (imaginária).

Desse modo, as narrativas fictícias e fáticas apresentam expressões de linguagem semelhantes. As notícias falsas ancoram em técnicas adotadas pela narrativa jornalística e outras em formato transmidiático. Como bem afirma Motta (2013, p.90), tudo depende da intencionalidade do narrador.

A construção de sentido de realidade para reforçar uma estratégia hegemônica transita entre o real e o irreal, verdadeiro e falso. Neste sentido, a narrativa adotada apresenta-se numa sequência de escolhas de expressões, linguagem e formatos.

Como alerta Motta (2013, p. 90)

As narrativas midiáticas podem ser tanto fáticas (notícias, reportagens, entrevistas, documentários, transmissões ao vivo, entre outros), quanto fictícias (filmes, telenovelas, videoclipes musicais, anúncios narrativos, por exemplo). Podem ser híbridas em muitos casos, como nos programas de auditório, entrevistas ou comerciais que necessitam remeter o consumidor ao seu mundo real para realizar o efeito de sedução e convencimento, assim como outras narrativas midiáticas (MOTTA, 2013, p. 90).

As *fakes news* manipulam as informações com foco para controlar as pessoas e o debate. Conforme os autores Machado, Steibel, Konopacki, (2018, p. 58),

[...] são conteúdos que buscam de forma intencional inflamar e polarizar o discurso público e conseqüentemente debilitar o discurso público, intencionalmente desacreditando atores, silenciando ou ampliando vozes seletivamente e promovendo pautas específicas.

Se analisarmos as *fake news* como uma forma de controle social e hegemonia, nos deportamos para visão crítica dos autores Elias e Scotson (2000), que descreveram a utilização da fofoca como instrumento de poder numa pequena cidade industrial Winston Parva (nome fictício), localizada no interior da Inglaterra. Essa obra fundamentada na pesquisa realizada no final dos anos 1950 permite analisar o processo de dominação social dos Estabelecidos sobre os Outsiders.

Elias e Scotson (2000, p. 121) destacaram que os Estabelecidos utilizavam a fofoca entendida como “as informações mais ou menos depreciativas sobre terceiros, transmitidas por duas ou mais pessoas umas às outras”, para manter o domínio e afastar os Outsiders de qualquer protagonismo social. A fofoca movia a

comunidade Winston Parva e ao mesmo tempo fortalecia a presença dos Estabelecidos, considerados economicamente e socialmente fortes em detrimento aos Outsiders, que não se encaixam à ideologia e aos padrões de comportamento.

Para Elias e Scotson (2000, p.131), as fofocas não aconteciam de forma isolada, elas pertenciam a um contexto, com normas ou crenças, nas quais os moradores pudessem identificar-se. “E essa dependência que os indivíduos têm da posição e da imagem dos grupos a que pertencem, sua profunda identificação com estes na avaliação de outrem e em sua própria autoestima”.

Assim, os boatos circulam livremente em grupos que refletem seus valores e a realidade social movendo o sentimento e a emoção para promoverem a permanência da supremacia do grupo sobre outro.

Fofocas em tal comunidade talvez ajude a dar uma ideia mais clara da dinâmica da hierarquização; ela mostra até que ponto as minorias poderosas, funcionando como uma espécie de líderes das fofocas, são capazes de controlar as crenças de uma rede mais ampla de vizinhos e de influenciar a circulação de boatos laudatórios ou depreciativos, bem como os padrões usados para comparar as famílias. Mas esses padrões de avaliação estão quase sempre implícitos fazendo parte de um sistema axiomático comunitário de crenças (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 83).

Podemos considerar que a manipulação das informações é inerente a uma estratégia de poder e dominação. Nesse escopo encontram-se as fofocas e boatos, mas também, com suporte tecnológico das redes digitais no mundo pós-moderno, as *fakes news*. A manipulação das informações é um traço das organizações humanas que existem há muitos anos, encontrando na esfera política e nos episódios eleitorais maior força e utilidade.

Para Recuero e Gruzd (2019) as *fake news* são utilizadas para influenciar os processos eleitorais, os autores chamam de *fake news* políticas que se espalham como “cascatas” em períodos eleitorais.

Os autores apontam dois fatores para a disseminação das *fakes news* nestes contextos: primeiro é o comportamento de homofilia - um grupo mantém a característica de homófilo por compactuar a mesma crença e posicionamento político. O segundo motivo apontado pelos autores é influência dos *bots* – programas encarregados de espalhar conteúdo, em consonância com o perfil real e a articulação de perfil falso que corroboram para encher os *feeds* das redes sociais com informações e replicá-las.

Essas características potencializam o processo de disseminação de notícias falsas. Segundo Recuero e Gruzd (2019, p. 34), compreender esse comportamento auxilia “[...] na compreensão da tendência de uma determinada informação espalhar-se mais dentro de determinado grupo, especialmente em grupos políticos.

Assim, *fakes news* utilizadas no campo da política apropriam-se do uso da internet e do conteúdo, fomentando as emoções entre utilitários que compartilham das mesmas opiniões. Tornam-se ferramentas de combates para uma guerrilha virtual de ataques e desmoralização dos adversários.

A partir do que foi exposto, tratamos sobre conceito de pós-verdade e *fake news* por entender que as informações falsas brotam com facilidade neste contexto digital, em que predomina os sentimentos e a emoção em detrimento do raciocínio lógico. Tal procedimento está ligado à forma como o homem pós-moderno compreende o mundo. Segundo Terry Eagleton (2005), o homem rompeu com as normas e condutas rígidas passando a priorizar sua liberdade e subjetividade.

Já para Lipovetsky (2004), a pós-modernidade abriu espaço para o hiper, o homem é hipermoderno, hiperindividualista rompe com o controle das instituições e Estado para tomar controle de sua existência, defendendo suas opiniões e convicção. O mundo digital para esse indivíduo hipermoderno é o grande cenário para manifestação do monopólio da sua verdade, tornando-se um espaço para associar-se a outros que comunguem do mesmo pensamento, convicção, partidarismo e bandeira ideológica.

Neste cenário de hipernarratividade estruturado pela tecnologia digital, as opiniões e convicções circulam de forma análogas com as narrativas jornalísticas. A pós-verdade tenta ofuscar os princípios da produção jornalística sobre a verificação dos fatos com imparcialidade, objetividade e veracidade. Mas, como vimos, de acordo com Lage (2001), esses conceitos protegem a informação do exagero da subjetividade e opiniões.

Na era da pós-verdade surge o fenômeno das *fake news*, relacionadas às notícias falsas produzidas com intencionalidade de provocar desinformação. As estratégias utilizadas pelos produtores assemelham-se à técnica da narrativa jornalística, mesclam uma linguagem direcionada para emoção com informações fraudulentas e mentirosas, descontextualizando dos fatos e aplicando propositalmente uma interpretação que direcione as experiências das pessoas.

As *fakes news* e suas narrativas são ferramentas utilizadas para disputa de poder e hegemonia, principalmente no campo da política. Para os sociólogos Elias e Scotson (2000, p. 208), o uso dos boatos são manobras de dominação acionados por um grupo de minoria para manter autoridade e influência. Dizem eles: “[...] aqueles que monopolizam o acesso à informações e decisões asseguram para si mesmos certas fontes de superioridade em termos de poder e status”.

Como citamos, autores como Recuero e Gruzd (2019) afirmam que as informações falsas proliferam em períodos eleitorais com intuito de macular a imagem de grupos adversários. Para os autores, essa disseminação ocorre em grupos que possuem particularidades e anseiam os mesmos valores. Destacamos, dessa forma, que, para além dos conceitos sobre pós-verdade, as características das *fake news* contribuem para compreensão circulação das narrativas nos episódios eleitorais – foco de nossa análise nesse trabalho. Passemos então a discutir as campanhas eleitorais ocorridas em 2018 no cenário brasileiro e roraimense.

### 3.2 OS EPISÓDIOS ELEITORAIS E O CONTEXTO ELEITORAL DE RORAIMA

A cada quatro anos o brasileiro vai às urnas, nas eleições majoritárias, eleger o Presidente da República, Senadores, Deputados Federais, Governadores e Deputados Estaduais. Percebemos nestes contextos que, ao longo dos anos, a disputa pela atenção do eleitorado era travada pelos meios tradicionais de comunicação como a TV e o rádio, mas agora o eleitor está muito mais conectado a internet.

De acordo com Santos (2016), o início da veiculação de conteúdo político durante as eleições em ambiente digital foi nas comunidades formadas pelo *Orkut* e Blogs em meados de 2000. Em seguida, em 2010, o *Twitter* ganhou força. Em 2012, o *Facebook* tornou-se a principal plataforma para disseminar conteúdo político devido à popularização dos *smartphones* e da banda larga, facilitando a produção e disseminação de conteúdo eleitoral.

As mídias sociais se tornam arenas singulares para a construção, disseminação e debate de temas políticos na atualidade. Com isso, de práticas altamente centralizadas e que careciam que o usuário buscasse as informações no website oficial, as campanhas digitais foram distribuindo suas estratégias de criação e de difusão (SANTOS, 2016, p. 07).

No Brasil, porém, o pleito de 2018 foi singular. O uso das redes sociais predominou no cenário político, seja para os candidatos apresentarem a plataforma de governo, ou, ao mesmo tempo, atacar os adversários políticos com notícias falsas e informações fraudulentas. Segundo dados da Diretoria de Análise de Políticas Públicas (DAPP) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) encarregada de avaliar o processo eleitoral no Brasil, as redes sociais influenciaram na condução das campanhas e na persuasão do eleitorado em maior relevância que a propaganda eleitoral gratuita na TV e a atuação direta das chapas e coalizões.

Para Ruediger (2018, p. 04),

Ao se reposicionarem como centrais na articulação dos discursos políticos, as redes – Twitter, Youtube, *WhatsApp*, Facebook – apresentaram forte uso de informações não verificadas e compartilhadas em fluxo acelerado por muitas redes não ligadas diretamente aos políticos ou a suas campanhas. As fake news estão em disputa com as fontes tradicionais de conteúdo jornalístico por espaço e alcance — e pela confiança do eleitor.

Conforme estudo do DAPP, em 2018, também houve utilização de redes de robôs associadas a diversos posicionamentos políticos, grupos partidários e o uso de perfis falsos de outros países. Os perfis automatizados espalhavam com velocidade informações falsas e danosas sobre os candidatos e plataformas políticas.

De outro modo, a campanha digital passou a potencializar a participação do utilitário nas redes sociais, acionando de forma estratégica o uso de dados e anúncios. Quanto a essas transformações, Howard (2006, p.2 04) classifica hipermediatização das campanhas, direcionadas para “[...] criar minorias, em vez de seguir majorias, direcionar a opinião pública, em vez de obedecer a ela, e gerenciar a performance contemporânea da cidadania” (apud ITUASSU et.all 2019, p. 32).

Assim encontramos uma lógica na qual as campanhas políticas digitais reforçam o hiperindividualismo e ao mesmo tempo exploram o comportamento dos grupos que possuem afinidade em suas preferências políticas com conteúdo que lhes atraem a atenção e os motivam. Os autores Ituassu et all (2019, p. 29) reforçam a ideia de campanha hipermediática, enfatizando que, nessas campanhas, “[...] o cidadão, que tradicionalmente consome conteúdo político, se torna potencial produtor e disseminador”. Para eles, numa campanha hipermediática se produz



“conteúdo selecionado para audiências selecionadas”, onde a “propaganda computacional” é um dos elementos principais.

Neste sentido, a campanha eleitoral no Brasil em 2018 pode ser classificada como uma campanha hipermediática, pois contou com um aparato tecnológico fazendo uso de perfis automatizados, espalhando com frequência e rapidez as informações e a participação de cidadãos comuns induzidos a expressarem suas opiniões nas mídias sociais.

De acordo com Veiga (2019), as eleições de 2018 no país foram marcadas por quatro características fundamentais: uso das mídias sociais, em especial o *WhatsApp*; discurso contra a velha política; apropriação das *fake news*; e a participação dos movimentos sociais (esquerda e direita) se expressando nas ruas e nos meios virtuais.

Essa disputa de posições entre esquerda e direita acirrou o debate nas redes sociais na personificação dos candidatos à presidência da república Jair Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT). O uso de robôs foi evidenciado entre esses candidatos. Os dados do DAPP mostram que no início de outubro foram postados cerca de 45 milhões de tuitos políticos. Diariamente, o debate sobre Jair Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT) apresenta soma superior a 1,5 milhão de postagens, em média.

Conforme Ruediger (2018), o estudo, que fez um levantamento no período de 10 a 16 de outubro de 2018, apontou que os robôs representaram 0,5% dos perfis no debate sobre os presidentiáveis e geraram 10,4% das discussões. O grupo ligado a Bolsonaro teve 13,8% interações provocadas por robôs e Haddad 7,7% influenciadas por perfis automatizados.

Os conteúdos disseminados para provocar debate entre as militâncias digitais baseavam-se em inúmeras oportunidades em *fake news* – em narrativas que se utilizam de informações falsas e do formato jornalístico, depois ampliadas nos grupos de *WhatsApp*. O aplicativo de mensagens rápidas, aliás, assumiu um grande protagonismo por circular mensagens e memes em grupos de confiança (amigos e parentes) e por fazer prevalecer a sensação de que tais informações não precisam ser checadas e analisadas.

Tais procedimentos de campanha eleitoral – utilizando redes sociais, principalmente o *WhatsApp*; com o uso de robôs; manipulando cidadão-eleitor com

discussões envolvendo conteúdo falso; e ataques entre militância ideológica de esquerda e direita – deram a tônica do pleito de 2018 e estenderam-se para todos os estados brasileiros.

No caso de Roraima, em 2018, conforme estatísticas do Tribunal Regional Eleitoral, o estado era o menor colégio eleitoral do país, com 333.969 eleitores. Para o cargo de governador, cinco candidatos disputavam a vaga: Antônio Denarium (PSL), José de Anchieta Junior (PSDB), Suely Campos (PP), Telmário Mota (PTB), e Fábio Almeida (PSOL). Os candidatos Antônio Denarium (PSL) e José de Anchieta Junior (PSDB) disputaram o segundo turno das eleições. E, o candidato do PSL, foi eleito com 136.621 votos correspondendo 53,34%.

As duas vagas para o Senado foram disputadas por 11 candidatos: Angela Portela (PDT); Chico Rodrigues (DEM); Christian Santos (Patri); Júlio Martins (PTB); Lourival (PSTU); Luciano Castro (PR); Mecias de Jesus (PRB); Isamar Ramalho (PSL); Romero Jucá (MDB); Rudson Leite (PV); e Telma Taurepang (PCB). Já na disputa para as oito vagas na Câmara Federal, eram 154 candidatos. E, para ocupar uma das 24 cadeiras na Assembleia Legislativa do Estado, 485 candidatos que almejavam uma vaga.

As pautas principais no contexto eleitoral em Roraima em 2018 estiveram marcadas por duas grandes crises: a crise do setor energético e a crise migração venezuelana. Tais problemas ingressaram na pauta de discursos principalmente dos candidatos que concorriam ao governo do estado e influenciaram também as disputas nos demais níveis.

Em Roraima, conforme Santi (2019, p. 239), a temática migração venezuelana foi amplamente discutida pelos três principais candidatos ao governo do estado, sendo evidenciado que Antônio Denarium e José de Anchieta mantiveram um discurso de ódio, preconceito e indiferença com a presença dos venezuelanos em Roraima. “No contexto local, xenofobia dá voto – ajuda a eleger Governador e até Presidente da República”, evidencia o autor.

Além do grande contingente migratório venezuelano, outra pauta recorrente evidenciada pelo estudo de Santi (2019), que na pesquisa aparece vinculada à categoria infraestrutura, é a grave crise que o estado enfrentava no setor energético.

Desde 2011, Roraima recebia energia da Venezuela fornecida pela hidrelétrica de Guri, localizada no estado de Bolívar. Devido à crise econômica e

política do país vizinho, as interrupções no fornecimento de energia tornaram-se frequentes. Assim, no contexto eleitoral, a crise provocada pela imigração e a energia fomentaram os debates entre os candidatos e ecoavam nas redes sociais e grupos de *WhatsApp*.

A conjuntura que se apresentava no período da Campanha Eleitoral aumentou a insatisfação com políticos que há anos vinham ditando as regras na política roraimense. A cobrança foi direcionada para o bloco dos parlamentares que tentavam reeleição no Congresso Nacional. Dos oito deputados federais no pleito eleitoral, apenas quatro conseguiram se reeleger. Mas, dois senadores que concorriam à reeleição, não venceram nas urnas. Entre eles, Romero Jucá (MDB), que há 24 anos ocupava o cargo de senador e tentava sua quarta reeleição.

### **3.2.1 O senador de todos os governos**

Roraima, o menor estado da federação brasileira, é o reduto político do ex-senador Romero Jucá (MDB), uma figura proeminente da política nacional. Durante 20 anos de forma consecutiva, Jucá esteve entre os parlamentares “Cabeças do Congresso Nacional”, conforme publicação organizada pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DAAP)<sup>5</sup>.

Notadamente o parlamentar possui a habilidade de aderir a bandeira ideológica de distintos partidos no governo e, por isso, pode ser considerado um daqueles senadores de todos os governos. Foi líder no Senado dos governos de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), de novembro de 1999 a janeiro de 2003; de Luís Inácio Lula da Silva (PT), de março de 2004 a fevereiro de 2005; e permaneceu na condição de líder no governo da presidente Dilma Rousseff (PT), em 2011. No período do governo do PMDB, em 2016, foi escolhido pelo presidente Michel Temer para se tornar novamente líder do governo no Congresso.

O pernambucano Romero Jucá chegou a Roraima em 1988 após ser nomeado pelo presidente da República José Sarney (PMDB) e ter o nome aprovado pelo Senado Federal para assumir o cargo de Governador no recém criado estado de Roraima. Afastou-se do cargo em 1990 para concorrer ao cargo de governador, mas foi derrotado pelo Brigadeiro Ottomar de Souza Pinto (PTB).

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.diap.org.br/index.php/publicacoes/category/9-os-cabecas-do-congresso-nacional>>. Acessado em 10 de out.2020.

De acordo com Santos (1998, p. 11), Romero Jucá e Ottomar Pinto possuem a mesma formação política, oriunda do nordeste brasileiro. Historicamente se utilizam do mandonismo, uma prática de mando baseada no clientelismo e personalismo, para angariar votos e conquistar poder. Conforme o autor, “[...] essencialmente pragmáticos e raramente ideológicos, esses políticos fazem uso do estilo patrimonialista do bem público, adotam políticas como troca de favores e esperam nas eleições o imediato reconhecimento e lealdade de suas clientelas”.

Em 1994, Romero Jucá concorreu pela primeira vez ao cargo de Senador, pelo estado de Roraima, conseguindo se manter no cargo até 2019. Foi derrotado nas eleições de 2018, não conseguindo concretizar o quarto mandato consecutivo como Senador da República.

Ao longo desses anos como senador, Jucá (PMDB) ascendeu no cenário nacional por articular projetos e reformas polêmicas e também devido às denúncias de envolvimento em casos de corrupção. Foi vice-presidente do Senado por duas legislaturas e relator do orçamento da República por três vezes (2012, 2013, 2014). Foi relator da Reforma Trabalhista; do projeto de lei que regulamenta o Trabalho Doméstico; e do projeto que dispõe sobre a expropriação das propriedades rurais e urbanas, onde se localizem a exploração de trabalho escravo.

No governo Lula (PT), Jucá ocupou por quatro meses o cargo de ministro da Previdência Social (2005). Deixou a função após denúncias de envolvimento em fraudes relacionadas ao Banco da Amazônia. Em 2016, após o impeachment da presidente Dilma, foi nomeado como ministro do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, seu tempo na pasta foi relâmpago, duraram 11 dias. Pediu exoneração após vazamento da gravação do seu diálogo com o ex-presidente da Transpetro, Sérgio Machado. No áudio, Jucá falava sobre a Operação Lava Jato que investigava uma série de desvios de recursos na Petrobrás, que “era preciso estancar a sangria”.

Em Roraima, Romero Jucá direciona a atuação nas cidades em que os prefeitos fazem parte do seu grupo de apoio político. Nos últimos oito anos, tendo sua ex-mulher Teresa Surita (MDB) como prefeita de Boa Vista, a capital foi beneficiada por grande parte das emendas parlamentares do Senador.

Como político tradicional, representante do bloco dos parlamentares que tentavam reeleição, nas eleições de 2018, Romero Jucá foi personagem de inúmeras notícias (verdadeiras e falsas), incluindo pautas onde o tema principal era o fornecimento de energia elétrica. As *fakes news* atribuíam a causa do problema de

energia elétrica ao Senador Romero Jucá, que conforme a narrativa predominante, tentava beneficiar as termelétricas que, segundo os boatos, eram de sua propriedade.

Com a imagem há anos circulando no cenário político, envolvido por denúncias de corrupção e investigado no esquema de desvio de recursos pela Operação Lava Jato, não foi difícil para as notícias falsas e memes, que circularam em vários formatos, responsabilizar o parlamentar como o causador da crise energética em Roraima.

O próprio Senador, em entrevista ao Jornal Folha de São Paulo<sup>6</sup>, em outubro de 2018, afirmou que sua campanha foi “dura” e “maculada” pela “invasão dos venezuelanos” e pelo “corte sistemático” da energia vinda da Venezuela, durante o período eleitoral.

Mesmo sem mandato, Romero Jucá continua a circular pelo cenário político de Roraima, visitando municípios que abrigam grupos de poucos aliados. E, em seu novo site<sup>7</sup>, dedicou uma seção para esclarecer pontos sobre o que considera notícias falsas que circularam durante a campanha eleitoral de 2018 e que continuam assombrando seu percurso político.

Por isso, cremos, se fez necessário tratar do fenômeno das *fake news* nos episódios eleitorais no contexto de pós-verdade, seu uso político e potencial, influência das redes sociais (e seus conteúdos) nas campanhas eleitorais. As notícias falsas se apropriam do formato jornalístico para fazer circular nestes contextos outras narrativas, algumas delas inverdades, corrompendo o conceito tradicional de jornalismo.

Como evidenciamos nesta seção, o conceito da pós-verdade está intrinsecamente relacionado ao comportamento do homem pós-moderno. Segundo Terry Eagleton (2005) a desesperança dos ideais marxistas e a ascensão do neo liberalismo instigou o desejo em romper com os padrões tradicionais adotando a pluralidade, principalmente no que concerne à informação.

Neste contexto, a sociedade passa a ser caracterizada pelo hiper. Conforme Lipovetsky (2004) existe aí um exagero de comportamento valorizando a liberdade, rompendo com os valores tradicionais e desacreditado nas instituições que antes

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/tivemos-a-crucificacao-dos-politicos-diz-juca-derrotado-apos-24-anos.shtml>>. Acessado em 10 de out. 2020.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://romerojuca.com.br>>. Acessado em 10 de jan. 2021.

direcionava a condução da sociedade. Esse homem hipermoderno passa a supervalorizar seus ideais em opiniões, mas ao mesmo tempo deseja estar conectado com outros.

A pós-verdade surge então para referendar esse comportamento, onde predominam as emoções nas decisões e o conceito de verdade passa a ser relativizado e questionado. Conforme Castilho (2016, p. 02), na era da pós-verdade, “[...] as versões ganharam mais importância do que os fatos, o que não é bom e nem mau. É simplesmente uma realidade”. Para o autor, o que chamamos de fatos são, na verdade, “[...] representações dos fatos, dados ou evento desenvolvidos pela mente de cada indivíduo.”

É possível, portanto, afirmar que as *fake news*, nesse cenário, são elaboradas com a intencionalidade de provocar desinformação para dominar e garantir poder. As estratégias utilizadas pelos produtores assemelham-se à técnica da narrativa jornalística, mesclam uma linguagem direcionada para emoção com informações fraudulentas, descontextualizando dos fatos e aplicando propositalmente uma interpretação que direcione as experiências das pessoas.

Na sequência, apresentaremos nossas análises sobre as eleições de 2018 e a reeleição (inviabilizada) do senador Romero Jucá, onde predominaram o conteúdo digital espalhado nas redes sociais. No contexto local, também a utilização de robôs e perfis falsos foram os principais disseminadores das *fake news*, inflamando o debate político nas redes.

Assim sendo, o eleitor sem tradição de se configurar como correligionário político tornou-se mais intuitivo e passou a adotar a postura de opinar e participar dessas discussões e debates nas redes sociais, talvez nem sempre utilizando os melhores recursos ou as melhores narrativas disponíveis no universo de significação.

## 4 PROTOCOLO ANALÍTICO

Analisar a transmutação da narrativa jornalística em sites de comunicação e redes sociais no período de campanha eleitoral é um processo que requer apropriação de uma metodologia que consiga apreender a dinâmica e amplitude do problema num mundo em constante mudança tecnológica.

No campo da comunicação é um desafio instigante analisar e refletir sobre as mutações das narrativas jornalísticas e as *fake news* em contextos eleitorais, um fenômeno que vem acarretando mais desinformação do que informação para a sociedade. Um objeto múltiplo e multifacetado, como o que aqui analisamos, requer buscar novas perspectivas de discussão, mas, sem abrir mão dos padrões mínimos da “ciência normal”. Conforme Thomas Kuhn (2006, p. 66) descreveu “[...] a ciência normal é uma atividade altamente determinada, mas não precisa ser altamente determinada por regras”.

Assim, optamos, neste trabalho, por um aporte teórico/metodológico que integre várias áreas de conhecimento e que (talvez) aponte um caminho inovador para o campo da pesquisa comunicacional. Conforme Santi (2016), a metodologia fundamenta-se em indicadores que ajudam como revelar o oculto e sua emergência, entender o objeto e fornecer informações para a prática científica.

Desta forma, para entender sobre as transmutações das narrativas (jornalísticas) recorreremos para o conceito de narratologia, abordado por Motta (2013) na coconstrução de sentido da realidade social e da disputa de poder. Nesse rumo, a narrativa possui uma estrutura composta por protagonistas/personagens que determinam a sequência das tensões e dramas encadeando uma intriga, conforme Todorov (2003; 2006).

Considerando a transmutação narrativa como parte da construção da realidade e das relações sociais, reportamos a análise para tríplice mimese de Ricouer (1994), na tentativa de compreender que a narrativa configura uma ação hermenêutica entre os interlocutores. O ato em configurar e reconfigurar uma narrativa depende então do movimento entre o emissor e receptor, nesse ciclo interminável de interpretação.

No universo tecnológico, as transformações ampliaram as narrativas que se reconfiguram em transmidiáticas, permitindo que um fato seja narrado de diversas

formas e uma história sequenciada em várias partes (GOSCIOLA, 2012). O delineamento de tal ambiência, associada ao conceito de *fake news* – que se apropria dos padrões jornalísticos para disseminar informações falsas provocando dúvidas e desinformação na sociedade – permite vislumbrar a conexão de múltiplos ângulos que pairam sobre o processo de transmutação da narrativa jornalística.

Deste modo, para analisar tal processo de transmutação da narrativa jornalística nesta ambiência, faz-se necessário percorrer o caminho plural da transmetodologia. Tomamos esse caminho por considerar que este percurso integra concepções multidimensionais e constrói sua base teórico-metodológica com outras disciplinas e saberes, capaz de contemplar melhor as complexidades que esta proposta de estudo exige (MALDONADO, (2002; 2016); AGUIAR (2011)).

Conforme Maldonado (2016), a transmetodologia rompe com a utilização sistemática da pesquisa adotada no decorrer da história, revelando que o padrão estabelecido pode ser rompido dentro de uma perspectiva de inovação e criação num mundo em constante mudança. A estratégia transmetodológica não segue apenas uma possibilidade de análise de um problema, mas abre as possibilidades para olhar em diferentes ângulos. Para Maldonado (2016, p. 20), “[...] a transmetodologia argumenta, assim, a favor do metodológico vivo, construtivo, inventivo, processual, experimental e transformador; ao propor a desconstrução (reconstrução, construção) dos arranjos metodológicos em todas as pesquisas”.

A partir dessa percepção transmetodológica, é que direcionamos a presente investigação para o acionamento da Carta de Princípios Teórico-Metodológicos elaborada por Santi (2014; 2016; 2017), um modelo que opera em rede e que busca interligar todos os pontos para desvendar a produção de conhecimento e compreender convenientemente o problema da pesquisa – um desafio instigante no campo de estudos do comunicacional.

Essa armação metodológica contempla cinco etapas de atuação e pesquisa: Histórica, Contextual, Culturoológica, Etnográfica e Praxiológica. Esses eixos são trabalhados em sincronia, conforme argumenta Santi (2016, p. 125), e buscam “[...] materializar as estratégias de interação entre eles – de uma forma viva –, a fim de dar conta de como opera o seu reconhecimento”.

É a partir da imersão nesse processo que direcionamos a pesquisa sobre a transmutação da narrativa jornalística em contextos eleitorais, contemplando a historicização por meio da pesquisa documental; a contextualização pela pesquisa



da pesquisa e pesquisa bibliográfica; e, o exame culturoológico por meio da análise da narrativa jornalística, com o aporte à nova narratologia, tomando-a como construtora de sentido e intencionalidades.

Concomitante, evidenciamos os princípios etnográficos para análise comportamental no campo da web e redes sociais e o praxiológico, destacando a observação do pesquisador perante a pesquisa. Neste último processo, imergimos no processo de investigação, como pesquisadora, mas refletindo está ação como jornalista e assessora de imprensa.

Conforme Maldonado (2016), no campo da comunicação a experiência está ligada à realidade e vivências dessa realidade. Nesse sentido, nossa experiência ajudou a consolidar conceitos e analisar o percurso da transmutação jornalística, tendo em vista que, a narrativa primária, que originou novas configurações, desinformações e fake news, foi apurada e produzida na época em que respondíamos pela Assessoria de Imprensa do então senador Romero Jucá (MDB).

Creemos que tal fato foi fundamental para reconstruirmos as relações entre teoria e prática na pesquisa, já que, conforme Santi (2016, p. 129), o princípio da práxis permite a imersão e o distanciamento na dimensão subjetiva e objetiva no campo da comunicação, e corrobora para realizarmos uma depuração e reflexão profunda sobre o processo de transmutação da narrativa que pretendíamos investigar.

Neste capítulo apresentamos, portanto, a partir de uma plataforma transmetodológica, um método, uma estratégia metodológica, que constrói caminhos dispondo da confluência com outras disciplinas do saber. Em seguida, a título de detalhamento do percurso que escolhemos, vamos descrever o passo a passo da aplicação dos eixos existentes na Carta de Princípios Teórico-Metodológicos de Santi (2014; 2016; 2017). Passaremos então a situar seus conceitos na realização das etapas da presente pesquisa.

#### 4.1 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Adotamos a transmetodologia (MALDONADO 2002; 2016 e AGUIAR, 2011) como princípio norteador para ampliar a dimensão de entendimento do problema durante a investigação e a Carta de Princípios teórico-metodológicos de Santi 2016;

2017), como armação transmetodológica prioritária, que visa trabalhar o objeto de investigação de forma crítica e inovadora.

Pautamo-nos nessa perspectiva, que une diferentes saberes, experiências, estratégias, tecnologias e metodologias (AGUIAR, 2011), para tornar possível transitar em interseções que nos levam ao resultado da produção de um conhecimento mais situado e que dê conta da análise coerente de nosso objeto de investigação. Tal procedimento reafirma a importância da prevalência do pensamento crítico na reflexão e análise dos dados da pesquisa.

Para Maldonado (2002), a transmetodologia, apresenta uma nova perspectiva do saber. A análise sobre o problema investigado exige um esforço máximo e desafiador, empregando uma pluralidade dos saberes, considerando as transformações epistêmicas e as experiências dos processos pluri e interdisciplinares.

Ao adotar a transmetodologia como norte para verificação e análise do objeto da pesquisa, identificamos pontos que convergem, confrontam entre as diferentes técnicas acionadas, o que implica uma imersão dialógica para com essas técnicas movimentadas. Conforme Aguiar (2011, p. 02), “[...] essas dimensões ao convergirem juntas ajudam a estabelecer uma epistemologia transmetodológica que é criativa, mas acima de tudo crítica na hora de conjugar a práxis teórica e as estratégias metodológicas ao caráter multicontextual das pesquisas em comunicação”.

Tais dimensões nos ajudam a observar, portanto, de forma mais completa a posição do objeto de pesquisa e as vertentes que estão em sua volta, as quais vão dar pistas sobre a origem dos debates e contextos. É por isso que, no campo da investigação em comunicação, a transmetodologia torna-se um método interessante para o pesquisador que não segue apenas um caminho, mas permite visualizar possibilidades que não foram ainda abordadas.

Em consonância com essa respectiva e para mapear os desdobramentos da narrativa jornalística (em notícias falsas), nosso trabalho acionou os princípios metodológicos enumerados por Santi (2014; 2016; 2017), conforme esquema a seguir (ver Figura 2). Segundo o autor, esses princípios formam uma espécie de carta de navegação que pretende emprestar materialidade, aprofundando a compreensão dos tecidos de ideais e conceitos que circulam na órbita das

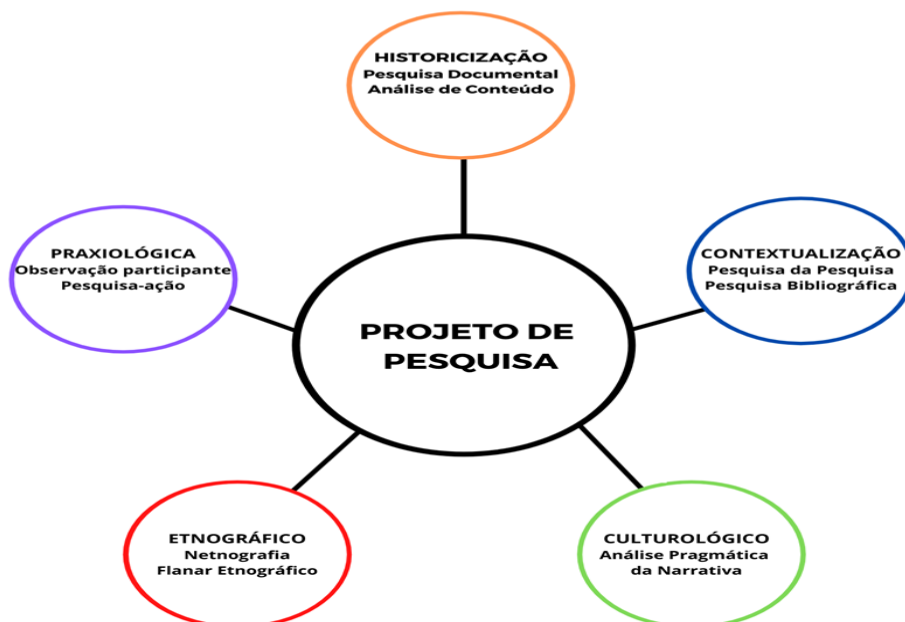
discussões sobre, em nosso caso, as transmutações das narrativas jornalísticas em contextos eleitorais.

Porém, como destaca Santi (2014; 2016; 2017), esses princípios não podem ser adotados como valores absolutos na pesquisa. São, antes, balizadores que iluminam caminhos para construção de uma base teórica e metodológica mais coerente para investigação que nos propomos realizar.

Segundo o autor, a Carta de Princípios funciona como um mapa e ajuda a nos guiar, mantendo o entrelaçamento com os demais conceitos levantados para analisar o problema da pesquisa.

Essa estratégia permite-nos aspirar à construção de uma carta de navegação outra; autoriza-nos a buscar um novo do mapa que pode auxiliar na exploração macro do Campo Comunicacional. Tal construção é carregada com certo grau de pragmatismo. Ela não se preocupa, porém, em apenas isolar os princípios metodológicos que aqui apresentamos, busca materializar as estratégias de interação entre eles – de uma forma viva –, a fim de dar conta de como opera o seu reconhecimento (SANTI, 2016, p. 125).

**Figura 2:** Carta de Princípios Teórico-Metodológicos de Santi (2014; 2016; 2017).



Fonte: Elaboração própria.

Ressaltamos que a apresentação da Carta de Princípios conforme Figura 2, serve para expor todas as etapas contidas no método. Buscamos acionar nesta pesquisa todas as etapas e esclarecemos que em alguns momentos houve interseção entre as etapas de acionamento. Elas foram realizadas de forma conjunta, como por exemplo, as fases etnográfica e praxiológica, que foram desenvolvidas ao longo da fase histórica e contextual. A seguir detalhamos o procedimento de cada uma das etapas da Carta de Princípios.

#### **4.1.1 Princípio histórico**

No primeiro momento do estudo partimos da análise e aprofundamento teórico-bibliográfico e da pesquisa documental das temáticas aqui manejadas – boa parte dele já apresentado nos capítulos anteriores. Para a melhor compreensão do problema de pesquisa, estudamos autores que se ocupam em pensar as relações entre a comunicação e a política, a natureza da informação jornalística e o seu uso político; também a teoria da narrativa, a narratologia moderna e a narrativa jornalística e suas transmutações no contexto das novas tecnologias; e, ainda, as notícias falsas, os episódios eleitorais e o contexto eleitoral de Roraima na era da pós-verdade.

Nessa etapa, analisamos a origem dos conceitos e os elementos envolvidos na órbita da pesquisa, trazendo à luz os pressupostos teóricos e estudos relacionados à temática que ainda não foram explorados. Tal princípio acompanha a trajetória histórica em que está inserido o projeto de pesquisa.

Conforme Santi (2014; 2016; 2017), historicizar na pesquisa das narrativas em comunicação permite entender a construção de um pensamento e as matrizes culturais, sociais, científicas e tecnológicas que envolvem a questão do problema. É ir a fundo, descortinando o aparente da história e revelando as raízes de um conceito e as ideias sob as quais elas foram construídas.

Nesta pesquisa, para ter acesso ao conhecimento amplo do debate histórico, se faz necessário buscar a origem, os significados e a refiguração dos debates construídos em torno da narrativa sobre a questão energética envolvendo o senador Romero Jucá no contexto eleitoral roraimense em 2018. Para tanto, nos apoiamos na pesquisa documental que trata analisar os materiais que serviram de fonte de estudo.

Segundo Gil (2006), a pesquisa documental dedica-se a analisar materiais que não receberam um tratamento analítico mais profundo e que podem ser reelaborados de acordo com a proposta de investigação. É por isso que partimos aí para analisar as reportagens on-line e postagens em redes sociais que envolviam o senador Romero Jucá (MDB) na crise energética no contexto pré-eleitoral e eleitoral de Roraima.

Neste estágio, utilizamos o método de análise de conteúdo, já que essa técnica permite selecionar, interpretar e checar os materiais pesquisados interligando-os com a problemática da pesquisa. Para Bardin (2009), a análise de conteúdo possibilita descrever e interpretar o conteúdo de uma mensagem, permitindo direcionar inferências sobre o processo de comunicação entre produção e receptor.

Conforme Gil (2008), com o grande volume de informações produzido tornou-se necessário adotar uma técnica de quantificação dos materiais veiculados. Nesta era de informação digital, as narrativas multiplicaram em seu formato e teor de mensagem, por isso, faz-se necessário adotar análise de conteúdo separando e relacionando as narrativas veiculadas nos jornais hospedados na web e nas redes sociais. “À medida que as informações obtidas são confrontadas com informações já existentes, pode-se chegar a amplas generalizações, o que torna a análise de conteúdo um dos mais importantes instrumentos para a análise da comunicação”. (GIL, 2008, p. 153).

Nesta fase, procedemos à organização (em ordem cronológica) dos produtos jornalísticos (ou não) veiculados que suportam a narrativa da questão energética de Roraima e sua vinculação com os episódios eleitorais, mais especificamente com a eleição para o Senado em 2018 no estado de Roraima. Para tanto, selecionamos 14 textos publicados (em diversos suportes de mídia), relacionados à campanha do senador Romero Jucá, entre fevereiro de 2017 e outubro de 2018 e os classificamos conforme as orientações de Bardin (2009) para identificar melhor os materiais que pesquisamos (ver Quadro 1).

Partimos do acompanhamento da trajetória narrativa (mapeamento) e dos desdobramentos do percurso de uma reportagem, originalmente produzida pela assessoria de comunicação e postada no site de notícias do senador Romero Jucá, e também enviada como release à imprensa roraimense, no dia 03 de fevereiro de

2017, com o seguinte título: “Romero Jucá conhece novos geradores de energia que vão atender os municípios de Roraima”.

**Quadro 1** – Resultante da pesquisa documental / análise de conteúdo.

<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Tipo de Texto</b>	<b>Tipo de suporte</b>	<b>Localização</b>
03/02/2017	Romero Jucá conhece novos geradores de energia que vão abastecer municípios de Roraima	<b>Notícia</b> (Assessoria de Comunicação)	Site do Senador	Figura 3
08/02/2017	Eletrobrás Roraima vai gastar 100 milhões para gerar energia em 2017	<b>Notícia</b> (Texto Jornalístico)	BNC Roraima	Figura 4
08/02/2017	Eletrobrás Roraima vai gastar 100 milhões para gerar energia em 2017	<b>Notícia</b> (Texto Jornalístico)	Facebook	Figura 5
18/08/2017	Dependente de energia da Venezuela, Roraima já teve mais de 50 apagões em menos de 2 anos, diz Eletrobrás	<b>Notícia</b> (Texto Jornalístico)	G1RR	Figura 6
01/11/2017	Conta de luz do boa-vistense está mais cara 32,26% a partir de hoje	<b>Notícia</b> (Texto Jornalístico)	Folha de Boa Vista	Figura 7
01/11/2017	Eu quero continuar trabalhando por Roraima em Brasília	Postagem no Facebook	Facebook	Figura 8
04/11/2017	Luz a preço de ouro na terra de Jucá	<b>Notícia</b> (Texto Jornalístico)	Revista Veja	Figura 9
04/11/2017	Veja traz matéria envolvendo Jucá com crise energética em Roraima	<b>Notícia</b> (Texto Jornalístico)	Folha de Boa Vista	Figura 10
04/11/2017	Luz a preço de ouro: Roraima, estado controlado pelo clã Jucá, gasta fortunas com geradores emergenciais para fornecimento de energia	<b>Notícia</b> (Texto Jornalístico)	Fato Real	Figura 11
06/11/2017	Revista Veja diz que Jucá é responsável pelos apagões em Roraima	<b>Notícia</b> (Texto Jornalístico)	Facebook	Figura 12
22/02/2018	Eletrobrás Roraima vai gastar 100 milhões com termelétricas privadas	<b>Notícia</b> (Texto Jornalístico)	Brasil 247	Figura 13 Conclusão
24/06/2018	Jucá e Anchieta desmontam setor energético em Roraima	<b>Artigo</b> (Texto de opinião)	Blog do Amilcar	Figura 14
02/09/2018	Quando faltar energia na sua casa... fale com o Jucá	<b>Banner</b>	Grupos de <i>WhatsApp</i>	Figura 15
14/09/2018	Se reclamar, desligo de novo	<b>Meme</b>	Grupos de <i>WhatsApp</i>	Figura 16

Fonte: Elaboração própria.

Na época, as informações contidas na reportagem foram apuradas e checadas pela pesquisadora, quando integrava a equipe de comunicação do referido parlamentar. Na sequência, no decorrer dos anos de 2017 e 2018, tal narrativa foi se modificando (sofrendo inúmeras transmutações) até se transformar em informações falsas veiculadas no Facebook durante a campanha eleitoral. Por isso, levou-se em consideração a frequência das postagens e o tipo de conteúdo publicado neste período.

A pesquisa documental e a análise de conteúdo nos permitiram também retomar a discussão sobre valores-notícias (HOHLFELDT, 2001). Também nos ajudaram a identificar quais os principais critérios de noticiabilidade foram acionados na composição dos textos componentes do *corpus* de análise. Tais critérios permitiram entender por que tais textos foram elevados à categoria de narrativas (jornalísticas) disponibilizadas em diferentes formatos e suportes no período estudado.

Na discussão dos valores-notícia e dos critérios de noticiabilidade (HOHLFELDT, 2001), a partir da pesquisa documental (GIL, 2008) e da análise de conteúdo (BARDIN, 2009), conforme o princípio da historicização (SANTI, 2014; 2016; 2017), ficou evidente a agência de um modelo textual muito mais próximo à pirâmide deitada de Canavilhas (2006) do que da tradicional pirâmide invertida, consagrada pelo jornalismo tradicional. Lembramos que a consequência para narrativização dos fatos estudados e a apresentação destes textos em camadas, conforme um modelo textual híbrido, também serão discutidos nos resultados da presente investigação.

#### **4.1.2 Princípio contextual**

Dando prosseguimento ao acionamento do protocolo teórico-metodológico proposto por Santi (2014; 2016; 2017), utilizamos a contextualização para permitir a reflexão sobre os múltiplos contextos (cultural, social, político) em que está inserido nosso objeto de investigação e o processo de comunicação. Esse acionamento traz uma reflexão sobre a realidade na qual está inserida a problemática investigada e “[...] implica definir com maior clareza as coordenadas de determinada problemática, a posição que ela ocupa no universo de saber” (SANTI, 2017, p. 06).

Contextualizar permite estudar a realidade e os elementos que integram a realidade do problema, admite que se olhe de forma ampla e detalhada para compreender as ações e consequências sociopolíticas. Conforme Maldonado (2011, p. 283), “[...] mostra-se a realidade sociocultural e histórica que atravessa o objeto contribuindo para sua definição”.

Já, segundo Santi (2016), contextualizar é estar atento aos múltiplos fatores externos que se encontram no problema que podem interferir na reformulação de ideias e conceitos. Desta forma, conhecemos os fatores que mantém vínculo com a realidade para explicar sua existência por meio de coleta de dados feita pela pesquisa da pesquisa e pesquisa bibliográfica.

Aqui, a pesquisa da pesquisa permite avaliar e refletir sobre o conhecimento produzido e os resultados obtidos. A pesquisa da pesquisa não encerra o processo de conhecimento. De acordo com Bonin (2008), o método permite visitar a produção de conhecimento numa perspectiva de constante mudança. A partir desse parâmetro, ajuda a avançar e direcionar o percurso que se deve seguir na pesquisa, tomando como balizador as produções anteriores.

Assim, a pesquisa da pesquisa torna-se um exercício de reflexão e desconstrução, ampliando as possibilidades de novos conceitos e descobertas a partir das proposições já elaboradas (BONIN, 2008). A metodologia traça, conforme Bonin (2008, p.123) um mapeamento geral das pesquisas realizadas, importante para “situar-se neste processo”, e para orientar o trabalho de reflexão aprofundada daquelas questões que se mostrem relevantes para análise do problema.

É com esta perspectiva que realizamos um levantamento do que já foi discutido sobre Comunicação e Política (Capítulo 1); sobre a Teoria Narrativa do Jornalismo (Capítulo 2); sobre os Episódios Eleitorais na Era da Pós-Verdade (Capítulo 3); e sobre Transmetodologia (Capítulo 4); envolvendo a narrativa jornalística e a questão energética em Roraima – Ver Quadro 2.

Para tanto, utilizamos como ferramenta principal para auxiliar no princípio da contextualização da problemática a pesquisa bibliográfica. Tomamos a pesquisa bibliográfica como uma atividade intelectual de análise e reflexão sobre o material bibliográfico já produzido a respeito da temática em estudo. Como afirma Fachin, (2005) a pesquisa bibliográfica tem como finalidade conduzir o leitor à análise de determinado assunto, proporcionando-o mais saber.



**Quadro 2 – Resultante da pesquisa da pesquisa / revisão bibliográfica**

<b>Capítulo</b>	<b>Tópico</b>	<b>Autores principais</b>	
<b>1. Comunicação e Política</b>	1.1 Da natureza da informação jornalística	Wolf (1994); Hall (1997); Sousa (2000); Hohlfeldt (2001); Traquina (2005; 2008); Canavilhas (2014; 2006); e Chaparro (2007).	
	1.2 Do uso político da informação jornalística e do poder de voz	Foucault (1975); Weber (1992); Ianni (1999); Wolton (2001); Rubim (2004); Eagleton (2005); Castells (2009); Motta (2004, 2012, 2013); e, Bittencourt (2016).	
<b>2. Teoria Narrativa e Jornalismo</b>	2.1 Da narratologia moderna	Kristeva (1974); Certeau (1982, 2008); Propp (1984); Benjamim (1987); Chartier (1988); Reis e Lopes (1988); Ricouer (1994, 2004); Campbel (1997); Vieira (2001); Todorov (2003, 2006); Eco (2003, 2010, 2013); Gancho (2004); Lévi-Strauss (2006); Canclini (2008); Greimas (2008); Portelli (2010); Veneroso (2012); e, Martins e Pontes (2017).	
	2.2 Da narrativa jornalística		
	2.3 Das transmutações nas narrativas jornalísticas	Kinder (1993); Franciscato (2000); Bucci (2000); Carvalho (2012); Canavilhas (2014, 2006); Motta (2004, 2012, 2013); Gomes (2006, 2012); Jenkins (2009); Dalmonte (2009); Recuero (2009); Gosciola (2012); Lits (2015); Quadros (2018); e, Prior (2018).	
<b>3. Episódios Eleitorais na Era da Pós-Verdade</b>	3.1 A era da pós-verdade e o fenômeno das fake news	Kahneman (1979); Elias e Scotson (2000); Lage (2001); McPherson, Smith-Lovin e Cook (2001); Lipovetsky (2004); Eagleton (2005); Gosciola (2012); Motta (2013); Lits (2015); Estevão e Farias (2018); Spinelli e Santos (2018); Veronese e Fonseca (2018); Wardle e Derakhan (2017); Mendes, Doneda e Bachur (2018); Machado, Steibel, Konopacki (2018); e, Recuero e Gruzd (2019). Howard (2006); Santos (1998; 2016); Castilho (2016); Ruediger (2018); Ituassu et.all (2019); Veiga (2019); e, Santi (2019).	
	3.2 Os episódios eleitorais e o contexto eleitoral em Roraima		
	3.2.1 O senador de todos os governos		
<b>4. Protocolo Analítico</b>	4.1 Estratégia metodológica	4.1.1 Princípio histórico	Ricouer (1994); Hohlfeldt (2001); Maldonado (2002, 2016); Todorov (2003; 2006); Motta (2004; 2013); Fachin (2005); Canavilhas (2006); Gil (2006; 2008); Bonin (2008); Bardin (2009); Amaral, Natal e Viana (2009); Marconi (2009); Gosciola (2012); Kuhn (2006); Maldonado (2011); Aguiar (2011); Santi (2014; 2016; 2017); Lits (2015); Silva (2015); Castilho (2016); Wardle e Derakhan (2017); e, Veronese e Fonseca (2018)
		4.1.2 Princípio contextual	
		4.1.3 Princípio culturológico	
		4.1.4 Princípio etnográfico	
		4.1.5 Princípio praxiológico	
<b>5. Discussão dos Resultados</b>	5.1 Análise histórico-contextual	Ricouer (1994); Bondiá (2002); Todorov (2003); Fachin (2005); Gil (2006; 2008); Bardin (2009); Castells (2009); Bonin (2009); Amaral, Natal e Viana (2009); Recuero (2009); Monteiro (2011); Gomes (2012); Mota (2013); Martino (2014); Santi (2014; 2016; 2017); Lits (2015); Silva (2015); Braga (2016); Castilho (2016); Wardle e Derakhshan (2017).	
	5.2 Análise culturológica		
	5.3 Análise etno-praxiológica		

Fonte: Elaboração própria.

Para este trabalho, consultamos obras de autores que deram suporte na referência teórica de suas discussões sobre comunicação e política, narratologia, pós-verdade e *fake news*, materiais que ajudaram a iluminar e aprofundar nos conceitos apresentados na produção de conhecimento da pesquisa.

#### **4.1.3 Princípio culturológico**

É importante lembrar ainda que para entender esse complexo processo de transmutação da narrativa (jornalística), não podemos desprezar o aspecto cultural, uma vez que é rico, profundo e mantém uma relação intrínseca com a produção da narrativa jornalística. Motta (2013), por exemplo, considera que as narrativas são expressões de nossas crenças, valores, história, costumes, leis e cultura.

Como vimos, segundo Motta (2013, p. 79), a nova narratologia considera que a narrativa ao mesmo tempo revela a realidade, apresenta o contexto cultural do ser e garante significado para as relações sociais. Aí a narrativa ajuda a revelar como o mundo se expressa – ela faz parte da vida e está envolvida em cada ato dos sujeitos. Nessa construção, a narrativa ajuda a expor o olhar sobre vários aspectos (sejam culturais, sociais, políticos ou econômicos) e por isso, como bem afirma Motta (2013), interessa nas discussões sobre o jornalismo e a comunicação.

Efetivamente podemos considerar que o princípio culturológico é inerente à dinâmica comunicativa capaz de revelar componentes que integram a construção da realidade social e a maneira como o homem apreende o mundo em sua volta. Santi (2014; 2016; 2017) afirma que por meio da análise do princípio culturológico, podemos elencar os aspectos culturais que interferem nas práticas comunicacionais.

Cremos assim que é a observância das recomendações do princípio culturológico que vai nos permitir acessar as matrizes culturais que interferem no processo de comunicação (de classe, território, etnia, religião, sexo, idade etc.). É ele quem se preocupa, por exemplo, em dar conta dos (novos) processos de produção e circulação da cultura, patrocinados pelo comunicacional (SANTI, 2016, p. 127).

Foi inspirada neste princípio que tomamos a narrativa jornalística como um produto cultural que se expressa por meio de várias formas, como: texto, fotos, vídeos e infográficos, nas redes sociais e sites, via representações da realidade e

produção de significados. Por isso, cremos que é fundamental considerar os aspectos culturais que interferem ou constituem a compreensão de uma narrativa.

Todavia, também é importante sinalizar que os processos comunicacionais estão em constantes mudanças, decorrentes de uma sociedade que se molda sobre o suporte tecnológico, interferindo em suas matrizes culturais. As formas de comunicação passaram a ter a predominância do sistema *on-line* e as maneiras de produção, recepção e apropriação da narrativa acompanharam essas transformações, pois, conforme Lits (2015, p. 17) aí existem “[...] novos suportes sobre os modos e formas de escrever”.

Assim, a narrativa jornalística originária desse aparato tecnológico que circula na web e pelas redes sociais, constitui-se a partir de um sistema de valores e representações sociais que formam uma teia de significados baseados nos aspectos culturais, na representação da realidade e nas intrigas apresentadas nas múltiplas narrativas circulantes.

Motta (2004, p. 35) argumenta que somente pela análise da narrativa como produto jornalístico podemos identificar e interpretar as experiências culturais. O autor entende que as notícias são expressas em sistemas simbólicos de linguagem que expressam a realidade e como tal vem carregadas de significados ideológicos e “[...] com elementos antropológicos, como: crenças, valores, desejos, éticas, morais e diversas outras nuances que fazem parte da cultura onde estão inseridos todos os membros desse processo de mediação”.

Neste aspecto, a notícia e a cultura integram uma ambiência capaz de compreender a sociedade em que vivemos e dar suporte para análise da transmutação da narrativa jornalística compartilhada em site e redes sociais, apresentando várias camadas de significação e refigurando em narrativas verdadeiras ou falsas.

Deste modo, para analisar a transmutação da narrativa jornalística partimos do modelo empírico de análise pragmática, apontado por Motta (2013), estabelecendo três instâncias de estudo: plano da expressão (linguagem), plano da estória (conteúdo, enredo, ações, serialidade e personagens) e plano da metanarrativa (tema de fundo, plano ético). Estas são tomadas como instâncias operacionais, partindo do pressuposto da narratologia, que segundo Motta (2013) não se limita para uma crítica de obras literárias, mas como um procedimento

analítico para compreender valores subjetivos e intersubjetivos, a ideologia, a cultura política de uma sociedade (ver Quadro 3).

**Quadro 3 – Modelo empírico de análise pragmática da narrativa**

<b>Plano da Expressão</b>	Linguagem / Expressões			
	Formatos / Tipos de Texto			
	Efeitos			
	Intenções			
<b>Plano da Estória</b>	Conteúdo / Enredo			
	Ações / Serialidade			
	Personagens / Papeis			
	Intriga	Diegese / Mimese		
		Lógica / Sintaxe		
		Ciclo Mimético	Pré-configuração	
Configuração				
Reconfiguração				
<b>Plano da Metanarrativa</b>	Tema de fundo			
	Justificativas			
	Plano moral / ético	Verdade		
		Meias verdades		
		Mentiras (Fakes)	Misinformation / Informação errada	
			Disinformation / Desinformação	
Mal-information / Mal-Infomação				

Fonte: Mota (2013); Lits (2015); Castilho (2016); e, Wardle e Derakhshan (2017).

Conforme Motta (2013, p. 134) tais divisões da abordagem da narrativa não são percebidas durante o processo comunicacional, elas existem para facilitar o procedimento operacional de análise. Segundo ela “[...] não há hierarquia entre as três instâncias, elas ocorrem de forma superposta uma às outras, e, o sentido é deduzido de forma intuitiva, unitária e pressuposta”. Para o autor, na própria essência da narrativa existe uma sequência de transformação que vai se mesclando uma as outras. Nela os personagens existentes são importantes provedores de ações que movimentam a intriga.

Acionando essa chave é que adentraremos pelo percurso metodológico das três instâncias de análise de narrativa, abordados por Motta (2013). No plano da

expressão, ressaltaremos a forma em que a informação é apresentada – o narrador pode utilizar textos, quadrinhos, vídeos, fotos, memes e outros elementos. Aí o foco de análise recai sobre as formas utilizadas para construção da narrativa na descrição de realidade que possa provocar sentido para o receptor.

No plano da expressão, as narrativas selecionadas foram analisadas textualmente na busca das marcas se houve a utilização de certas expressões que causam ironia, medo, incerteza, comparações, exclamações, interrogações, palavras-chave, ou uso de hipérbole nas manchetes jornalísticas, considerada uma forma chamativa para atrair a atenção do receptor.

Segundo Motta (2013, p. 136-137), “[...] é nesse plano que a análise pode identificar os usos estratégicos da linguagem para produzir determinados efeitos de sentido, tipo: comoção, medo, riso, etc. [...] É nesse plano, portanto, que a intencionalidade do narrador e suas estratégias discursivas podem ser mais bem desveladas”.

Na segunda instância de análise da narrativa abordaremos o plano da estória, relacionado ao conteúdo, a intriga abordada pela narrativa. Esse é o plano da diegese, no qual o narrador conta a intriga arquitetada em sua mente, conforme aponta Platão. Mas, comumente, esse plano ao tornar-se narrativa, remete à arte da mimese, o *mythos* Aristotélico, quando o receptor se encontra com a obra representando sua realidade – se encontra com “[...] o mundo possível, imaginado, que se confunde com a tessitura da intriga” (MOTTA, 2013, p. 137).

Nesta instância, torna-se evidenciada a intencionalidade do narrador para criar efeitos de sentido para o receptor. Motta (2013, p.138) afirma que:

Neste plano o analista irá investigar a lógica e a sintaxe narrativa, ou até onde elas manifestam intencionalidade do narrador: as unidades nucleares e a funcionalidade delas na estória; as ações isoladas, seu encadeamento em sequência que conformam os episódios, seu encaixe com outras sequências para compor o enredo, a sequência-tipo, o significado diegético de uso pelo narrador.

Para recompor a sequência do acontecimento-intriga à luz do princípio culturoológico e da teoria da narrativa, também foi necessário ordenar o tempo, que nas notícias surge de forma desordenado e, na web, aparece fora da sequência temporal e fragmentado. Para isso, retomamos aos conceitos de Ricoeur (1994) sobre tempo na tríplice mimese.

Conforme Paul Ricoeur (1994, p. 26), “[...] estamos, com efeito, prontos a considerar como seres, não o passado e o futuro como tais, mas qualidades temporais que podem existir no presente que as coisas de que falamos quando as narramos ou as predizemos ainda existam ou já existam.” Conforme tais pressupostos, é somente pela narrativa que podemos evidenciar e mensurar o tempo vivido no passado ou lançar para o futuro.

É por isso que consideramos que para compreender a transmutação da narrativa jornalística no período eleitoral e o ciclo mimético (representação do real) é necessário “[...] recompor o acontecimento-intriga” (MOTTA, 2013, p. 98). Para isso, foi necessário reordenar o tempo; agrupar as informações sobre o mesmo tema; separar temporalmente em ordem cronológica as narrativas (pois elas apresentaram intervalos de tempos consideráveis entre si); identificar e reposicionar os personagens, seus papéis e funções nos episódios narrativos.

Foi desse modo que percebemos que o início da intriga, objeto de nossa análise, transcorre muito antes do período eleitoral, mas é intensificando na campanha das eleições de 2018, no contexto em que Roraima enfrentava uma crise energética com constantes interrupções no fornecimento de energia elétrica, sendo o protagonista da estória a figura política do senador Romero Jucá.

Segundo Motta (2013, p. 99-100), o processo de recompor e compor a narrativa faz surgir um novo produto cultural capaz de compreender a apresentação da realidade. Assim, conforme o autor, permite entender a mimese jornalística como uma “[...] atividade produtora de sentidos culturais, uma mimese histórica instituidora da realidade, formadora e constituidora do pensamento contemporâneo em todas as dimensões”. É assim que (re)teceremos a intriga, atribuindo o mesmo comportamento do leitor na reconfiguração do drama da história, o seja, no exercício hermenêutico do ciclo mimético: pre-configuração, configuração e reconfiguração da narrativa.

Por isso, se faz necessário alavancar a narrativa para descortinar a intriga e o conteúdo apresentado e a importância dos personagens envolvidos para o desenvolvimento da estória, em sucessões de eventos que vão agregando novos dramas e personagens. Neste plano, podemos perceber a intenção do narrador em criar um sentido de realidade para o receptor. São pistas deixadas para identificar o jogo de poder existente na produção de uma narrativa e as suas intenções.

No último plano de análise encontra-se o plano da metanarrativa, segundo Motta (2013, p. 204), quando a narrativa evoca o imaginário estabelecendo uma conexão entre a intriga, realidade e a concepção de valores éticos, morais e culturais. O autor destaca que “[...] nenhuma história é contada sem que haja um fundo moral, uma razão ética que a situe”.

A narrativa segundo Lits (2015), não fica fechada e isolada nas percepções do narrador, mas é flutuante e sincronizada. O autor argumenta que a narrativa não desaparece, mas se constrói com as demais formas apresentadas na web e redes sociais. “A narrativa coconstrói-se por acumulação de fragmentos narrativos que se agregam pouco a pouco” (LITS, 2015, p.21).

A narrativa aí adquire outra forma e significados, mas com o mesmo fundamento construtivo com personagens, intriga, tempo e espaço. Essa ação transformadora de sentido Motta (2013) considera co-construção da realidade.

No processo de co-construção da realidade, as narrativas adquirem características que Lits (2015) chama de plural, circular e infinita. Nesse aspecto, as transmutações acontecem e carregam em sua essência aspectos de realidade construídos pelo narrador, que podem ser ficcionais ou fáticas.

As narrativas jornalísticas apesar de apresentarem uma estrutura muitas vezes rígida, apresentam um pano de fundo com os valores estabelecidos pelo jornalista narrador, já que “[...] nenhuma notícia está nas páginas e telas sem que haja uma razão ética ou moral que justifique seu relato” (MOTTA 2013, p. 206). Nesse sentido, a transmutação da narrativa carrega consigo valores morais e éticos evocados pela apresentação da realidade para promover sentido para o receptor.

No plano metanarrativo, portanto, são analisados parâmetros deixados pelo jornalista-narrador para criar conceitos de verdade, mentira, moral, ética. No caso das narrativas jornalísticas, essas passam a evidenciar a construção de um discurso na simbologia de poder agregado ao perfil editorial do veículo de comunicação ou nas concepções de cunho subjetivo do receptor. Essa estratégia se vincula ao conceito de pós-verdade no modelo de narrativa que trafega na rede digital, pois, conforme Castilho (2016, p.02), “[...] a imprensa não é uma observadora, mas uma protagonista do processo de transformação de mentiras ou meias-verdades em fatos socialmente aceitos”.

É a partir desse momento, e considerando o resultado dessas análises, que acionaremos a classificação elaborada pelos pesquisadores Claire Wardle e Hossein

Derakhshan (2017), para melhor delimitar, identificar e conhecer as narrativas postas em circulação sobre nosso tema/objeto no período considerado neste trabalho. Wardle e Derakhan (2017, p. 5) consideram que o fenômeno das *fakes news* deve ser chamado como “desordem da informação, e deve ser analisado pela dimensão do dano e falsidade”.

Para isso, estabeleceram classificação no tipo de construção do conteúdo apresentado, e aponta três categorias principais: a) *Mis-information* (Informação errada) – Informações erradas compartilhadas sem intenção de dano; b) *Dis-information* (Desinformação) – Informação falsa compartilhada para causar dano; c) *Mal-information* (Mal-informação) – Informação compartilhada para causar dano, utilizando conteúdo privado disseminado de forma pública

Agregamos tal esquema ao modelo empírico de análise pragmática de Mota (2013) para classificar e evidenciar as características que diferenciam o conteúdo falso das outras narrativas que circulam na web sobre a crise energética e sua relação com o senador Romero Jucá (MDB) no contexto eleitoral de Roraima em 2018. Percebemos que muitas delas, embora sejam narrativas com nuance de realidade, carregam elementos não verídicos. Neste caso, elencaremos aí as informações que apresentem provas, sejam documentais, fotografias ou se carregam em sua abordagem a intencionalidade do narrador na disputa de poder, a partir da observação do conteúdo documental apresentado nas narrativas.

#### **4.1.4 Princípio etnográfico**

Além dessas, a técnica que utilizamos para fazer o mapeamento das transmutações da narrativa jornalística na *web*, inspirada no princípio etnográfico, conforme o protocolo de Santi (2014; 2016; 2017), foi inspirada na técnica da netnografia, que trata do “[...] estudo de práticas comunicacionais mediadas por computador” (AMARAL; NATAL; VIANA, 2009, p. 04). Esse método não abre mão dos princípios da etnografia, quando o pesquisador se envolve com o objeto da pesquisa observando seu universo – e foi assim que procedemos.

O flunar netnográfico nos permitiu envolver-se com o mundo virtual para melhor compreender o comportamento dos usuários das redes online, bem como a sua agência na transformação da narrativa, objeto central de nossa análise. Conforme aponta Silva (2015, p. 38),



[...] interessante perceber na apropriação dos pressupostos da etnografia é o caráter investigativo e de observação da realidade do outro que continua presente na netnografia, mesmo sendo este um estudo em que a comunidade ou o grupo pesquisado seja analisado virtualmente.

Com essa apropriação nos foi possível entender (melhor) como aconteceu a mutação da narrativa (jornalística) – da notícia que foi veiculada no site da assessoria de comunicação do senador Romero Jucá, reinterpretada nos sites de notícias locais e nacionais, àquela difundida no Facebook e demais redes sociais, com diversas outras roupagens.

Para realizar a pesquisa de coleta de dados digitais, foram utilizadas as ferramentas de busca do site de pesquisa *Google* e postagens nos perfis do Facebook de jornalistas e autoridades, utilizando as palavras chaves como “senador Romero Jucá”; “Crise Energética”; “Eleições 2018”; e, “Energia Elétrica em Roraima”. Também foram feitas buscas nos grupos de *WhatsApp* com mensagens relacionadas ao personagem e à intriga relacionada à crise energética em Roraima.

Como resultado desse processo, foi elaborado um quadro (Quadro 1) com intuito de apresentar de forma ordenada – por data, título, tipo texto, tipo de suporte (site ou redes sociais) e a localização (endereço eletrônico) - as narrativas identificadas e depois exploradas no corpus de análise. Baseado nessa construção metodológica, buscamos acompanhar as transmutações da narrativa e quais vieses ideológicos foram adotados na divulgação das informações e no seu consequente espalhamento em outros sites de notícias e redes sociais.

#### **4.1.5 Princípio praxiológico**

Pensar modelos teórico-metodológicos e colocá-los em prática como instrumento de investigação é, ainda segundo Santi (2014; 2016; 2017), o que está implicado no princípio praxiológico por ele descrito. Tal princípio ajuda a responder, por exemplo, para que serve determinada ideia, conceito e/ou teoria – e em nosso caso, para que serve determinada investigação. O princípio praxiológico valoriza o encontro entre a teoria e o modo de fazer investigação, além de produzir conhecimento e ajudar a percorrer o caminho traçado para produção do saber.

Neste trajeto em busca da produção do conhecimento, precisamos nos envolver com a pesquisa. Neste envolvimento, uma das técnicas utilizadas aqui é a

observação participante – fundamental para conhecer a vida do grupo ou objeto estudado. Segundo Gil (2008), a técnica de observação participante permite chegar ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo.

Tal princípio também pressupõe certa dose de atuação sobre a pesquisa. A pesquisa-ação, desta forma, pretende fazer uma busca ativa na coleta de dados, interpretação e análise. Pensamos com isso valorizar a oportunidade de estar inserido no campo da pesquisa, sendo sujeito e interagindo com o sujeito pesquisado, pois entendemos que esta é uma forma de compreender realmente como o fenômeno se configura. Estar no cenário onde o pesquisador e o objeto da pesquisa trocam experiências é, portanto, uma máxima importante.

Para este método compósito, seguimos também o que Marconi (2009) ressalta sobre a coleta, a análise e a interpretação dos resultados na pesquisa qualitativa, conforme os pressupostos da transmetodologia e pelo processo de interpretação global (ver Quadro 4). cremos que nessa construção as orientações da pesquisa empírica também nos ajudarão a analisar os dados coletados, assim como o material jornalístico e digital produzidos.

Quadro 4 – Síntese do protocolo geral e análise

<p><b>Transmetodologia</b> MALDONADO, (2006; 2014); AGUIAR (2011)</p>	<p><b>Princípios teórico-metodológicos</b> SANTI (2014; 2016; 2017)</p>	<p><b>Historicização</b> SANTI (2014; 2016; 2017)</p>	<p><b>Pesquisa documental</b> GIL (2006)</p>
			<p><b>Análise de Conteúdo</b> BARDIN (2009)</p>
		<p><b>Contextualização</b> SANTI (2014; 2016; 2017)</p>	<p><b>Pesquisa da Pesquisa</b> BONIN (2008)</p>
			<p><b>Pesquisa Bibliográfica</b> FACHIN (2005)</p>
		<p><b>P. Culturológico</b> SANTI (2014; 2016; 2017)</p>	<p><b>Análise pragmática da Narrativa</b> MOTA (2013); LITS (2015); CASTILHO (2016); WARDLE E DERAKHAN (2017)</p>
		<p><b>P. Etnográfico</b> SANTI (2014; 2016; 2017)</p>	<p><b>Flanar Etnográfico</b> SILVA (2015)</p>
			<p><b>Netnografia</b> AMARAL, NATAL, VIANA (2009)</p>
		<p><b>P. Praxiológico</b> SANTI (2014; 2016; 2017)</p>	<p><b>Observação participante</b> GIL (2008)</p>
			<p><b>Pesquisa ação</b> MARCONI (2009)</p>

Fonte: Elaboração própria.

Reforçamos, portanto, que esta estratégia metodológica almeja (re)construir caminhos dispendo da confluência com outras disciplinas e modos de saber, a fim de dar conta da análise do processo de transmutação das narrativas jornalísticas em contextos eleitorais, como é o objetivo principal de nossa investigação.

## 5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para operacionalizar a pesquisa, selecionamos textos, em ordem cronológica, a partir do mês de fevereiro de 2017, com especial atenção aos produtos que circularam no ciberespaço até início de outubro de 2018 – período em que se encerrou a campanha eleitoral do primeiro turno no Brasil.

Como vimos, tal recorte mapeia o percurso cronológico da narrativa configurada a partir de vários textos, episódios e formatos – pois, conforme nos lembra Ricouer (1994), o tempo mensurado na narrativa retoma a realidade, faz menção ao passado e também lança perspectivas para o futuro. E, conforme Santi (2017), realizar essa etapa permite entender a transmutação da narrativa no contexto temporal, social e político em que Roraima (e o país) está imersa.

Em acordo com o protocolo metodológico que utilizamos, optamos por apresentar os resultados principais da investigação agrupadas no entorno de três grandes categorias de análise.

Na primeira, reforçamos o diálogo histórico-contextual, para por em contato os resultados de nossa pesquisa documental (GIL, 2006), da análise de conteúdo (BARDIN, 2009), da pesquisa bibliográfica (FACHIN, 2005) e da pesquisa da pesquisa (BONIN, 2009).

Na segunda categoria, apresentamos o resultado da análise culturológica, a partir da adaptação que fizemos do modelo de apreciação pragmática da narrativa de Mota (2013), Lits (2015), Castilho (2016) e Wardle e Derakhshan (2017). Nesta etapa, decompomos a narrativa jornalística e materiais que circularam nas redes sociais sobre a mesma temática; a questão energética de Roraima e o senador da República Romero Jucá, observando o plano de expressão, plano da estória e o plano da metanarrativa, pois, de acordo com Motta (2013, p. 135) “[...] distinguir esses três planos é um procedimento técnico para iniciar o mergulho até a essência do objeto e, a partir dele, retirar deduções sobre a relação comunicativa.” Em seguida, nos debruçamos nas análises dos formatos das produções que circularam nas redes sociais de forma híbrida e com conteúdo transmidiático.

E na última categoria analisamos, a partir das implicações etnográficas e praxiológicas (GIL, 2008; AMARAL, NATAL e VIANA, 2009; SILVA 2015), nosso envolvimento do processo de transmutação das narrativas jornalísticas no contexto eleitoral de Roraima em 2018.

## 5.1 ANÁLISE HISTÓRICO-CONTEXTUAL

O material analisado parte então da informação jornalística produzida pela Assessoria de Comunicação do senador Romero Jucá, no dia 03 de fevereiro de 2017 – uma matéria informativa com fins de publicação que tinha como título: “Romero Jucá conhece novos geradores de energia que vão atender os municípios de Roraima” (Figura 3).

Como jornalista e assessora do parlamentar à época, acompanhei o senador Romero Jucá em visita à Usina Termelétrica Oliveira, empresa locada pela Eletrobrás para fornecer energia para Roraima, produzi o material jornalístico que foi apurado, checado e verificado conforme todas as técnicas estabelecidas pelo jornalismo como apresentação de lead, e, em seguida, postada no site do referido parlamentar<sup>8</sup> sendo posteriormente distribuída para a imprensa local por meio de serviço de *e-mail*.

**Figura 3:** Site de romerojuca.com.br, 03 de fevereiro de 2017.



Fonte: Captura de tela.

<sup>8</sup>< [www.romerojuca.com.br/site/noticia/romero-juca-conhece-novos-geradores-de-energia-que-voao-atender-os-municipios-de-roraima/](http://www.romerojuca.com.br/site/noticia/romero-juca-conhece-novos-geradores-de-energia-que-voao-atender-os-municipios-de-roraima/)>. A matéria não está on-line.

A narrativa compõe material, texto e imagem (foto) estruturada em notícia jornalística. Destaca que o senador Romero Jucá conheceu os 18 grupos de geradores que foram adquiridos pela Usina Termelétrica para serem utilizados no abastecimento de energia elétrica em cinco municípios do interior de Roraima e a obra da Usina que, após concluída, ampliará a produção de energia para o município de Boa Vista.

O material apresenta entrevista com o personagem Romero Jucá e com o presidente da Eletrobrás em Roraima, Anselmo Brasil. A narrativa textual traz a fotografia do senador no pátio da Usina perto dos grupos geradores que possui uma placa em amarelo com os dizeres de “locação e venda” e com a logomarca da Oliveira Energia (Grupo de Distribuidor de Energia em Roraima e Amazonas).

A reportagem não se encontra exibida no site do senador Romero Jucá. Verificamos que o site foi reformulado e, com a mudança da interface, muitas reportagens foram excluídas da lista de notícias, inclusive, às que mantêm relação com fornecimento de energia elétrica veiculada no período anterior e durante a campanha eleitoral de 2018.

**Figura 4:** Site de BNC Roraima, 08 de fevereiro de 2017.



Fonte: Captura de tela.

Após cinco dias (no dia 08 de fevereiro de 2017) da publicação do material da Assessoria de Comunicação do senador Jucá, o jornalista e blogueiro Luís Valério publicou a reportagem “Eletrobrás Roraima vai gastar 100 milhões para gerar

energia em 2017” (Figura 4)<sup>9</sup> no site BNC - Roraima - Brasil Norte Comunicação- que possui uma linha editorial de política e de bastidores dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e possui sede no estado do Amazonas.

A narrativa jornalística utiliza a fotografia que foi produzida e divulgada pela Assessoria de Comunicação do senador, quando visitou a Usina Termelétrica em Boa Vista (Figura 3), com uma legenda ampla, o texto remete à manchete, destacando o valor do contrato e como será aplicado o recurso.

Nesta narrativa, o jornalista traz o depoimento do personagem Anselmo Brasil, presidente da Eletrobrás em Roraima e cita o nome do senador Romero Jucá, destacando o trecho da notícia divulgada pela Assessoria de Comunicação. Foi observado que a informação apresentada pelo site BNC Roraima deu continuidade ao episódio sobre questão energética e o senador Jucá.

No dia 08 de fevereiro (mesmo dia da publicação da reportagem do BNC Roraima) o jornalista Luiz Valério postou no seu perfil pessoal do *Facebook* (Figura 5)<sup>10</sup> um texto baseado nas informações da notícia do site. E como se trata de uma postagem pessoal, possui característica opinativa, flagrante pelo uso da palavra “enquanto”; “dá sinais”; “sonho do Linhão está cava vez mais distante” (erro de digitação do autor).

**Figura 5:** Facebook do jornalista e blogueiro, 08 de fevereiro de 2017.



Fonte: Captura de tela.

<sup>9</sup><http://roraima.bncamazonia.com.br/poder/eletrobras-roraima-vai-gastar-r-100-milhoes-com-termoeletricas-privadas/>. O site BNC-Roraima foi desativado.

<sup>10</sup><https://www.facebook.com/luiz.valerio.silva>. A postagem não está on-line, apenas o perfil do jornalista.

Na postagem com aparecimento do *hiperlink* surgem a foto e a legenda da notícia, e com o texto no *feed* (lista de história da página do *Facebook*) do jornalista, ficam evidentes o direcionamento do usuário da rede para acessar as informações no site do BNC Roraima.

No dia 18 de agosto de 2017, o site G1-RR publicou uma reportagem abordando a quantidade de interrupção de energia elétrica no estado com o título: “Dependente de energia da Venezuela, Roraima já teve mais de 50 apagões em menos de 2 anos, diz Eletrobrás” (Figura 6)<sup>11</sup>.

**Figura 6:** Site G1-RR, 18 de agosto de 2017.



Fonte: Captura de tela

O início da reportagem aponta Roraima como único estado brasileiro fora do Sistema Interligado Nacional, sendo abastecido pela Venezuela, que enfrenta uma crise econômica e política. A reportagem apresenta dados com estatísticas de apagões ocorridos no estado nos anos de 2014, 2015, 2016 e até agosto de 2017.

No corpo da reportagem está incluída a presença de personagens, como o presidente da Eletrobrás, Anselmo Brasil, uma comerciária e um autônomo que moram em Boa Vista e relatam os problemas vivenciados pela falta de energia.

<sup>11</sup>Disponível em :<<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/dependente-de-energia-da-venezuela-roraima-ja-teve-mais-de-50-apagoes-em-menos-de-2-anos-diz-eletobras.ghtml>>. Acesso em 20 Jan. 2021.



O material jornalístico do site oferece ao todo 5 links de reportagens que já foram exibidas pelo site, na tentativa do leitor checar tais informações, sendo que os links direcionam para as matérias produzidas pelo próprio site em tempos diversos.

Em um dos links, o G1 direciona o leitor para a categoria dos telejornais - o Jornal de Roraima. Lembramos que o G1-Roraima é integrante da Rede Amazônica, afiliada da Rede do Globo. Tais opções consolidam o aspecto das hiperligações apontadas por Canavilhas (2014) em que o leitor pode seguir diferentes percursos com experiência de leitura e vídeo sobre o mesmo assunto.

No mês de novembro o tema energia elétrica retorna à manchete do site Folha de Boa Vista, anunciando o reajuste da tarifa de energia para a capital Boa Vista (Figura 7)<sup>12</sup>.

**Figura 7:** Site FolhaBV, 01 de novembro de 2017.



Fonte: Captura de tela

A reportagem não tem a presença de personagens. Composta em formato de nota com quatro parágrafos, apresenta um texto técnico que não deixa claro os motivos do reajuste. Mas, o leitor atento percebe no final do segundo parágrafo que

<sup>12</sup> Disponível em : <<https://folhabv.com.br/noticia/POLITICA/Roraima/Conta-de-luz-do-boa-vistense-esta-mais-cara-35-26--a-partir-de-hoje/33725>>. Acesso em Set. 2020.

o reajuste foi concedido pelo governo federal como forma de equilibrar as contas da Estatal Eletrobrás para privatização.

No mesmo dia em que foi divulgado o reajuste da tarifa de energia elétrica (01/11/2017) o assunto é tema dos comentários entre os usuários das redes sociais. No perfil de um usuário do Facebook, morador de Roraima, foi publicada uma montagem com a manchete do jornal Folha de Boa Vista e uma foto do senador Romero Jucá, com a seguinte legenda em caixa alta: “Eu quero continuar trabalhando por Roraima em Brasília” (Figura 8)<sup>13</sup>.

**Figura 8:** Postagem no *Facebook*, 01 de novembro de 2017.



Fonte: Captura de tela.

O texto escrito no *feed* afirma que o referido parlamentar só retornaria ao cenário político se o povo de Roraima fosse “trouxa”, e propõe um ato ilícito para os leitores em receber dinheiro em troca do voto, mas “se forem espertos vão votar em outros” conforme a postagem.

A publicação teve 43 comentários, 20 compartilhamentos e 87 curtidas. O material usa a linguagem verbal e visual utilizando de humor para atrair a atenção dos usuários da rede *Facebook* e relacionar o reajuste da tarifa de energia elétrica à figura do senador Jucá. Lembramos que, conforme Gomes (2012), a narrativa

<sup>13</sup><<https://www.facebook.com/photo?fbid=1495450890544658&set=pb.100002392837797.-2207520000.1562847428>>. Publicação está indisponível.

transmídia não encerra uma história, tem a força de provocar uma repercussão e ampliar o enredo.

O assunto questão energética (e o senador) foi também tema de uma reportagem na Revista Veja, veiculada no portal da revista dia 04 de novembro de 2017 com a manchete “Luz a preço de ouro na terra de Jucá”, a publicação integrava a seção de economia da revista (Figura 9).

**Figura 9:** Reportagem na revista Veja, 04 de novembro de 2017.



Fonte: Captura de tela

A narrativa jornalística aí apresenta duas artes produzidas, uma acompanhando a manchete e o subtítulo “Roraima gasta fortunas com geradores emergenciais para fornecimento de energia. A conta é repassada a todos os brasileiros”. A segunda arte exibe o título: “Um estado isolado” e mostra o mapa da região norte com as linhas de transmissão concluídas nos demais estados e a parte que falta indicando Roraima.

O personagem principal da narrativa da revista é o senador Romero Jucá, apesar de não constar no material nenhum depoimento do parlamentar. Consta no texto o depoimento do presidente do Instituto Acende Brasil, Claudio Salles, quando reporta que com a manutenção das termelétricas o dinheiro dos brasileiros é desperdiçado. No trecho final, o jornalista-narrador faz uma indagação perguntando

se o entrave para a chegada do Linhão de Tucuruí é uma questão indígena ou se há outros interesses envolvidos?

Tal narrativa foi espalhada no universo em rede e postada em vários sites estaduais e nacionais. No caso do portal web da Folha de Boa Vista<sup>14</sup> (Figura 10), o conteúdo publicado foi idêntico ao da revista Veja, porém, a Folha Web alterou a foto, recorrendo (para publicação) da imagem divulgada pela Assessoria de Comunicação do parlamentar em fevereiro do mesmo ano (Figura 3).

**Figura 10:** Site Folha de Boa Vista, 04 de novembro de 2017.



Fonte: Captura de tela.

O site modificou a manchete da reportagem e apresentou “Veja traz matéria envolvendo Jucá com crise energética de Roraima”, o subtítulo aborda “Revista destacou que Roraima é um estado vaga-lume, embora novos geradores tenham sido adquiridos por milhões de reais com projetos capitaneados pelo senador”. A apresentação contida no lead da Folha de Boa Vista faz a reconfiguração da narrativa sobre o assunto para o leitor, apontando o parlamentar Jucá como responsável pela crise energética do estado.

<sup>14</sup> Disponível em :<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/-Veja-traz-materia-envolvendo-Juca-com-crise-energetica-em-RR/33807>. Acesso em 21 de Jan. 2021.

No portal Fato Real<sup>15</sup> (Figura 11), o material publicado diz respeito ao conteúdo da revista Veja, porém, o título apresentado traz uma nova estrutura: “Luz a preço de ouro: Roraima, estado controlado pelo clã Jucá, gasta fortunas com geradores emergenciais para fornecimento de energia”.

**Figura 11:** Site Fato Real, 04 de novembro de 2017.



Fonte: Captura de tela.

O texto foi editado e apresenta mais três novos personagens ligados à família do senador Jucá e acrescenta o nome do presidente do Tribunal de Contas do Estado de Roraima (TCE). A narrativa jornalística do site traz a arte do mapa produzido pela Revista Veja, porém, acrescenta a fotografia que foi liberada pela Assessoria de Comunicação do senador Romero Jucá, conforme Figura 3.

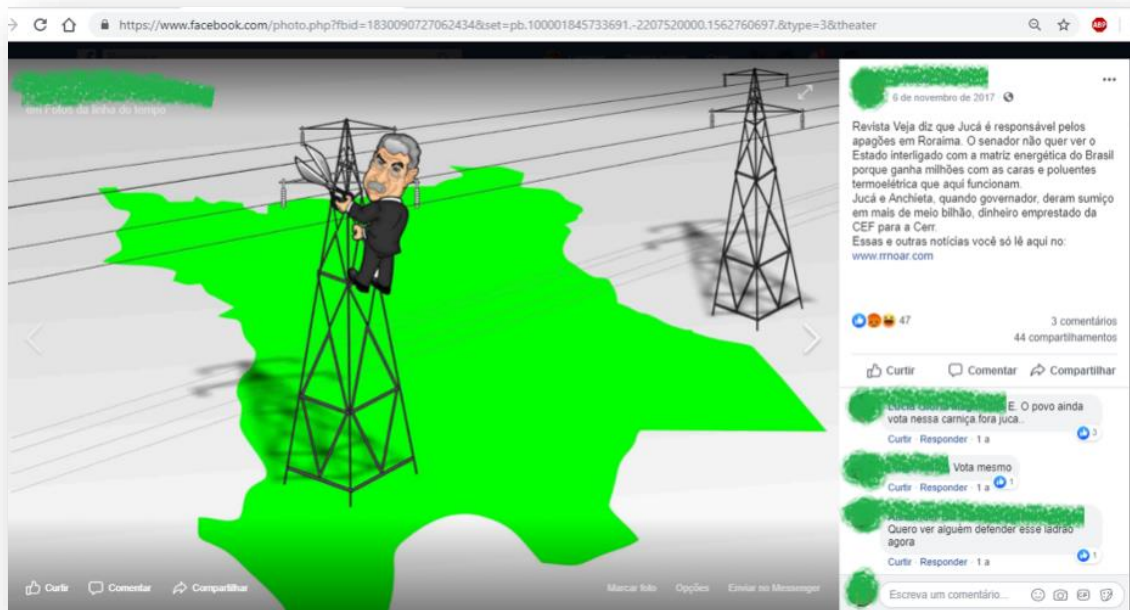
A partir de então, e mais uma vez; a narrativa com o personagem senador Romero Jucá e o acontecimento-intriga questão energética ocasionam diversas publicações em sites de notícias e as discussões aportam nas páginas do *Facebook*. Para ilustrar tal discussão, selecionamos uma postagem publicada no perfil de um jornalista com atuação no mercado informativo de Roraima (Figura 12)<sup>16</sup>.

<sup>15</sup><<https://www.fatoreal.blog.br/?p=44650>>. Site foi desativado em nov. 2019

<sup>16</sup><<https://www.facebook.com/photo.php?.fbid=18300090727062434&set=pb.100001845733691.-2207520000.156276697.&type=3&thather>>. Postagem está indisponível.



**Figura 12:** Postagem no *Facebook*, 06 de novembro de 2017.



Fonte: Captura de tela.

O jornalista utiliza um *meme* com o senador Jucá com uma tesoura na mão, o parlamentar está em cima de uma torre de alta tensão indicando que está cortando os cabos de energia. Conforme a imagem, a torre está situada em cima do mapa de Roraima. A publicação, além da imagem, vem acompanhada de um texto escrito pelo jornalista afirmando que a revista *Veja* responsabiliza Jucá pelos apagões porque ganha milhões com o funcionamento das termelétricas.

O texto no feed do jornalista acrescenta um novo personagem para a intriga no papel de antagonista – José de Anchieta Júnior (ex-governador de Roraima). A postagem foi publicada no dia 06 de novembro de 2017, dois dias após a publicação da revista *Veja*, e obteve 47 curtidas, 44 compartilhamentos e 3 comentários.

Já em 22 de fevereiro de 2018, ano eleitoral, o site *Brasil 247* (Figura 13)<sup>17</sup> relança na íntegra a matéria produzida pelo jornalista Luís Valério, veiculada no dia 08 de fevereiro de 2017 (Figura 4), no site *BNC Roraima*. A publicação reproduz o texto, alterando apenas algumas palavras no título “Eletrobrás vai gastar R\$100 milhões com termelétricas privadas”.

<sup>17</sup><[https://www.brasil247.com/pt/247/economia/343542/Eletobras-Roraima-vai-gastar-R\\$-100-milhoes-com-termelétricas-privadas.htm](https://www.brasil247.com/pt/247/economia/343542/Eletobras-Roraima-vai-gastar-R$-100-milhoes-com-termelétricas-privadas.htm)> A reportagem não se encontra on-line.

**Figura 13:** Site Brasil 247, 22 de fevereiro de 2018



Fonte: Captura de tela.

Reportamos anteriormente que este texto, já tinha utilizado como base do material produzido pela Assessoria de Comunicação do senador (Figura 3). Na publicação do site Brasil 247 apontou no início da matéria a fonte de produção e divulgação da reportagem.

Em junho de 2018, no Blog do Amilcar, jornalista residente em Roraima, a narrativa jornalística apresenta um novo episódio da intriga, contendo a mesma temática – a questão energética e o senador Jucá, com a apresentação de mais dois personagens no enredo: o ex-governador José de Anchieta Junior e a atual governadora Suely Campos (Figura 14)<sup>18</sup>.

O material traz a seguinte manchete; “Jucá e Anchieta desmontam o setor energético de Roraima”. O texto produzido com palavras como “quadrilha”, “dinheirama sumiu”, “lucrando”, “poluentes termelétricas”, possui um aspecto opinativo e não apresenta depoimentos dos personagens citados.

<sup>18</sup> Disponível em :<<http://blogdoamilcarjr.blogspot.com/2018/06/juca-e-anchieta-desmontam-setor.html>>. Acesso em 21 de Jan. 2021.

**Figura 14:** Blog do Amílcar, 24 de junho de 2018.



Fonte: Captura de tela.

A partir de então, o tema questão energética, passa a compor a agenda de debates da campanha eleitoral de 2018 e se lastreia em diversas reproduções transmutadas nas redes sociais naquele período. Nas redes sociais a informação foi efusivamente postada pelos usuários de Roraima.

Em alguns casos, foram produzidos memes, textos e banners para o *WhatsApp*, associando o senador Jucá à crise energética do estado. Os dois materiais apresentados na sequência, por exemplo, foram postados em grupos de *WhatsApp* no período eleitoral (Figuras 15 e 16). São grupos específicos que debatem política e têm uma característica peculiar que é o desafeto político ao senador Romero Jucá, deixando clara a produção e circulação de materiais agressivos contra o parlamentar.

A Figura 15 foi postada no grupo de *WhatsApp* denominado “Fora Jucá 2018”, uma narrativa recombinação da reportagem que foi publicada pelo site BNC-Roraima (Figura 4), que realizou sua reportagem subsidiada pelas informações da Assessoria de Comunicação do parlamentar, como a publicação da fotografia que ilustra o material apresentado na Figura 3.

O material que circulou nos grupos foi transmutado com as informações de peça publicitária eleitoral do senador Jucá. O banner que circulou apresentava a



manchete “Quando faltar enérgica na sua casa...” e uma seta direcionava para uma fotografia do senador acenando e com os números de telefone que foram disponibilizados para o eleitor falar com o então candidato a reeleição.

**Figura 15:** Materiais postados em grupos de *WhatsApp*



Fonte: Imagem *WhatsApp*, setembro de 2018.

Já o material referente à Figura 16, foi postado no grupo de *WhatsApp* “Jucá Canalha”. O material possui maior ênfase no humor, pois apresenta uma montagem onde o parlamentar é funcionário da empresa e dá sinais de que vai desligar o fornecimento de energia elétrica. Junto aparece a frase: “Se reclamar eu desligo de novo”, que faz menção ao poder que o parlamentar teria para autorizar um apagão no estado.

**Figura 16:** Materiais postados em grupos de *WhatsApp*



Fonte: Imagem *WhatsApp*, setembro 2018.

Destacamos que neste episódio de análise adotando os princípios teórico-metodológicos de Santi (2014; 2017), na fase história/contextual, que concerne à realização da pesquisa da pesquisa, da pesquisa bibliográfica e da análise de conteúdo. Com essa estratégia, no recorte do tema abordado, constatamos que o assunto da questão energética em Roraima e a figura pública do parlamentar Romero Jucá possuem profunda ligação, relatados em narrativas fragmentadas e dispersas no tempo.

Ao fazer a contextualização, percebemos que Roraima enfrentava desde 2014 uma crise no abastecimento de energia elétrica. Desde então, o estado vinha enfrentando uma série de interrupções no fornecimento de energia elétrica e, por conseguinte, envolvia uma figura proeminente que permeia há mais de 25 anos no cenário político estadual e nacional, parecia possível e razoável. Tal narrativa, como vimos, repercutiu na mídia, ganhando configurações e reconfigurações nas redes sociais.

De acordo com a observação, descrição e análise dos 14 recortes que selecionamos, na narrativa jornalística sobre a questão energética e o senador Romero Jucá foi apropriada por diversos gêneros e formatos diferentes. Na esfera política e no cenário político-eleitoral, o assunto foi lembrado, debatido e disseminado, fortalecendo a memória coletiva sobre a problemática da energia em forma de narrativas jornalísticas, comentários em *feed* do *facebook* ou memes, para causar ironia ou humor. Tal estratégia acabou por influenciar a tomada de decisão do eleitor roraimense e ajudou a inviabilizar (pela primeira vez) a reeleição daquele que era até então o “senador de todos os governos”.

## 5.2 ANÁLISE CULTUROLÓGICA

Analisar a transmutação da narrativa jornalística sobre a questão energética de Roraima e sua relação com a figura pública do senador Romero Jucá, no período que antecede e se realiza a campanha eleitoral em 2018, exigiu que realizássemos o escrutínio das etapas elaboradas na proposta da Carta de Princípios Teórico-metodológicos. No que tange à questão culturológica, movimentamos os 14 textos apresentados no corpus de análise.

Nesta etapa analisamos as narrativas com base no modelo empírico-pragmático apontado por Motta (2013), acionando junto as considerações sobre transmídia na *web* (LITS,2015) e os conceitos e classificação das *fakes news* de Castilho (2016) e Wardle e Derakhshan (2017).

Inicialmente, com a utilização do modelo sintetizado no Quadro 3, foi possível identificar o plano de expressão da narrativa “Romero Jucá conhece novos geradores de energia que vão abastecer municípios de Roraima” (Figura 3), publicada em fevereiro de 2017 (ver Quadro 5).

**Quadro 5** - Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 3

Figura 3: Romero Jucá conhece novos geradores de energia que vão abastecer municípios de Roraima			
<b>Plano da Expressão</b>	Linguagem / Expressões	- “ <b>Articulou</b> junto ao governo federal”; - Vão <b>garantir</b> energia de <b>qualidade</b> e <b>confiável</b> - Governo federal se <b>preocupa</b> com o fornecimento de energia em Roraima, vai continuar <b>investindo</b>	
	Formatos / Tipos de Texto	Texto jornalístico (linguagem verbal e visual)	
	Efeitos	Confiança, segurança, articulador político	
	Intenções	A intenção do jornalista-narrador era provocar segurança aos moradores de Roraima sobre a solução do problema energético de Roraima.	
<b>Plano da Estória</b>	Conteúdo / Enredo	Questão energética de Roraima	
	Ações / Serialidade	senador visita a Usina Termelétrica Oliveira.	
	Personagens / Papeis	senador Romero Jucá como protagonista da estória assumindo o papel de herói.	
	Intriga	Diegese / Mimese	Relacionada ao parlamentar que consegue resolver o problema energético de Roraima com articulação política no governo federal.
		Lógica / Sintaxe	Ação do senador visitar a Usina Termelétrica para conhecer os novos geradores dando sequência em mais episódio da questão energética
		Ciclo Mimético	Pré-configuração: Atuação eficiente do senador Romero Jucá para ajudar a resolver a questão enérgica Configuração: Linguagem verbal
<b>Plano da Metanarrativa</b>	Tema de fundo	O tema de fundo da estória apresenta confiança no futuro e na atuação política do parlamentar	
	Justificativas	O governo federal se preocupa com o fornecimento de energia em Roraima e vai continuar investindo em novos equipamentos e ampliação da geração de energia.	
	Plano moral / ético	Veracidade: -Equipamentos são reserva de energia -Termelétricas vão abastecer o interior do estado. -Governo federal vai continuar trabalhando para resolver o problema de energia.	

Continua

		Meias-verdades:	
		Mentiras (Fakes):	Mis-information / Informação errada
			Dis-information / Desinformação
			Mal-information / Mal-Infomação
Observações:	As palavras em negrito são as que causam maior poder de intencionalidade na narrativa.		

Fonte: Mota (2013); Lits (2015); Castilho (2016); e, Wardle e Derakhshan (2017).

Primeiro buscamos entender o tempo do fato jornalístico, que segundo Motta (2013) se apresenta de forma desordenada, obedecendo aos critérios técnicos do *lead* e sempre começando pelo enredo final da estória. Seguimos organizando em ordem cronológica o mapeamento (por datas e meses) da transmutação da narrativa envolvendo questão energética e o senador Romero Jucá em Roraima.

Depois, acionamos os princípios de Motta (2013), que versam sobre o reordenamento do tempo da notícia, da recomposição e serialidade do acontecimento-intriga para descortinar o apogeu da narrativa, pois, conforme Ricoeur (1994, p. 87), a narrativa estrutura o tempo, e, “[...] a temporalidade é levada à linguagem na medida em que esta configura e refigura a experiência temporal.”

Desse modo, apresentamos o detalhamento da narrativa jornalística referente ao texto representado pela Figura 3, proveniente da Assessoria de Comunicação do senador Romero Jucá que, após a publicação, originou vários episódios e fragmentos de narrativas (em tempo, espaço e gêneros diversos), mas evidenciando o mesmo assunto e seus personagens.

Como aparece no Quadro 5, no plano de expressão, a narrativa construída pela Assessoria de Imprensa, utiliza as técnicas de produção da notícia oriunda dos jornais, para divulgar assuntos pertinentes ao interesse da população e as transmuta para uso em assuntos especificamente de interesses institucionais e político-partidários.

O material produzido por um segmento especializado tem a intenção em divulgar ações do assessorado para fortalecer sua imagem e angariar apoio junto à opinião pública para (quem sabe) garantir sua sobrevivência no cenário político. “Ele tem um caráter intencional e negociado, evidenciando, no início ao fim, o que a instituição considera importante e interessante num acontecimento para que ele

ganhe o estatuto de notícia, e também que estratégias utiliza para que esse acontecimento passe a ter existência pública” (MONTEIRO, 2011, p. 116).

A narrativa aí intencionava potencializar confiança, segurança na articulação política do parlamentar junto ao governo federal para resolução da questão energética em Roraima. Por isso, em uma das citações contidas no texto, a narrativa destaca que o governo federal estava atuando para resolver a questão energética no estado.

No plano da estória, o enredo ganha mais um episódio devido à importância econômica, política e social da questão energética, já que, nos anos anteriores, o estado enfrentou uma série de interrupções no fornecimento de energia elétrica. E, também, por envolver um personagem proeminente que permeia há 25 anos o cenário político estadual e nacional. Com isso, a nota da assessoria repercutiu na mídia, ganhando nos primeiros dias configurações e refigurações, inclusive nas redes sociais.

Historicamente a questão energética de Roraima tem sido um entrave econômico para o estado e integra a pauta política das autoridades estaduais e nacionais há tempos. Em decorrência dos apagões que ocorreram no estado, foi necessário recorrer à geração de energia à diesel, considerada mais cara e poluente – ainda mais diante dos entraves jurídicos e ambientais para a instalação do Linhão de Tucuruí, que interligaria Roraima ao Sistema Nacional de Distribuição.

A narrativa do material desenvolvido pela Assessoria do senador foi direcionada para estória (diegese) do parlamentar que teria o potencial de resolver o problema energético de Roraima com articulação política junto ao governo federal. O texto apontando para o leitor que o senador trabalha para resolver esse sério problema de Roraima.

Neste cenário, a narrativa articulada pela Assessoria do senador Jucá assenta o plano da metanarrativa ao justificar que o senador é atuante na questão – pois ele já “garantiu” a instalação dos geradores de energia, fazendo jus ao título de hábil negociador no Congresso e que por isso possui força para resolver a questão energética e provocar a sensação de segurança no futuro. Tais prerrogativas podem ser entendidas nos trechos destacados do material: “Segundo o parlamentar, o governo federal se preocupa com o fornecimento de energia em Roraima e vai continuar investindo em novos equipamentos e ampliação da geração de energia”.

Na análise da classificação sobre *fake news* decorrente do plano metanarrativo, parece-nos que no texto não houve intencionalidade de causar danos para a população. Como jornalista, assessora e produtora do material obedecemos a todas as normas técnicas e os requisitos éticos para elaborar o material no que concerne à veracidade dos fatos. Assim, a relação do leitor com o texto deriva de um outro contexto, àquele em que está inserido na sociedade. Porém, admitimos que o texto carrega intencionalidade, neste caso, de dar continuidade a determinada forma poder e influência política.

No recorte referente à Figura 4, o texto publicado pelo site BNC Roraima (Ver Quadro 6), no plano de expressão, a narrativa utilizou palavras para refletir a realidade e ressaltar a intencionalidade do narrador em apontar os custos para manter as termelétricas funcionando em Roraima e sua relação com o senador Jucá. Foram utilizadas as expressões: “gastar”, “dizia-se”, “mesmo demandando apenas”, “capacidade máxima”, “indicação política de Romero Jucá”, “locação e manutenção”, “podagem de árvores”.

**Quadro 6 - Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 4**

Figura 4: Eletrobrás vai gastar 100 milhões pra gerar energia em 2017			
<b>Plano da Expressão</b>	Linguagem / Expressões	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Eletrobrás vai <b>gastar</b> 100 milhões com termelétricas privadas.”</li> <li>- “<b>Dizia-se</b> que com a implantação das termelétricas, <b>-Mesmo demandando apenas</b> 50 megawatts por dia, o parque térmico que abastece Roraima tem <b>capacidade máxima</b> de geração de até 200 megawatts”.</li> <li>- “<b>Os sucessivos</b> diretores da Eletrobrás Roraima têm sido <b>indicação política</b> de <b>Romero Jucá</b>”.</li> <li>- “<b>O montante</b> de R\$ 100 milhões que devem ser investidos na <b>locação e manutenção</b> dos parques térmicos estão divididos em 18 contratos, cujo objeto vão desde a locação dos grupos geradores até a contratação de empresa de <b>podagem de árvores e eletricitistas.</b>”</li> </ul>	
	Formatos / Tipos de Texto	Texto jornalístico (linguagem verbal e visual)	
	Efeitos	Incerteza, desconfiança, acordo político, uso indevido do dinheiro público em empresas privadas	
	Intenções	A intenção do jornalista-narrador era apresentar que o recurso público estava sendo investido em empresa privada que mantinha vínculo político com o senador Romero Jucá.	
<b>Plano da Estória</b>	Conteúdo / Enredo	Questão energética de Roraima	
	Ações / Serialidade	Custos provocados pela locação de geradores de energia termelétricas	
	Personagens / Papéis	senador Romero Jucá como protagonista da estória assumindo o papel de antagonista.	
	Intriga	Diegese / Mimese	A motivação apontar a ligação do senador Romero Jucá na liberação do contrato de

			alto valor para manutenção das termelétricas.
		Lógica / Sintaxe	Sintaxe da estória apresenta sequência com divulgação do valor dos contratos caracterizando o personagem Jucá como antagonista.
		Ciclo Mimético	Pré-configuração: Locação indevida do recurso público pelo senador Romero Jucá para locação de geradores.
			Configuração: linguagem verbal
			Reconfiguração: senador Romero Jucá está envolvido no contrato de locação das termelétricas para enriquecimento ilícito.
<b>Plano da Metanarrativa</b>	Tema de fundo	O tema de fundo da estória apresenta conspiração, tráfico de influência e corrupção política.	
	Justificativas	O texto apresenta valor do contrato exemplificando o gasto com serviços básicos como podagem e ligação política do senador com os diretores da Eletrobrás e sua articulação para liberação dos recursos para locação dos geradores de energia.	
	Plano moral / ético	Veracidade: - “80% da geração de energia será para o interior do estado.” - “Está previsto um investimento de R\$ 100 milhões na locação e manutenção dos parques térmicos, que foram dotados de novas unidades geradoras num total de 18.”	
		Meias-verdades:	
Mentiras (Fakes):  - “Dizia-se que com a implantação das termelétricas no estado, esse problema estaria resolvido”.		Mis-information / Informação errada	
			Dis-information / Desinformação Informação compartilhada para causar dano.
			Mal-information / Mal-Infomação
Observações:	Jornalista-narrador utiliza o mesmo material fotográfico distribuído pela Assessoria de Comunicação do senador Romero Jucá. As palavras em negrito são as que causam maior poder de intencionalidade na narrativa.		

Fonte: Mota (2013); Lits (2015); Castilho (2016); e, Wardle e Derakhshan (2017).

A manchete da narrativa vem acompanhada da fotografia do senador que foi liberada pela Assessoria de Comunicação (Figura 3). Tal utilização, junto com o título, estimula a refiguração do leitor rumo à incerteza, desconfiança e uso indevido do dinheiro público em empresas privadas, relacionadas a um acordo político.

O material utiliza trechos da reportagem da Assessoria de Comunicação do Senador Romero Jucá para consolidar uma argumentação na qual as termelétricas e os geradores de energia só foram instalados no estado devido a interesses políticos e financeiros do parlamentar. Tal evidência remete à intencionalidade do narrador

em ligar os elevados custos da energia como “obra” do senador o que, conforme Motta (2013, p. 141), reforça a ideia dos “fios que alinhavam a trama”.

O episódio possui conexões diretas com o acontecimento-intriga sobre Romero Jucá e questão energética em Roraima. A marcação desse momento pretérito da visita do senador à Usina Termelétrica ressalta o transcurso de um tempo no qual, somente pela narrativa, podemos ir do “presente do futuro”, ao “presente do passado”, e “presente do presente”, pois, como afirma Ricoeur (1994, p.97), “[...] é essa articulação prática que constitui o indutor mais elementar da narrativa”.

Os efeitos do texto, analisado pelo parâmetro do plano da estória no enredo da intriga, reforçam a ideia de que a narrativa pretende apontar incerteza, desconfiança, acordo político e o uso indevido dos recursos públicos. O narrador, no decorrer do texto sobre os gastos para geração de energia em Roraima, faz menção para um episódio anterior – um trecho de uma narrativa passada – para reportar que os dirigentes da estatal Eletrobrás foram indicados políticos do referido senador.

É importante observar ainda que o material não apresenta citação dos personagens, ficando evidente – pela fotografia da manchete e pela inclusão da informação que foi fornecida pela Assessoria de Comunicação do senador – que o personagem principal da estória é o próprio Romero Jucá. O senador aí assume o papel de antagonista da narrativa, embora apareça no texto a participação do diretor da Eletrobrás, citado como fonte de informação.

Vimos conforme Motta (2013) que a narrativa jornalística ajuda a construir o real – pretende reinventar criativamente o real. Dessa forma pretende ir além do que (simplesmente) contar uma estória. Ela apresenta-se com objetivos específicos. Assim, a observação com base no plano metanarrativa, do valor moral e ético da notícia: “Eletrobras vai gastar 100 milhões para gerar energia em 2017”, apresenta conspiração, tráfico de influência e corrupção política.

Tais evidências se comprovam quando o narrador-jornalista exemplifica no texto que os gastos do contrato em questão serão utilizados com serviços simples como podagem de árvores e serviços elétricos, mas, não aponta o tempo do contrato firmado entre a Eletrobrás e a Usina de Termelétrica; a quantidade de combustível gasto para funcionamento dos geradores nos municípios do interior; nem o número de habitantes que vão continuar recebendo energia elétrica em suas casas por conta de medida.



O texto conforme classificação dos pesquisadores Wardle e Derakhshan (2017), está caracterizado como desinformação, ou seja, uma informação compartilhada para causar dano. Pode-se perceber que no recorte analisado, o narrador no *lead* da notícia usa da expressão: “Dizia-se que com a implantação das termoelétricas no estado, esse problema estaria resolvido,”. Destacamos que a palavra “dizia-se”, é pretérito imperfeito do indicativo, ou seja, ação no passado, mas não concluída completamente. Podemos interpretá-la como algo que foi falado anteriormente, mas parece não ter se concretizado completamente, por isso, pode ser retomado.

No entanto, percebemos que o texto pretende lançar dúvidas sobre a eficácia desse plano, como se as termoelétricas não tivessem resolvido (ou não fossem resolver) os problemas de queda de energia no estado. Ao mesmo tempo que lança dúvidas, a frase destoa do resto do texto, uma vez que não esclarece a suspeita levantada, pois, na continuação da narrativa há somente dados sobre o abastecimento da época e sobre o investimento que seria feito.

Para entender tal afirmação, nos reportamos à análise contextual, já que tratamos de uma ação realizada no passado. Conforme Santi (2016), o pesquisador deve prestar atenção aos múltiplos contextos que podem influenciar e modificar determinada ideia. Nestes termos lembramos que em agosto de 2001, foi inaugurada a linha de interconexão do Complexo Hidrelétrico de Guri-Macáguas na Venezuela com a capital de Roraima, Boa Vista; e, que mesmo depois dessa iniciativa, desde 2010, o estado de Roraima começou a enfrentar uma série de interrupções no fornecimento de energia elétrica.

Em 2013, após apresentação de um estudo realizado pela Empresa de Pesquisa Energética (EPE), empresa pública vinculada ao Ministério de Minas e Energia (MME), e, deliberação do Comitê de Monitoramento do Setor Elétrico (CMSE), o Ministério publicou a Portaria 396 autorizando a Eletrobrás a contratar (em caráter emergencial, sem necessidade de licitação) empresa de geração de energia elétrica para complementar o fornecimento da energia provinda da Venezuela e, assim, atender o estado de Roraima até a interligação ao Sistema Elétrico Nacional.

Tais termoelétricas não resolvem a questão energética de Roraima. Elas foram implantadas para auxiliar no abastecimento de energia em decorrência de

problemas no abastecimento proveniente da Venezuela. São uma solução paliativa até a resolução do entrave da chegada do Linhão de Tucuruí.

A narrativa do texto analisado, no entanto, argumenta que o governo federal se mantém ineficaz em resolver o problema de energia elétrica, mas, não esclarece para o leitor que o entrave em trazer o Linhão de Tucuruí dá-se em decorrência de problemas ambientais e jurídicos decorrentes da autorização de instalação das torres em terras indígenas.

Lembramos, segundo Motta (2013), que no processo de comunicação as narrativas expressam jogo de poder e luta pela hegemonia. Conforme observamos, o efeito metanarrativo aí pretende direcionar o leitor para o processo de desinformação potencialmente danoso, ainda mais quando relacionado a um contexto de disputa político e eleitoral.

Conforme observamos no Quadro 7, que trata da análise da narrativa do texto representado pela Figura 5, essa mesma narrativa jornalística migra para as redes sociais através da postagem realizada no Facebook pelo jornalista do site BNC – Roraima, Luiz Valério. A linguagem aí apresenta influência emocional quando se utiliza a expressão “sonho cada vez mais distante”, com informações da narrativa jornalística realizada numa rede social.

**Quadro 7 - Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 5**

Figura 5: Eletrobrás vai gastar 100 milhões pra gerar energia em 2017			
<b>Plano da Expressão</b>	Linguagem / Expressões	- “Enquanto <b>investe</b> em energia <b>cara</b> .” - “O <b>sonho</b> está cada vez mais <b>distante</b> .”	
	Formatos / Tipos de Texto	Postagem em redes sociais. Linguagem verbal e visual	
	Efeitos	Indignação, raiva e desabafo.	
	Intenções	A intenção do jornalista-narrador era apresentar indignação no pagamento de geradores de energia, enquanto o governo não investe no Linhão de Tucuruí.	
<b>Plano da Estória</b>	Conteúdo / Enredo	Questão energética de Roraima e a ineficiência federal simbolizado pelo senador Romer resolver o problema <b>Conclusão</b> <sup>o</sup>	
	Ações / Serialidade	Custos provocados pela locação de geradores de energia termelétricas e a ineficiência do governo federal para resolver o problema.	
	Personagens / Papéis	Senador Romero Jucá como protagonista da estória assumindo o papel de antagonista.	
	Intriga	Diegese / Mimese	Oposição política

		Lógica / Sintaxe	Apontar esquema de corrupção e tráfico de influência do senador Jucá nos contratos das termelétricas	
		Ciclo Mimético	Pré-configuração: Oposição política e corrupção.	
			Configuração: linguagem verbal	
			Reconfiguração: Senador Romero Jucá está envolvido no contrato de locação das termelétricas para enriquecimento ilícito.	
<b>Plano da Metanarrativa</b>	Tema de fundo	Mostrar indignação e interesse pessoal de alguns políticos em não resolver o problema da energia de Roraima		
	Justificativas	A citação no facebook pessoal com um pequeno lead da matéria escrita pelo próprio jornalista apresenta números do contrato da empresa geradora de energia Eletrobrás e destaca que o sonho de uma energia confiável está longe de ser realizado.		
	Plano moral / ético	Verdade: Valores do contrato apresentado pela Eletrobrás		
		Meias-verdades:		
		Mentiras (Fakes):	Mis-information / Informação errada	
- O governo federal se mantém ineficaz em resolver o problema.		Dis-information / Desinformação		
			Informação compartilhada para causar dano.	
			Mal-information / Mal-Infomação	
Observações:	As palavras em negrito são as que causam maior poder de intencionalidade na narrativa.			

Fonte: Mota (2013); Lits (2015); Castilho (2016); e, Wardle e Derakhshan (2017).

Na postagem, o material se apresenta de forma híbrida, pois estrutura-se na narrativa jornalística, mas é apresentado em diferentes suportes – neste caso, no *Facebook* – incentivando ao usuário a acessar o *hiperlink* para complementação da informação do site em que foi veiculado.

Já no Quadro 8, apresentamos a síntese da análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 6. O texto trata de uma narrativa jornalística veiculada pelo site G1RR, o material apresenta dados traçando uma trajetória do número de interrupções no fornecimento de energia elétrica no estado. A intriga desse episódio sobre energia elétrica demonstra preocupação, problemas e dificuldades em manter o abastecimento de energia em Roraima, gerando prejuízos para os moradores.

**Quadro 8 - Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 6**

<b>Figura 6: Dependente de energia da Venezuela, Roraima já teve mais de 50 apagões em menos de 2 anos, diz Eletrobrás</b>			
<b>Plano da Expressão</b>	Linguagem / Expressões	- Roraima vive uma <b>rotina de interrupções</b> constantes no fornecimento de energia. -No acumulado de menos de 2 anos, <b>já são</b> 54 blecautes ligados a <b>falhas</b> no fornecimento de energia elétrica -Estado é o <b>único</b> do país que <b>não faz parte</b> do Sistema Interligado Nacional (SIN)	
	Formatos / Tipos de Texto	Reportagem jornalística (linguagem verbal e visual)	
	Efeitos	Preocupação, problemas e dificuldades	
	Intenções	O jornalista-narrador apresenta no plano de expressão palavra-chave atribuindo a crise política na Venezuela o motivo das interrupções de energia em Roraima.	
<b>Plano da Estória</b>	Conteúdo / Enredo	Problema político-econômico na Venezuela afeta fornecimento de energia em Roraima	
	Ações / Serialidade	Problema energético se agrava com os constantes blecautes.	
	Personagens / Papeis	Presidente da Eletrobrás em Roraima e um comerciante.	
	Intriga	Diegese / Mimese	Mostrar o problema e as dificuldades da população em decorrência do blecaute em Roraima.
		Lógica / Sintaxe	Apresentar por meio de dados e depoimentos as causas e prejuízos causados pelo problema dos blecautes em Roraima.
		Ciclo Mimético	Pré-configuração: Interrupção de energia causa prejuízos a população
Configuração: linguagem verbal			
	Reconfiguração: O problema das interrupções de energia elétrica é ocasionado pela crise político-econômica na Venezuela.		
<b>Plano da Metanarrativa</b>	Tema de fundo	Problema político econômico da Venezuela afeta Roraima	
	Justificativas	O jornalista-narrador apresenta no plano de expressão palavra-chave que consta que as interrupções causadas na Venezuela, que passa por uma crise política afetam Roraima.	
	Plano moral / ético	Verdade: blecautes, prejuízos para a população, crise política e econômica na Venezuela, termelétrica supre necessidades no abastecimento. Descargas atmosféricas.	
		Meias-verdades: Crise política na Venezuela causa interrupção de energia elétrica.	
	Mentiras (Fakes):	Mis-information / Informação errada	
	No corpo da reportagem o presidente da Eletrobrás afirma que as causas das interrupções de energia são causadas por descargas atmosféricas e não pela crise política.	Dis-information / Desinformação	
		Mal-information / Mal-Infomação	

		A reportagem está caracterizada como desinformação (Dis-information)	
Observações:	As palavras em negrito são as que causam maior poder de intencionalidade na narrativa.		

Fonte: Mota (2013); Lits (2015); Castilho (2016); e, Wardle e Derakhshan (2017).

Na narrativa, o texto apresenta hiperlinks para direcionar o leitor para outras reportagens veiculadas pelo site G1RR em diferentes episódios temporais, mas permanecendo a mesma temática. Uma tentativa de propor para o leitor unir fragmentos da intriga espalhados em formatos diferentes de mídia – um dos *links* direciona para reportagem televisiva. Tal estratégia materializa a afirmação de Lits (2015, p. 15) que diz: “[...] visto que a narrativa passa de um lugar (topológico e narrativo) para outro, deixa de haver unidade temática e narrativa fechada”.

No plano da estória, o enredo envolve a Venezuela, apontando que a crise política no país vizinho é o motivo das constantes interrupções no fornecimento de energia para Roraima. No entanto, no desenvolvimento da narrativa, o diretor da Eletrobrás, Anselmo Brasil, afirma que o problema é ocasionado devido as descargas atmosféricas e falta de manutenção do sistema como um todo.

O narrador expõe um contra argumento, afirmando que o Governo de Roraima afirma que as interrupções são causadas pela crise no país vizinho, utilizando como justificativa uma citação do secretário estadual de Planejamento, em evento ocorrido em janeiro de 2016, sendo que a reportagem foi publicada em agosto de 2017. Ao analisar a narrativa, observamos que a mesma foi direcionada para dar ênfase à questão política em detrimento da constatação técnica, causando, conforme classificação, mais desinformação.

Por sua vez, a abordagem do material referente ao texto representado pela Figura 7, veiculado pelo site do jornal Folha de Boa Vista, trata do reajuste das tarifas de energia elétrica em Roraima (Quadro 9). A narrativa aí apresenta a palavra “arrocho” no título, evidenciando que o consumidor passará por dificuldades financeiras para quitar a conta de energia. No plano metanarrativo, o valor transmitido no texto é que a conta de energia ficará mais cara, para equilibrar o fluxo de caixa da fornecedora de energia que será privatizada na sequência.

**Quadro 9 - Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 7**

Figura 7: Conta de luz do boa-vistense está mais cara 35,26% a partir de hoje				
<b>Plano da Expressão</b>	Linguagem / Expressões	- <b>Arrocho</b> no consumidor -Tarifa de energia está mais <b>cara</b> - <b>Equilibrar</b> as contas para privatização		
	Formatos / Tipos de Texto	Reportagem jornalística (linguagem verbal e visual)		
	Efeitos	Indignação e dificuldades para o consumidor		
	Intenções	O jornalista-narrador apresentou o percentual do novo reajuste.		
<b>Plano da Estória</b>	Conteúdo / Enredo	Consumidores terão que pagar mais caro pe energia <b>Conclusão</b>		
	Ações / Serialidade	Questão energética de Roraima e reajuste no fornecimento de energia		
	Personagens / Papeis	governo federal <b>Continua</b>		
	Intriga	Diegese / Mimese	Reajuste de energia	
		Lógica / Sintaxe	Episódio sobre a questão energética de Roraima	
		Ciclo Mimético	Pré-configuração: Reajuste de energia para os moradores de Boa Vista.	
Configuração: linguagem verbal				
		Reconfiguração: Moradores vão pagar mais caro pelo fornecimento de energia		
<b>Plano da Metanarrativa</b>	Tema de fundo	Consumidor paga mais caro para equilibrar conta das concessionárias de energia		
	Justificativas	O jornalista-narrador utiliza de palavra conotativa “arrocho” para mostrar que o consumidor será prejudicado		
	Plano moral / ético	Verdade: Mostra o enredo que o reajuste é necessário para equilibrar as contas da estatal de energia.		
		Meias-verdades:		
Mentiras (Fakes):		Mis-information / Informação errada		
		Dis-information / Desinformação		
		Mal-information / Mal-Infomação		
Observações:	As palavras em negrito são as que causam maior poder de intencionalidade na narrativa.			

Fonte: Mota (2013); Lits (2015); Castilho (2016); e, Wardle e Derakhshan (2017).

A informação do reajuste de energia também foi veiculada na rede social Facebook, conforme análise reportada no Quadro 10 que analisa a narrativa no texto representado na Figura 8. A narrativa aí foi traçada com humor e ironia, utilizando

um material híbrido, mas tendo como recorte o mesmo episódio sobre questão energética e o mesmo personagem – o Senador Romero Jucá.

**Quadro 10 - Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 8**

Figura 8: Eu quero é continuar trabalhando por Roraima				
<b>Plano da Expressão</b>	Linguagem / Expressões	-“Se o povo de Roraima for <b>troux</b> a” -“Pq se forem espertos, vão <b>pegar o dinheiro dele</b> (que não é dele) e <b>votar em outros</b> ”, -“ <b>Ladrão</b> que <b>rouba</b> ladrão tem cem anos de perdão” -“ <b>Juvenal</b> “ -“Fuuuuuiii” -Quero <b>continuartrabalhando</b> por Roraima em Brasília.		
	Formatos / Tipos de Texto	Postagem em redes sociais. Linguagem verbal e visual		
	Efeitos	Ironia, humor e crítica política		
	Intenções	O usuário do perfil associou o reajuste de energia elétrica ao senador Romero Jucá		
<b>Plano da Estória</b>	Conteúdo / Enredo	Reajuste de energia elétrica e a relação com o senador Romero Jucá		
	Ações / Serialidade	Questão energética de Roraima e o senador Romero Jucá		
	Personagens / Papeis	Senador Romero Jucá no papel de antagonista.		
	Intriga	Diegese / Mimese	Responsabilidade pelo reajuste da tarifa de energia elétrica	
		Lógica / Sintaxe	Atribuindo mais um episódio da questão energética para o personagem Romero Jucá	
		Ciclo Mimético	Pré-configuração: Responsabilizar senador Romero Jucá pelo reajuste de energia elétrica Configuração: linguagem verbal Reconfiguração: senador Romero Jucá trabalha em benefício próprio em Brasília	
<b>Plano da Metanarrativa</b>	Tema de fundo	Corrupção e prejuízos para a população		
	Justificativas	No texto da postagem o autor utiliza de uma montagem fotográfica em que apresenta a manchete da reportagem do jornal Folha de Boa Vista e a foto do senador.		
	Plano moral / ético	Verdade: Reajuste da tarifa de energia elétrica		
Mentiras (Fakes): Atribuir responsabilidade ao parlamentar no reajuste de energia.		Mis-information / Informação errada Dis-information / Desinformação Informação compartilhada para		

			causar dano.
			Mal-information / Mal-Infomação
Observações:	As palavras em negrito são as que causam maior poder de intencionalidade na narrativa.		

Fonte: Mota (2013); Lits (2015); Castilho (2016); e, Wardle e Derakhshan (2017).

A narrativa jornalística neste texto foi transmutada para um novo suporte (em rede), com mudanças significativas em sua abordagem, mas mantendo a intriga para contextualizar o tema. De acordo com Lits (2015, p. 15), nas redes sociais os utilizadores também são construtores de informações, “[...] esta surge mais fragmentada, aberta a reescritas, a formas polifônicas que carecem da criação de uma hipernarratologia”.

As informações são aí reescritas de acordo com a interpretação ou mau uso dela, com intencionalidade, pois, conforme afirma Ricoeur (1994, p. 112), “[...] a narrativa dá forma ao que informa. Mas então a colocação em forma, pela narrativa, pode ser suspeita de trapaça”.

Tal narrativa, com o personagem real senador Romero Jucá, é uma intriga que vislumbra o contexto do Estado, transmuta-se no espaço virtual. O texto recorre ao recurso metanarrativo para atribuir responsabilidade ao reajuste de energia a figura pública do Senador, fazendo surgir aí uma *Fake News* – relacionada neste trabalho ao mal uso da informação, com intenção de causar dano.

O Quadro 11 se refere ao texto representado pela Figura 9. Ela traz uma narrativa emblemática que originou diversas configurações e reconfigurações sobre a intriga da questão energética e sua relação com a figura pública do senador Romero Jucá. A publicação foi realizada pela revista Veja e apresenta uma manchete direcionada com o tema “Luz a preço de ouro na terra de Jucá”.

**Quadro 11 - Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 9**

Figura 9: Luz a preço de ouro na terra de Jucá		
<b>Plano da Expressão</b>	Linguagem / Expressões	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <b>“Preço de ouro”</b></li> <li>- <b>“Terra de Jucá”</b></li> <li>- “Roraima <b>gasta fortunas</b> com geradores emergenciais para fornecimento de energia. A <b>conta é repassada a todos</b> os brasileiros “</li> <li>- “Uma das grandes <b>travas ao desenvolvimento</b> é a instabilidade no fornecimento de energia.”</li> <li>- “Roraima lançou um plano de <b>investimento em usinas</b></li> </ul>



		<p><b>térmicas e geradores”</b></p> <p>- “O projeto foi <b>capitaneado</b> pelo senador <b>Romero Jucá</b> (PMDB), o político local de <b>maior envergadura</b> em Brasília”</p> <p>- “A questão é que Roraima continua sendo um <b>estado-vaga-lume</b>, embora os novos geradores tenham sido adquiridos em <b>contratos emergenciais</b> e <b>custem milhões e milhões de reais</b> para ser mantidos”.</p> <p>-“O que faz <b>menos sentido</b> é a maneira como os contratos de fornecimento <b>vêm sendo celebrados.</b>”</p> <p>- “aí começam a despontar as particularidades do estado e as <b>pegadas de Jucá.</b>”</p> <p>- “Na prática, o ministério, <b>controlado</b> até 2016 pelos <b>caciques do PMDB</b> do Norte e do Nordeste, <b>deu aval</b> ao estado para que fechasse contratos emergenciais, a <b>custos elevadíssimos</b>”.</p> <p>-A conta, <b>ora bolas</b>, seria dividida entre <b>todos os brasileiros</b>.</p> <p>- “Mas o <b>pobre estado de Roraima</b> conseguiu ser exceção</p> <p>- “<b>chamou atenção</b> o fato de uma empresa <b>sem projeção nacional</b> ter sido <b>agraciada</b> com o <b>maior</b> contrato: a Oliveira Energia, com sede em Manaus.”</p> <p>- “A dúvida é se o projeto da linha de transmissão <b>empacou</b> por causa do zelo com os indígenas ou porque havia outros <b>interesses em jogo.</b>”</p>		
	Formatos / Tipos de Texto	Linguagem híbrida (apresentação de texto, infográfico e arte visual)		
	Efeitos	Corrupção, apadrinhamento político, tráfico de influência e prejuízo a população		
	Intenções	Atribuir responsabilidade ao senador Romero Jucá pela crise energética de Roraima e manutenção das termelétricas.		
<b>Plano da Estória</b>	Conteúdo / Enredo	Crise energética e o senador Romero Jucá		
	Ações / Serialidade	Questão energética de Roraima, sena <b>Continua</b> á e contrato emergencial para implantação ..... termelétricas.		
	Personagens / Papeis	Senador Romero Jucá no papel de antagonista.		
	Intriga	Diegese / Mimese	Energia elétrica custa caro para beneficiar senador Romero Jucá sendo o responsável pela crise energética em Roraima	
		Lógica / Sintaxe	Intencionalidade de apresentar mais um episódio na questão enérgica envolvendo o personagem Romero Jucá	
Ciclo Mimético		Pré-configuração: Senador Romero Jucá se beneficia economicamente pelo alto custo das termelétricas em Roraima.		
		Configuração: linguagem híbrida		
		Reconfiguração: senador Romero Jucá usufrui economicamente da deficiência elétrica em Roraima.		
<b>Plano da Metanarrativa</b>	Tema de fundo	Corrupção, conspiração, indignação e revolta		

Continua

	Justificativas	Com jogos de linguagem e expressões “preço de ouro, terra de Jucá, Roraima gasta fortunas com geradores emergenciais”, o narrador-jornalista apresenta a intencionalidade de corrupção política para beneficiamento financeiro.	
	Plano moral / ético	Verdade: Valor do custo do megawatt	
		Meias-verdades: Portarias publicadas em 2013,2014 e 2016 pelo Ministério de Minas e Energia. A reportagem omite a informação que Roraima estava em crise de fornecimento energético nestes períodos, motivo da situação de emergência. A situação de emergência não aconteceu por decisão política partidária, tratava-se na época de uma questão relacionada às constantes interrupções de energia.	
		Mentiras (Fakes):	Mis-information / Informação errada
Observações:	As palavras em negrito são as que causam maior poder de intencionalidade na narrativa.		

Fonte: Mota (2013); Lits (2015); Castilho (2016); e, Wardle e Derakhshan (2017).

Essa narrativa apresenta pontos de sucessão e transformação que segundo Todorov (2003), são elementos que são utilizados pelo narrador para alinhar o desenvolvimento da narrativa. Assim, para fortalecer sua intencionalidade e causar o clímax no enredo da narrativa, neste caso, a narrativa da revista apresentou uma sequência de informações sobre contratação emergencial das termelétricas em Roraima, com dispensa de licitação e apadrinhamento político na estatal de energia responsável pela distribuição local. No entanto, não houve contextualização social para esclarecer ao leitor, os motivos que levaram, em 2013, o Ministério de Minas e Energia publicar portaria autorizando tal medida.

A narrativa tem como personagem principal o senador Romero Jucá. Como lembra Motta (2013, p. 174) “[...] a personagem é, portanto, uma figura central da narrativa, é o eixo do conflito em torno do qual gira toda intriga”. O narrador aí, no desenvolvimento do plano da estória, aponta o parlamentar como responsável pela crise energética de Roraima que, para continuar obtendo rendimentos escusos com

as termelétricas, comete uma série de transgressões. Romero Jucá se configura aí como o anti-herói da intriga.

No plano metanarrativo, o valor moral produzido pelo jogo de palavras e informações atribui corrupção, conspiração, indignação e revolta pelo problema da questão energética no estado. A narrativa possuiu desinformação, pois não está municiada de documentos para comprovar a participação do parlamentar no possível “esquema” de instalação emergencial das usinas e de fomentar a crise energética local.

Lembramos que a decisão em decretar “estado de emergência” sobre a questão energética em Roraima, no ano de 2013, foi em decorrência de uma série de interrupções no fornecimento de energia que, em princípio, não tinha ingerência direta do senador. A decisão parece ter mais uma conotação socioeconômica, com viés político, do que particularmente vinculada a um esquema orquestrado para obtenção de recursos ilegais via esquema de corrupção.

Tal narrativa, envolvendo o personagem Romero Jucá e a questão energética de Roraima, publicada numa revista de renome nacional, com peso editorial e político, repercutiu entre os jornais on-line de Roraima. No Quadro 12 que analisa o texto representado pela Figura 10, percebemos que o jornal Folha de Boa Vista republicou a reportagem em seu portal. Neste caso, a mudança na narrativa encontra-se apenas no título e no lead da reportagem.

O portal do jornal FolhaBV reedita a manchete reforçando a interpretação de que a revista Veja aponta envolvimento de Jucá com a crise energética em Roraima. O site ainda traz a mesma fotografia do senador, quando visitou a Usina Termelétrica no início do ano (texto analisado no Quadro 5), rememorando o fato para a leitor.

**Quadro 12 - Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 10**

Figura 10: Veja traz matéria envolvendo Jucá com crise energética de Roraima		
<b>Plano da Expressão</b>	Linguagem / Expressões	-Envolvendo o nome o senador <b>Romero Jucá</b> com atual <b>crise energética</b> do país. -Segundo a revista, <b>Jucá</b> está <b>envolvido</b> com as termelétricas que abastecem RR - <b>Revista destacou</b> que -Roraima continua sendo um <b>estado-vaga-lume</b> , -Embora os novos geradores tenham sido adquiridos por <b>milhões e milhões</b> de reais com projetos <b>capitaneados</b> pelo <b>senador</b>

	Formatos / Tipos de Texto	Linguagem jornalística (verbal e foto)		
	Efeitos	Corrupção, apadrinhamento político, tráfico de influência e prejuízo a população		
	Intenções	Atribuir responsabilidade ao senador Romero Jucá pela crise energética de Roraima e manutenção das termelétricas.		
<b>Plano da Estória</b>	Conteúdo / Enredo	Crise energética e o senador Romero Jucá		
	Ações / Serialidade	Questão energética de Roraima, senador Romero Jucá e contrato emergencial para implantação das usinas termelétricas.		
	Personagens / Papéis	Senador Romero Jucá no papel de antagonista.		
	Intriga	Diegese	Atribuir responsabilidade pela crise energética em Roraima	
		Mimese	Linguagem híbrida com texto, infográfico e arte visual	
		Ciclo Mimético	Pré-configuração: Enfatizar que revista de destaque nacional, política e editorial aponta envolvimento do senador Romero Jucá na questão energética.	
Configuração: Linguagem híbrida				
		Reconfiguração: revista nacional aponta Jucá como mentor de esquema de corrupção financeira das termelétricas.		
<b>Plano da Metanarrativa</b>	Tema de fundo	Corrupção, conspiração, indignação e revolta		
	Justificativas	Com jogos de linguagem e expressões “preço de ouro, terra de Jucá, Roraima gasta fortunas com geradores emergenciais”, o narrador-jornalista apresenta a intencionalidade de corrupção política para beneficiamento financeiro.		
	Plano moral / ético	Verdade: Valor do custo do megawatt		
		Meias-verdades: Roraima não é terra de Jucá		
		Mentiras (Fakes):	Mis-information / Informação errada	
Dis-information / Desinformação				
		Informação compartilhada para causar dano.		
		Mal-information / Mal-Infomação		
Observações: Foi avaliado somente a manchete e o subtítulo da reportagem e o lead, por se tratar de repetição de conteúdo do material publicado pela revista Veja. As palavras em negrito são as que causam maior poder de intencionalidade na narrativa.				

Fonte: Mota (2013); Lits (2015); Castilho (2016); e, Wardle e Derakhshan (2017).

No Quadro 13, apresentamos a análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 11. O texto foi publicado pelo site Fato Real e também está

relacionado ao conteúdo publicado pela revista Veja. Porém, no plano da expressão, a narrativa utiliza elementos de sucessão e de transformação da narrativa, para dar continuidade à trama sobre questão energética e o envolvimento do senador Romero Jucá com um suposto esquema que o beneficiaria economicamente (TODOROV, 2003).

A narrativa da revista aí foi transmutada para inserir novos personagens e apontar tráfico de influência e os prejuízos causados pela família Jucá, que controla o estado das coisas em Roraima.

**Quadro 13 - Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 11**

<b>Figura 11: Luz a preço de ouro: Roraima, estado controlado pelo clã Jucá, gasta fortuna com geradores emergenciais para fornecimento de energia.</b>			
<b>Plano da Expressão</b>	Linguagem / Expressões	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estado controlado pelo <b>clã Jucá</b></li> <li>-<b>Gasta fortuna</b> com <b>geradores emergenciais de energia</b></li> <li>-<b>O preço da energia</b> representa apenas uma parcela dos <b>desmandos</b> roraimenses</li> <li>-Manoel Dantas, presidente do Tribunal de Contas de Roraima investigado por peculato, teria <b>vistas grossas</b> aos <b>abusos</b> dos governadores em troca de nomeações de parentes</li> <li>-<b>Teresa Surita, ex-mulher de Romero Jucá</b>, esteve <b>envolvida</b> em uma investigação por <b>desvios no projeto Minha Casa, Minha vida</b>.</li> <li>-<b>Rodrigo Jucá</b>, ex-deputado federal e filho do senador, é <b>investigado</b> no mesmo <b>escândalo</b> e apareceu na <b>delação</b> da <b>Odebrech</b> por ter <b>recebido propina</b> da empreiteira.</li> <li>-<b>Marina Jucá, filha do senador</b>, é <b>sócia</b> da Boa Vista <b>Mineração</b>.</li> <li>-Será que isso ajuda a explicar por que o pai defende veementemente a liberação da mineração em área Indígena?</li> </ul>	
	Formatos / Tipos de Texto	Linguagem jornalística	
	Efeitos	Corrupção, apadrinhamento político, tráfico de influência, prejuízo à população e família que controla o estado.	
	Intenções	Apresentar que a família do senador Romero Jucá mantém influência em Roraima e está envolvida em esquema de corrupção e ilegalidade	
<b>Plano da Estória</b>	Conteúdo / Enredo	Crise energética e a família do senador Romero Jucá	
	Ações / Serialidade	Crise energética e o envolvimento da família do senador em esquema de corrupção.	
	Personagens / Papeis	Romero Jucá, Manoel Dantas, Teresa Surita, Rodrigo Jucá e Marina Jucá	
	Intriga	Diegese / Mimese	Apresentar uma família predominante em Roraima envolvida em corrupção. A concretização são as informações apresentadas sobre as investigações sobre os donos de empresas.

		Lógica / Sintaxe	Sequências na narrativa apresentando novos personagens apontando esquema de corrupção em outras áreas econômicas.
		Ciclo Mimético	Pré-configuração: Apontar que a revista Veja destacou que existe uma família corrupta e controladora em Roraima.
			Configuração: linguagem verbal
			Reconfiguração: Uma família envolvida em escândalos mantém acordos e esquemas financeiros em Roraima.
<b>Plano da Metanarrativa</b>	Tema de fundo	Apresentar uma família poderosa que comanda Roraima e está envolvida em esquema de corrupção e fraudes.	
	Justificativas	Apresentou o nome e o envolvimento de cada personagem em esquemas de corrupção e vantagem econômica.	
	Plano moral / ético	Verdade:	
		Meias-verdades: Os trechos finais que estão inseridos nesta reportagem do blog Fato Real não estão incluídos na reportagem original da revista Veja.	
	Mentiras (Fakes):	Mis-information / Informação errada	
		Dis-information / Desinformação	
		Informação compartilhada para causar dano.	
		Mal-information / Mal-Infomação	
Observações:	A reportagem veiculada no blog, acrescenta parágrafos no final da matéria, apontando que existe um esquema de corrupção envolvendo o presidente do Tribunal de Contas de Roraima, prefeita de Boa Vista Teresa Surita, Rodrigo Jucá e Marina Jucá, ambos filhos do senador Romero Jucá. Na reportagem original esses personagens não são citados. No entanto, o jornalista acrescenta no final de reportagem que a fonte é da revista Veja, induzindo o leitor a acreditar que tais trechos fazem parte da reportagem. As palavras em negrito são as que causam maior poder de intencionalidade na narrativa.		

Fonte: Mota (2013); Lits (2015); Castilho (2016); e, Wardle e Derakhshan (2017).

Observamos que a reportagem original foi adulterada acrescentando mais três parágrafos e quatro personagens na trama, sendo três deles familiares do então senador Romero Jucá. Os trechos que foram inseridos estão relacionados com a nova manchete da reportagem “Luz a preço de ouro: Roraima, estado controlado pelo clã Jucá, gasta fortunas com geradores emergenciais para fornecimento de energia”. Tal material foi reconfigurado para apontar que existe uma família poderosa dominando a cena da distribuição de energia em Roraima.

Na classificação sobre *fake news*, a narrativa apresenta desinformação com intenção de causar dano. Como afirma Castilho (2016, p.02) aí “[...] a verossimilhança ganhou mais peso que a comprovação.”

Essa narrativa foi ainda transmutada para as redes sociais, conforme detalhamento exposto no Quadro 14 que trata da análise da narrativa do texto representado pela Figura 12. Tal texto trata-se de nova postagem na rede social *Facebook*.

**Quadro 14 - Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 12**

Figura 12: Revista Veja diz que Jucá é responsável pelos apagões em Roraima				
<b>Plano da Expressão</b>	Linguagem / Expressões	- Revista Veja <b>diz</b> que Jucá é <b>responsável</b> pelos <b>apagões</b> em Roraima. “Senador <b>não quer</b> o Estado interligado com a matriz energética do Brasil” - “ <b>Ganha milhões</b> com as caras e poluentes termoelétricas” - “Jucá e José de Anchieta, quando governador, deram <b>sumiço</b> em mais de <b>meio bilhão</b> .”		
	Formatos / Tipos de Texto	Postagem em rede social Facebook. (linguagem verbal e visual)		
	Efeitos	Desvio de dinheiro público, corrupção.		
	Intenções	O jornalista-narrador, com o comentário, apresenta a intencionalidade de associar o senador como responsável pelo não avanço do Linhão de Tucuruí, crise energética de Roraima e seus aliados políticos.		
<b>Plano da Estória</b>	Conteúdo / Enredo	Crise energética, Linhão de Tucuruí, senador Romero Jucá, Governador José de Anchieta		
	Ações / Serialidade	Apagão em Roraima, desvio de recursos públicos e reportagem da revista Veja.		
	Personagens / Papeis	Senador Romero Jucá e José de Anchieta Júnior.		
	Intriga	Diegese / Mimese	Apontar um responsável pela demora na conclusão da obra de Linhão de Tucuruí por meio de postagem de reportagem e imagem de humor.	
		Lógica / Sintaxe	Conflito existente, permanência das termoelétricas e vedação das obras do Linhão de Tucuruí.	
		Ciclo Mimético	Pré-configuração: Configuração: linguagem verbal Reconfiguração:	
<b>Plano da Metanarrativa</b>	Tema de fundo	Responsabilizar o senador Jucá pelo entrave na obra do Linhão de Tucuruí e desvio de recursos da CER juntamente com o governador Anchieta Júnior.		

Continua

	Justificativas	As palavras utilizadas não querem o estado interligado, sumiço do dinheiro etc. Apontam para uma corrupção e benefício próprio.	
	Plano moral / ético	Verdade:	
		Meias-verdades: Houve o desvio de recursos da CER, mas não chegaram aos culpados.	
		Mentiras (Fakes): O senador não causou entrave as obras do Linhão de Tucuruí, portanto, a informação compartilhada para causar dano.	Mis-information / Informação errada
		-A revista Veja não diz, ou afirma que o senador é o responsável pela crise energética.  A revista aponta situações que evidenciam a responsabilidade.	Dis-information / Desinformação  Informação compartilhada para causar dano.  Mal-information / Mal-Infomação
Observações:	As palavras em negrito são as que mais possuem peso de interpretação na narrativa.		

Fonte: Mota (2013); Lits (2015); Castilho (2016); e, Wardle e Derakhshan (2017).

Nesta postagem, o plano da expressão se apresenta reconfigurado pelo narrador, afirmando que o parlamentar ganha milhões para manter termelétricas poluentes em funcionamento no estado de Roraima. A intriga aponta para apresentar o culpado pela crise energética, utilizando uma linguagem híbrida (entre texto e imagem), leve e divertida, para provocar a interação com o utilitário da rede. Conforme Lits (2015), a narrativa existente nas mídias sociais surge como alternativa para sair da objetividade da escrita jornalística tradicional.

Todavia, a produção e divulgação contínua, com intencionalidade para manter ou destronar hegemonia existentes, pode causar efeitos devastadores – ainda mais se tratando de personalidades públicas em contexto de disputas eleitorais, como analisamos nesse trabalho. Deste modo, como no texto representado pela Figura 11, também no texto da Figura 12, afirmamos que está presente a desinformação com intuito de prejudicar pessoas e instituições.

Nesta mesma linha de abordagem, na análise referente à Figura 13, exibida pelo site especializado em assuntos políticos Brasil 247 (Quadro 15), em 22 de fevereiro de 2018, a narrativa retoma conteúdo veiculado no dia 08 de janeiro de 2017, (texto representado pela na Figura 4 e analisado conforme Quadro 6). Aí, a



reconfiguração da narrativa encontra-se na manchete do material, informando basicamente que a estatal federal vai gastar dinheiro público em empresa privada.

**Quadro 15 - Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 13.**

<b>Figura 13: Eletrobras vai gastar 100 milhões com termelétricas privadas</b>				
<b>Plano da Expressão</b>	Linguagem / Expressões	<b>-Termelétrica privada</b>		
	Formatos / Tipos de Texto	Texto Jornalístico (linguagem verbal e visual)		
	Efeitos	Reacender o debate em torno da questão energética e o personagem Romero Jucá.		
	Intenções			
<b>Plano da Estória</b>	Conteúdo / Enredo	Conclusão		
	Ações / Serialidade			
	Personagens / Papeis			
	Intriga	Diegese / Mimese	Retornar à discussão sobre a questão energética em Roraima. Continua al.	
		Lógica / Sintaxe		
	Ciclo Mimético	Pré-configuração:		
		Configuração: linguagem verbal		
Reconfiguração:				
<b>Plano da Metanarrativa</b>	Tema de fundo	Apresentar que o governo federal representado pelo senador da República gasta recurso público em usinas privadas		
	Justificativas	A manchete apresenta a fotografia do senador Romero Jucá quando visitou a Usina Termelétrica Monte Cristo em Roraima.		
	Plano moral / ético	Verdade: A Eletrobrás mantém contrato com empresa privada para fornecimento de energia elétrica em Roraima.		
		Meias-verdades:		
		Mentiras (Fakes):	Mis-information / Informação errada	
- Publicação da manchete da narrativa juntamente com fotografia do senador Jucá direcionando o gasto para a figura política.	Dis-information / Desinformação			
	Informação compartilhada para causar dano.			
	Mal-information / Mal-Infomação			
Observações:	Nem todos os itens foram respondidos devido á reportagem ter sido avaliada no Quadro 6 / Figura 4. Trata-se da mesma reportagem veiculada pelo site BNC Roraima, que volta a circular na web após um ano da primeira veiculação. As palavras em negrito são as que causam maior poder de intencionalidade na narrativa			

Fonte: Mota (2013); Lits (2015); Castilho (2016); e, Wardle e Derakhshan (2017).

O plano de expressão do texto remete à intriga senador Romero Jucá X Crise Energética de Roraima e o uso do termo “termelétrica privada” remete aos gastos desnecessários e desleais, ao uso de patrimônio público em favorecimento de terceiros. Já o plano metanarrativo indica mau uso dos recursos públicos.

Frisamos que a narrativa aí apresentada foi reproduzida e voltou a circular na web, o que para Lits (2015, p. 21) é uma característica da nossa era digital. Conforme o autor, “[...] a narrativa não desaparece, mas se constrói, doravante, com outras formas, pelo menos no sistema mediático e na cultura de massas.” A narrativa neste espaço circula de forma fragmentada e ressurgue conforme interesses de poder, como bem afirma Castells (2009), para quem as sociedades em redes processam conhecimento para criar ou destruir a confiança.

No plano da expressão referente ao texto da Figura 14, analisado no Quadro 16, observamos um texto variando da linguagem jornalística para crônica (literatura), com a sucessão e transformação de elementos que pretendem dar continuidade à narrativa, assim como a presença de mais um personagem na estória – o ex-governador José de Anchieta Júnior.

**Quadro 16** - Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 14.

<b>Figura 14: Jucá e Anchieta desmontam setor energético de Roraima.</b>		
<b>Plano da Expressão</b>	Linguagem / Expressões	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “A <b>quadrilha</b> trabalha de forma estratégica para fazer o Estado <b>parar</b>”.</li> <li>.” A <b>dinheirama sumiu</b>, a Companhia <b>quebrou</b>”.</li> <li>- “Com <b>isso</b>, Jucá e Anchieta deram o primeiro passo para <b>desmontar</b> de uma vez por todas o já deficitário <b>setor energético de Roraima</b>”.</li> <li>- “Depois Jucá <b>mexe os pauzinhos</b> em Brasília e a Eletrobrás passa a ter o <b>controle de quase todo setor energético de Roraima</b>”.</li> <li>- “O senador ainda <b>facilita</b> a compra de <b>usinas termoelétricas caríssimas e poluentes</b> para a empresa, que agora fornece energia para a Capital e interior do Estado”.</li> <li>- “Os salários lá chegam a R\$ 60 mil e <b>Jucá é dono</b> de todos os cargos de direção”.</li> <li>- “Com Temer e Jucá, a cota de energia <b>sofre reajuste</b> mais de cinco vezes.</li> <li>- “Os <b>“apagões”</b> se tornaram constantes”.</li> <li>- “Jucá <b>lucrando</b> milhões com as caras e <b>poluentes termoelétricas</b>”.</li> <li>- “Jucá e Anchieta já traçam outros planos para que Roraima <b>continue na escuridão</b>”.</li> <li>- “Para eles; quanto <b>pior, melhor</b>”.</li> </ul>
	Formatos / Tipos de Texto	Jornalismo opinativo (crônica).

	Efeitos	Indignação, corrupção e fraude.		
	Intenções	Apontar que existe um grupo disposto a ganhar dinheiro na situação energética de Roraima.		
<b>Plano da Estória</b>	Conteúdo / Enredo	Grupo atuando para se beneficiar da crise energética, desvio de recurso público e tráfico de influência.		
	Ações / Serialidade	Dívida da CER, termelétrica, reajuste de energia.		
	Personagens / Papeis	Romero Jucá e José de Anchieta Júnior.		
	Intriga	Diegese / Mimese	Apresentar um grupo responsável em se beneficiar pela crise energética.	
		Lógica / Sintaxe	Utiliza o personagem Anchieta, de baixa popularidade, para ampliar e fortalecer a discussão sobre energia elétrica em Roraima.	
		Ciclo Mimético	Pré-configuração: apontar uma ligação de esquema político econômico entre Romero Jucá e Anchieta Júnior.	
Configuração: linguagem verbal.				
		Reconfiguração: Os dois políticos possuem acordos para prejudicar o sistema energético de Roraima e ganhar dinheiro com a crise.		
<b>Plano da Metanarrativa</b>	Tema de fundo	Apontar um culpado pela crise energética e se beneficiar com o problema.		
	Justificativas	O senador fatura milhões com as poluentes termoelétricas da Eletrobrás.		
	Plano moral / ético	Verdade: Os “apagões” se tornaram constantes.		
		Meias-verdades:		
		Mentiras (Fakes): - Jucá novamente mexe os pauzinhos em Brasília e o estado não consegue ser interligado ao sistema nacional de energia elétrica.  - O senador fatura milhões com as poluentes termoelétricas da Eletrobrás.	Mis-information / Informação errada  Dis-information / Desinformação  Informação compartilhada para causar dano.  Mal-information / Mal-Infomação	
Observações:	As palavras em negrito são as que causam maior poder de intencionalidade na narrativa.			

Fonte: Mota (2013); Lits (2015); Castilho (2016); e, Wardle e Derakhshan (2017).

O plano da estória destaca o episódio da crise energética e sua relação com a companhia de energia de Roraima. No plano metanarrativo, o narrador pretende proporcionar efeito de indignação, corrupção e fraude. A narrativa está incluída na classificação de desinformação, apontando que, tanto o parlamentar quanto o ex-

governador, mantêm influência no governo federal para que o Linhão de Tucuruí não seja implantado em Roraima.

O Quadro 17 traz a análise do texto representado pela Figura 15. Esse material, transmutado, circulou em grupos de *WhatsApp* no período eleitoral de 2018. A narrativa híbrida apresenta no plano da expressão uma junção da narrativa jornalística publicada pelo site BNC Roraima em 08 de fevereiro de 2017, e material de marketing político, resultando em um banner sinalizando humor. A narrativa com ironia dava sequência a mais um episódio no plano da estória da intriga senador Romero Jucá X Crise Energética de Roraima.

**Quadro 17 - Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 15.**

Figura 15: Quando faltar energia na sua casa ... fale com o Jucá.			
<b>Plano da Expressão</b>	Linguagem / Expressões	- “Quando <b>faltar</b> energia na sua casa ...fale com o Jucá” .” Para o <b>bom</b> entendedor” -“Conforme assessoria de comunicação foi Jucá que <b>articulou</b> junto ao governo federal os <b>recursos</b> para <b>locação</b> dos equipamentos” - <b>Os sucessivos diretores</b> da Eletrobrás em Roraima tem sido <b>indicação política</b> de Romero Jucá”	
	Formatos / Tipos de Texto	Banner para grupos de <i>WhatsApp</i> (material híbrido. Utiliza foto e informação jornalística e material publicitário de campanha eleitoral.	
	Efeitos	Humor e indignação.	
	Intenções	Associar as interrupções de energia elétrica ao senador Romero Jucá.	
<b>Plano da Estória</b>	Conteúdo / Enredo	Questão energética e processo eleitoral	
	Ações / Serialidade	Constantes faltas de energia no período eleitoral.	
	Personagens / Papeis	Senador Romero Jucá.	
	Intriga	Diegese / Mimese	Creditar apagão a figura do parlamentar.
		Lógica / Sintaxe	Campanha eleitoral e os apagões.
		Ciclo Mimético	Pré-configuração: Jucá é o responsável pelo apagão em Roraima.
Configuração: linguagem híbrida.			
Reconfiguração: Atrelar a figura do senador ao poder de interromper o fornecimento de energia em Roraima.			
<b>Plano da Metanarrativa</b>	Tema de fundo	Reclamar com o senador causador da crise energética os constantes apagões.	

Continua

	Justificativas	Trecho da reportagem do site BNC e Brasil 247 quando aborda a visita as termelétricas e as indicações políticas para cargos de diretores da Eletrobrás, indica aproximação política do senador com a estatal.	
	Plano moral / ético	Verdade: Visita do senador na Usina Termeletrica.	
		Meias-verdades:	
		Mentiras (Fakes): - Toda vez que faltar energia, ligue para o Jucá.	Mis-information / Informação errada
			Dis-information / Desinformação
			Informação compartilhada para causar dano.
			Mal-information / Mal-Infomração
Observações:	As palavras em negrito são as que causam maior poder de intencionalidade na narrativa.		

Fonte: Mota (2013); Lits (2015); Castilho (2016); e, Wardle e Derakhshan (2017).

No plano metanarrativa, o tema de fundo do material é direcionar os eleitores a culpar o senador (que tentava a reeleição) pelos apagões que estavam acontecendo no período da campanha. A narrativa circulou como desinformação, com intenção de causar dano, já que a falta de energia em Roraima, no contexto eleitoral de 2018, era causada principalmente pelas interrupções do fornecimento oriundo da Venezuela.

Já, na análise da Figura 16, detalhada no Quadro 18, acionamos um *meme* em formato híbrido (linguagem e foto), que apresenta no plano de expressão humor direcionado para comprometer o parlamentar Romero Jucá. O texto possui efeito de ironia e causa política.

**Quadro 18 - Análise pragmática da narrativa do texto representado pela Figura 16.**

Figura 16: Se reclamar, desligo de novo.		
<b>Plano da Expressão</b>	Linguagem / Expressões	- “Se <b>reclamar, desligo de novo</b> ”.
	Formatos / Tipos de Texto	Meme para grupos de <i>WhatsApp</i> (material híbrido).
	Efeitos	Ironia, deboche, riso, política.
	Intenções	A intenção de causar humor e atrelar a responsabilidade da interrupção de energia elétrica ao senador Romero Jucá.
<b>Plano da Estória</b>	Conteúdo / Enredo	Questão energética e senador Romero Jucá

	Ações / Serialidade	Interrupção no fornecimento de energia elétrica.	
	Personagens / Papeis	Senador Romero Jucá.	
	Intriga	Diegese / Mimese	Atrair responsabilidade na interrupção do fornecimento de energia elétrica.
		Lógica / Sintaxe	Caracterização do personagem como funcionário da empresa distribuidora de energia elétrica em Roraima.
		Ciclo Mimético	Pré-configuração: Responsabilizar Romero Jucá pela interrupção de energia.
			Configuração: Meme (imagem)
			Reconfiguração: A culpa em faltar energia é do senador Romero Jucá.
<b>Plano da Metanarrativa</b>	Tema de fundo	Responsabilizar o senador Romero Jucá pela interrupção de energia elétrica	
	Justificativas	Diante de todas as informações que circularam pelos jornais e redes sociais atribuindo ao senador a responsabilidade, o ato em ver a imagem dele como funcionário da empresa, remete como gerenciador da crise em obter poder para controlar o fornecimento de energia.	
	Plano moral / ético	Verdade:	
		Meias-verdades:	
Mentiras (Fakes):  - Senador Romero Jucá não é funcionário da empresa com poder para cortar o fornecimento de energia do estado.		Mis-information / Informação errada  Dis-information / Desinformação  Infor <b>Conclusão</b> comparativa para causar dano.	
		Mal-information / Mal-Infomação	
Observações:	As palavras em negrito são as que causam maior poder de intencionalidade na narrativa.		

Fonte: Mota (2013); Lits (2015); Castilho (2016); e, Wardle e Derakhshan (2017).

Lembramos, conforme Recuero (2009, p. 124), que o *meme* tem uma capacidade de mutação, podendo, através dele, uma história ser reinventada várias vezes, com algumas variações. Segundo a autora o *meme* “[...] é comparável à hereditariedade, que faz com que um novo *meme* tenha, portanto, muito pouco de originalidade, mas seja produto de variação e recombinação de ideias antigas que permanecem presentes nas ideias presentes.”

No plano metanarrativo, o material tem a intencionalidade de responsabilizar o senador Romero Jucá pelas interrupções no fornecimento de energia. O material apresenta desinformação, pois, como sabemos, o senador não era funcionário da

Eletrobrás e nem possuiu poder para direcionar a interrupção do fornecimento de energia em todo o estado de Roraima.

Existe presente aí uma disputa clara pela configuração da narrativa que, em tempos de rede digital, ganha diversas transmutações para relatar o mesmo assunto. Porém, neste caso, esta reconfiguração tem a intenção de provocar uma interpretação que simbolize mudança na estrutura de poder. Acreditamos que tais narrativas apresentam claramente uma disputa de poder, corroborando o que diz Motta (2013), que afirma que o texto jornalístico é produto de interesses e poder (entre o veículo, jornalista e personagens / fontes).

Dessa maneira, percebemos na análise pragmática da narrativa que a intriga dos assuntos relacionados à questão energética provoca comoção dos leitores e usuários da rede, uma vez que a energia é considerada um serviço essencial para a população.

Percebemos também que na narrativa geral predomina a linguagem jornalística em terceira pessoa, mantendo as regras jornalísticas do lead e favorecendo a ordem de maior importância do fato. No entanto, lembramos, conforme Motta (2013), que, embora a narrativa aí se apresente de forma objetiva, buscando retratar a realidade, também maneja com enunciados e estratégias discursivas para influenciar o ouvinte ou leitor.

### 5.3 ANÁLISE ETNO-PRAXIOLÓGICA

A análise etno-praxiológica integra a proposta da Carta de Princípio apontada por Santi (2014, 2017), e implica observar o envolvimento entre teoria e prática no desenvolvimento da pesquisa. Conforme o autor (SANTI, 2017, p. 128), “[...] é o pressuposto que visa dar conta mais de perto da realidade empírica e de sua particular construção”. Tal princípio permite a incursão do pesquisador no problema da pesquisa a partir de um procedimento que entrelaça teoria e prática, a fim de proporcionar uma reflexão e experiência significativa e lançar perspectiva de mudanças para o futuro.

Com efeito, neste eixo de análise, concentramos nossa atenção no processo de transmutação das narrativas que ocorrem no mundo digital. Segundo Braga (2016), tal processo de comunicação integra os aspectos social, político e

econômico de uma sociedade e, por isso, torna-se importante compreender o contexto em que está inserido.

Neste aspecto, acompanhei como jornalista e integrante da equipe de Assessoria de Comunicação do senador Romero Jucá, o material que foi elaborado, sendo resignificado e manipulado no universo dos jornalistas e utilitários participantes da *web*. E revivi a experiência dessa transmutação no decorrer da execução dessa pesquisa.

Como bem afirma Bondiá (2002), somos o sujeito da experiência que permite ser um ponto estratégico para receber e dar sentido às coisas que chegam. O autor aponta ainda que o comportamento necessário para ser um sujeito da experiência é manter um diálogo entre produção e o resultado. Conforme Bondiá (2002, p.19), esse trabalho,

“[...] requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço’.

Foi assim que procedemos. Parti para agregar experiência, realizando uma imersão nas redes sociais, como apresentamos na análise da produção de narrativa jornalística, postagens em perfis e comentários, banners e *memes*, para perceber como a narrativa apresenta indícios de tentar influenciar o receptor. Lembramos que, conforme Martino (2014), narrar vai muito além de contar alguma coisa, mas influencia no modo de como os acontecimentos serão interpretados.

Durante esse processo de verificação da pesquisa, de apuração e checagem dos materiais coletados por meio da ferramenta de busca do Google, percebemos que muitas das postagens foram desativadas no universo on-line – tanto as narrativas jornalísticas quanto os comentários nas páginas do *Facebook*. Tal fato fortalece o argumento de que tais textos só foram criados no contexto político, para servirem de ferramentas para transmutação das narrativas e suas informações, originalmente apuradas e chegadas.

Como sujeitos com experiência, desenvolvemos a percepção de que a narrativa atende o interesse das pessoas, que pode ser modelado como se bem entende, sendo tal processo de reconfiguração constante e uma forte característica



da sociedade pós-moderna, em que os valores pessoais se sobrepõem aos da coletividade.

Neste caso, a narrativa jornalística, que foi produzida enquanto atuávamos como assessora de Comunicação, foi transmutada, num produto de desinformação, prejudicando a população que foi privada de obter uma informação confiável e segura.

No decorrer de nosso flamar netnográfico, observamos também que a comunidade virtual tem pressa e consome narrativa em formato simples, conciso e que remetem às narrativas postadas em perfis particulares, e que frequentemente recorrem ao humor. Esta é uma estratégia frequente para atrair curtidas e comentários para páginas pessoais.

É importante destacar ainda que, na rede de comunicação digital não se verifica uma forte relação entre os utilitários da web, mas existe nela uma interconexão entre os sites de grande visualização nacional e os portais de pequeno porte na configuração das narrativas postas em circulação. Foi detectado durante a pesquisa, por exemplo, que a narrativa oriunda do site da revista *Veja* foi transmutada inúmeras vezes, migrando para outros sites menores e constituindo uma rede/cadeia de interpretações e reinterpretações relacionadas com o mesmo personagem e intriga.

Salientamos ainda que o percurso da presente análise continua em andamento. Convidamos outros autores para a discussão, pois, o trabalho de análise dos perfis nas redes sociais por meio da netnografia não foi totalmente finalizado.

Consideramos também que a questão energia em Roraima e a sua relação com o parlamentar federal Romero Jucá ecoou no período eleitoral em diversas formas de narrativas e perfis no *Facebook* e em grupos de mensagens instantâneas, produzindo efeitos que ajudam a explicar por que o “senador de todos os governos” hoje não integra o Congresso Nacional, nem o governo do então presidente Jair Messias Bolsonaro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Narrar é contar estórias e histórias. As nossas estórias merecem ser contadas e conhecidas, afinal, somos únicos no mundo, ninguém tem algo mais fabuloso para descrever, sentir e sonhar do que nós mesmos. Narrar nossa estória define quem somos, aponta nossas raízes e a nossa identidade – cheia de interpretações e significados – marcada pelo processo rotativo chamado vida.

Pelas nossas estórias narradas, podemos contribuir para fortalecer o campo de pesquisa em diversas disciplinas do conhecimento. No meu caso, especificamente, foi pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Roraima que optei em narrar a minha experiência como assessora de comunicação, instigada e desafiada a compreender o processo de transmutação de uma narrativa (jornalística) transcorrida antes e durante o processo das eleições majoritárias de 2018 – um período importante para o fortalecimento da democracia e para a definição dos rumos do país, estado e município.

Jornalista há 24 anos, iniciei minha trajetória profissional narrando fatos num jornal impresso e pouco tempo depois migrei para o telejornalismo – com a tarefa de unir informação, emoção e imagem para contar estórias e informar a população. Em seguida, me dediquei ao ramo do jornalismo especializado e na assessoria de comunicação parlamentar. Foi lá que percebi que a comunicação pode ter/tem outro viés: pode ser manipulada para consolidar e até perpetuar certo sistema de poderio político.

Nesse jogo de interesse e poder, num mundo pós-moderno, a narrativa torna-se fonte de disputa num universo plural de interpretação regida pela pós-verdade. Neste ambiente difuso e com forte aparato tecnológico e digital, tais narrativas são processadas e consumidas cada vez mais rapidamente.

O homem pós-moderno não dispõe mais de tempo para analisar os fatos. Nesse tempo, o sentimento e a emoção sobressaem e ajudam na definição de conceitos, bandeiras ideológicas e políticas que são (depois) apresentadas na *web*. A interpretação fica sobre responsabilidade dos Líderes de Opinião, agora espalhados pelo reinado do Príncipe Digital, como bem afirma Bittencourt (2016).

Esse comportamento atinge o trabalho jornalístico e o jornalista que executa suas funções, seja de forma ética, respeitando a veracidade dos fatos, ou nem tanto.

Em meu caso foi nesse alicerce ético que busquei ancorar meu desempenho e minha função profissional. Mas, o mundo da pós-verdade é traiçoeiro, compele os fatos verdadeiros e os permite serem resignificados, muitas vezes transmutados em desinformação e reintegrados a um plano com intenções obscuras, alimentado pela disputa de liderança e hegemonia.

Foi neste cenário que, depois de produzir uma narrativa jornalística (no ano de 2017), descrevendo a visita de meu assessorado numa Usina Termelétrica na cidade de Boa Vista em Roraima, pude vivenciar os desdobramentos da intriga da estória – suas interpretações e manipulações, transmutadas em diversos gêneros textuais e abrigadas, no decorrer de anos, em diversos suportes nas redes de mídias digitais.

É, essa estória enredada de intriga, poder, manipulação, disputa por hegemonia, desinformação e *Fake news* que percorri em meu caminho de pesquisa, integrando a primeira turma do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRR na área de concentração Comunicação, Territorialidade e Saberes Amazônicos, e na linha de pesquisa Estudos de Mídia, Território e Processos Comunicacionais.

O objetivo geral da pesquisa foi compreender a transmutação da narrativa jornalística no ambiente digital. Para tanto, utilizamos como corpus de análise 14 recortes de textos entre narrativas jornalísticas, postagens na rede social *Facebook*, *memes* e *banners* publicados em grupos de *WhatsApp*, material que compreende o período de fevereiro de 2017 a outubro de 2018.

Para dar conta de tal objetivo, discorri primeiro sobre o tema Comunicação e Política para analisar essa relação mercantilizada, os interesses hegemônicos e o uso político da comunicação. Aí concordo com a afirmação de Castells (2009) que diz que quem controla a narrativa controla a sociedade. Nesta disputa de poder o Príncipe Eletrônico apontado por Ianni (1999) e o Príncipe Digital conceituado por Bittencourt (2016) dominam o sistema de informação para alcançar seus objetivos de dominação.

Percebi que o Príncipe Eletrônico manipula as emoções e transforma a política em espetáculo para desviá-la do verdadeiro propósito que é garantir políticas públicas para melhorar a vida população. Já o Príncipe Digital apresenta seu poder pulverizado, mas conforme Bittencourt (2016), ainda aí e nos veículos de

comunicação, nos jornalistas e nos Líderes de Opinião que os utilizadores depositam confiança em larga escala.

Na pesquisa foi identificado que os jornalistas publicam a narrativa jornalística nos sites, mas para arregimentar seguidores e fortalecer o acontecimento-intriga postam comentários em seus perfis na rede *Facebook*. A narrativa nos meios de comunicação de massa e nas redes mundiais de computador torna-se então uma mercadoria, mobiliza valores mercantis para garantir audiência de grupos políticos e corporações de poder.

Na sequência, me aproprio das considerações da Teoria da Narrativa pela ótica da nova Narratologia, defendida por Motta (2013), por considerar que a narrativa expressa os valores culturais de uma sociedade e que por meio dela o sujeito realiza a coconstrução da realidade. Mas, não desconsidere as diretrizes da análise da narrativa pelo olhar dos estruturalistas, como Todorov (2002) e Propp (1984), pois não discordo dos autores quando apontam que a narrativa é uma sucessão de episódios e transformações na qual, muitas vezes, para entender a intencionalidade do narrador, é necessário realizar sua decomposição em seu eixo paradigmático.

Desta forma, para debater a narrativa jornalística e suas transmutações, procuramos reorganizar seu tempo (Motta 2013) e por isso apresentei o mapeamento das narrativas divulgadas conforme a ordem cronológica dos fatos até a campanha eleitoral de 2018. Tal procedimento levou a entender que a narrativa foi sendo transmutada ao longo do período, mas sempre apresentado o mesmo personagem e intriga da estória.

Percebi que com a transmutação, a narrativa jornalística migrou para diversos suportes digitais, contemplando o que apontou Lits (2015), o qual dizia que a narrativa na era tecnológica é polifônica e circular, com o assunto retornando constantemente na circulação dos dispositivos em redes. O autor afirma ainda que nesse processo pode ocorrer o surgimento de uma nova forma de narratividade, por meio do entrecruzamento e partilhamento das narrativas, acarretando o fim do enunciador.

Nessa pesquisa, essa nova forma de narratividade a que se refere Lits (2015), ficou evidente no caso das narrativas disseminadas nos grupos de *WhatsApp*, principalmente nos *memes* e *banners* que envolviam o senador Jucá com a questão energética e que relacionavam o personagem com a realidade de Roraima. Tal

estratégia narrativa acionou um elemento de pertencimento da população para assim reforçar os seus (novos) sentidos.

A narrativa desenvolve seu ciclo mimético ao passar pela pré-configuração, configuração e reconfiguração, pois, conforme Ricoeur (1994, p. 117), ela cumpre seu papel como mediadora do mundo transcorrendo pelos distintos momentos do ciclo que, regido pelo ato da leitura, transforma-se em vetor da aptidão da intriga para modelar as experiências.

Conforme os pressupostos do autor, corroborados em nossa investigação, é com as experiências do leitor que a refiguração de mundo acontece. Segundo Ricoeur (1994, p. 118), é o enunciador que aponta elementos para a narrativa tornar-se real para o leitor e ser reconfigurada, sendo interiorizada como verdade. Ao mesmo tempo, “[...] é o leitor, quase abandonado pela obra, que carrega sozinho o peso da tessitura da intriga”.

Percebi também, ao fazer a decomposição das narrativas jornalísticas, postagens, *memes* e *banners*, um narrador cheio de intencionalidades políticas que apontava o caminho para o leitor por meio de jogos de linguagem e o peso de palavras selecionadas para causar impacto, revolta, comoção e indignação. O texto aí funcionou, como evidenciou Ricoeur (1994, p. 118), como um “[...] conjunto de instruções que o leitor individual ou público executa de modo passivo ou criador”. Já que o mesmo (o texto), segundo o autor, só se torna obra na sua interação com o receptor.

Como participante desse processo pude vivenciar (e perceber) que a narrativa jornalística passou pelo ciclo mimético apontado por Ricoeur (1994), mas sem deixar de remeter para a (nossa) responsabilidade no ato de narrar. A narrativa aí provocou reações (boas ou ruins), mas antes de tudo também revelou o jogo de poder entre o narrador e o destinatário.

Posteriormente, ao discutir a transmutação da narrativa jornalística no mundo digital, percebi que (hoje) os suportes tecnológicos permitem que uma narrativa passe de uma plataforma para outra (digital), carregando a mesma intriga e seu personagem principal. Percebi ainda que, embora surjam mudanças na tipologia textual, o acontecimento-intriga permanece intacto, atingindo um maior público de usuários na web.

Neste ponto, ficou evidente, como afirma Gomes (2009), que a mimese evoluiu da representação audiovisual do corpo pela televisão para a mimese

interativa difundida nas redes digitais. Pois, no mundo pós-moderno, em que a emoção sobressai sobre a razão, fortalecendo feixes de opiniões pessoais, a refiguração que existe na relação do texto com o leitor, proporciona um (outro) ambiente de reflexão que toca cada vez mais o patamar da inverdade e da desinformação.

A transformação dessas narrativas, na trajetória de transferência de um suporte para outro, recorre frequentemente ao passado para buscar eventos que possam explicar o momento presente. No caso em tela, faz-se referência à visita do senador a Usina Termelétrica na região de Boa Vista e, também (voltando ainda mais tempo, para o 2014), para a publicação do decreto de emergência que autorizava a contratação de usinas termoelétricas para o abastecimento de energia em Roraima.

Verifiquei aí a dependência da narrativa a uma reconstrução precária para justificar o fato. Em suas análises sobre a transformação das narrativas, tendo como base Os Contos de Propp, os pesquisadores Pontes e Martins (2017) verificaram que as narrativas foram transformadas conforme o contexto social. Neste caso, eles observaram a perda ou crescimento de algumas expressões ou palavras, mas as mudanças estavam relacionadas aos contextos em que os enunciadores estavam inseridos.

Nos 14 recortes das narrativas jornalísticas que estudei, percebi a presença predominante de desinformação e mal informação – como atestam os resultados da pesquisa. A análise evidenciou que os veículos de comunicação, integrados às redes sociais, embora tendo a responsabilidade de divulgar de forma correta os fatos que envolvem a questão energética de Roraima, reforçam a narrativa que repassa a responsabilidade da crise presente para somente uma pessoa.

Neste universo as *fake news* se proliferaram, passando a figurar como ferramentas de interesses aptas a prejudicar pessoas ou até mesmo instituições. Elas manipularam as informações e distorceram a realidade para o leitor que não estava atento a estes procedimentos. Mas, ao mesmo tempo, revelaram as intenções de quem as produziu.

Nas reflexões das questões que envolveram a metodologia que apliquei, reforçamos a importância de adotar uma estratégia transmetodológica por considerar que a pesquisa no processo comunicacional deve sempre buscar ser inovadora e criativa. Nessa estratégia trans utilizei principalmente a Carta de

Princípios de Santi (2014; 2017) e os procedimentos para análise da narrativa de Motta (2013). Fundamentada no apontamento desses (e de outros) autores, foi possível analisar a transmutação da narrativa com base nos pressupostos histórico, contextual, culturológico, etnográfico e praxiológico.

Percebi com esse acionamento que a narrativa, em sua formulação, enreda acontecimentos, revelando significados profundos imbuídos no interior de uma sociedade.

O princípio histórico permitiu analisar os significados dos conceitos a respeito da discussão em torno do acontecimento-intriga, envolvendo a questão energética e o senador Romero Jucá. Pudemos identificar aí que a questão da crise energética se arrasta há anos, sendo ressignificada de acordo com a temporalidade vivida.

No aspecto contextual, revisei as discussões sobre a questão da narrativa. O intuito aqui foi reconstruir o contexto em que se produzia e veiculava a narrativa sobre a questão energética e a relação com a realidade da sociedade roraimense, permitindo novos olhares (PIRES e BONIN, 2017).

Com o exame culturológico, foi possível realizar o procedimento pragmático da análise da narrativa conforme os pressupostos de Mota (2013); Lits (2015); Castilho (2016); e, Wardle e Derakhshan (2017). Elaborei aí um Quadro e decompos os 14 recortes selecionados nas instâncias do plano de expressão, no plano da estória e no plano da meta narrativa.

O plano da expressão tornou possível identificar o uso de palavras e expressões que evidenciavam a intencionalidade do enunciador para influenciar o leitor. As narrativas aí possuíam os formatos de texto jornalístico e em forma híbrida. No plano da estória, todas as narrativas apresentavam o mesmo enredo sobre a questão energética de Roraima e o senador Romero Jucá – sendo o parlamentar o principal personagem e anti-herói da estória. No plano metanarrativa, que direciona o efeito moral ou ético da narrativa, foi considerado que o intuito principal do material era apontar um culpado para o problema da questão energética em Roraima.

Com isso, identifiquei que o conjunto das narrativas jornalísticas selecionadas apresentou, predominantemente, desinformação, conforme classificação de Wardle e Derakhshan (2017), pois, os fatos narrados são as diretrizes básicas do jornalismo como: apresentar provas e ouvir sempre as pessoas citadas, para ter o amplo direito de resposta e defesa.

Com as análises, percebi que parte dos fatos narrados estavam inseridos na classificação dos pesquisadores Wardle e Derakhshan (2017) como desinformação compartilhada para causar dano. E, as narrativas produzidas aí, apontavam para inculcar um culpado para a crise energética, apelando muitas vezes para o sentimento e emoção, característica desse mundo estruturado pelo conceito da pós-verdade.

Com análise empírica da narrativa jornalística, constatei que a desinformação brotou da imprensa hegemônica e de jornalistas atuantes no cenário de Roraima alimentando os utilitários. A narrativa, a partir daí, tornou-se circular e multiplicou-se em sua tipologia, adquirindo novas ressignificações – porém mantendo a mesma intriga.

Conforme Bittencourt (2016) na atuação do Príncipe Digital, os Líderes de Opinião, integrados pela comunidade de jornalistas, ainda possuem uma relação de confiança com os utilitários da web. Com essa influência, transformam-se em fontes estratégicas para grupos hegemônicos, políticos e partidários que buscam propagar uma narrativa que exerça impacto na construção/desconstrução de figuras imponentes que circulam no cenário político do país.

A desinformação e as *fake news* aí foram espalhadas (inclusive) por jornalistas e meios de comunicação digital, comprometidos com uma linha editorial debruçada sobre acordos políticos e econômicos. Dessa forma, foi possível verificar que houve uma ação coordenada para produzir e espalhar desinformação referente à questão energética em Roraima, envolvendo um personagem, com intuito de influenciar a decisão de voto das pessoas. Tal fato foi constatado pelo mapeamento cronológico da divulgação das narrativas jornalísticas sobre o assunto, iniciado um ano antes das eleições majoritárias, se estendendo até o período eleitoral.

Tal desinformação circulou em sites, blogs de jornalistas, influenciadores digitais locais e grupos de *WhatsApp* engajados ideologicamente. Esse comportamento – homofilia, conforme Recuero e Gruzd (2019) – trabalha em rede na perspectiva de alcançar o maior grupo de pessoas para replicar de maneira ampla e intensa a desinformação e as *fake news*. No entanto, percebo que essa característica pode apresentar uma falsa sensação de homogeneidade, direcionando as pessoas a tomarem decisões, principalmente, num momento importante como o processo democrático e eleitoral.



Nesta fase da escolha dos representantes do povo, o jornalismo deveria assumir o papel de agente esclarecedor dos fatos e acontecimentos reais sempre pautado na verdade e justiça. Nossa pesquisa mostrou que às vezes não é isso que acontece. O trabalho então deve recomeçar, na base do próprio jornalismo, buscando pelo resgate da informação confiável e prestando um serviço responsável para a população.

No entanto, evidenciamos por meio da análise da transmutação da narrativa que o jornalismo possui sua parcela de responsabilidade na veiculação de desinformação, relacionada à questão energética de Roraima e na atribuição da responsabilidade do problema para uma única figura política. Porém, sabemos que, no contexto local, a solução do entrave da energia no estado de Roraima passa por questões complexas como as questões étnicas, ambientais e jurídicas, que envolvem a instalação das torres de energia em terra indígena ou mesmo a geração de energia em solo roraimense.

Temos claro que no decorrer de uma apuração dos acontecimentos podem ocorrer equívocos, choques de informação. Mas, na questão da transmutação da narrativa, objeto de nossa análise, a desinformação parece ter sido propagada de forma intencional. Sua veiculação mesclou fatos reais, reportando ao contexto social das pessoas, e, ao mesmo tempo, fez circular uma notícia contaminada com informações fraudulentas, mentirosas e caluniosas.

É válido ressaltar ainda que no campo da metanarrativa os conceitos mestres como valor, moral e ética têm se diluído neste cenário de pós-modernidade. De acordo com Lyotard (2013) aí os conceitos de verdade e justiça foram perdidos e pela influência do sistema capitalista em reconstruir esses conceitos em troca de um resultado. Percebi na construção e no processo flagrante de transmutação da narrativa aqui analisado que a verdade e a justiça, de certa maneira, foram maculadas em nome de um propósito intencional na disputa de poder e domínio político.

Em relação às narrativas jornalísticas analisadas neste trabalho, nos parece evidente que elas apresentavam mácula no plano moral e ético. Verificou-se pouca verdade sobre a realidade, com a maioria dos textos registrando meias-verdades (revelação incompleta do fato) ou *fake news* (notícias falsas) – veiculadas em sites jornalísticos ou em perfil de jornalistas não corroboraram o trabalho de confiabilidade que todo jornalista deve executar na apuração e divulgação das notícias.

Os valores morais que deveriam surgir no plano metanarrativo, na construção da narrativa, foram sucumbidos para dar espaço a uma plataforma de poder e ambição construída nesta sociedade em que a verdade torna-se moeda de barganha política, com atuações questionáveis de instituições como (inclusive) o jornalismo.

Conforme Carvalho (2012), o processo de preconfiguração da narrativa (mimese I) quando nasce sabotada, revela que o enunciador sofre de uma deficiência moral e ética que reflete na configuração (mimese II) e por último na reconfiguração (mimese III). A narrativa que poderia ser um instrumento de liberdade e observância para um novo mundo de ideias é manipulada em sua essência, fortalecendo e disseminando informações para induzir no comportamento de um grupo.

Neste contexto, é preciso repensar a função do jornalismo na sociedade. A tarefa não é fácil. É um trabalho de resgate da informação confiável, verdadeira e com conteúdo profundo, pois, um dos pilares da democracia está numa imprensa responsável e livre. Livre de laços econômicos e políticos, prezando pela responsabilidade em informar de maneira correta para a população.

Considero, no entanto, que a pesquisa posta em tela como a presente investigação continua em desenvolvimento, não permitindo descortinar de forma completa as compreensões acerca da transmutação da narrativa jornalística, pois, é fato que todo processo do saber está em permanente construção.

Porém, com base nas análises das etapas aqui apontadas, considero que é ao traçar um percurso que envolve pesquisas, análises, compreensões e tempos de leitura que podemos acionar (para entender) a transmutação da narrativa jornalística numa era de pós-verdade. Só assim poderemos contemplar as variedades de narrativas circulando no espaço da *web*, por exemplo.

Considero, por último, que, analisar as transmutações das narrativas é um caminho longo a ser trilhado. O percurso envolve analisar o fenômeno das *fakes news*, neste momento de pós-verdade, mas também, remontar as diversas refigurações da narrativa e suas intersecções para entender a liberdade do leitor para com a obra e também a intencionalidade do narrador – entender essa correlação que carrega um objetivo; um jogo de poder.

É por esse caminho que pretendo continuar analisando as transmutações das narrativas para contribuir nesse processo ainda enigmático para muitos

pesquisadores – a trilha do entendimento das transformações na forma de se comunicar mediante o aparato narrativo-tecnológico que experimentamos hoje.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lisiane. Por uma epistemologia transmetodológica no campo da comunicação. **Compós-Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2011. Disponível em <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1661.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1661.pdf)>. Acesso em 15 de outubro de 2019.

AGOSTINHO, Santo. **Confessiones / Confissões, Livros VII, X e XI**. Covilhã: LUSOSOFIA.NET, 2008. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12628480/confissoes-livros-vii-x-e-xi-santo-agostinho-lusosofia>. Acesso em: 05 mar. 2019.

AMARAL, Adriana, NATAL, Geórgia, VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital, **Revista Famecos** Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul, n.20, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Luciene%20Sampaio/Documents/AULAS%20MESTRADO%20UFRR/METODOLOGIA/AMARAL%20NATAL%20E%20VIANA.pdf>>. Acesso em: 24 de ag. 2020.

BARROS, José D'Assunção. Memória e história: uma discussão conceitual. **Revista Tempos históricos**. Marechal Cândido Rondon, v. 15, n. 1, 2011.

BARDIN L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BENJAMIN, Walter. “**O Narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BITTENCOURT, Maira. **O Príncipe Digital**: Estruturas de poder, liderança e hegemonia nas redes sociais. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) Universidade de São Paulo, São Paulo, p.443. 2016.

BOLÍVAR, Antonio; DOMINGO, Jesús; FERNÁNDEZ, Manuel. **La investigación biográfico-narrativa en educación – enfoque y metodología**. Madrid: La Muralla, 2001.

BONDÍÁ, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. Nº 19. Espanha: Universidade de Barcelona. 2002.

BONIN, Jiani Adriana. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista FAMECOS**, Pontifícia Universidade Católica do Rio do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 37, 2008.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. Editora Companhia das Letras, 2000.

BRAGA, José Luiz. Aprender metodologia ensinando pesquisa: Incidências mútuas entre metodologia pedagógica e metodologia científica. In: Moura, Cláudia Peixoto, Lopes, Maria Immacolata Vassallo (Orgs). **Pesquisa em Comunicação Metodologias e Práticas Acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS – Editora Universitária da PUCRS, 2016.

CARVALHO, Carlos Alberto. Entendendo as narrativas jornalísticas a partir da tríplice mimese proposta por Paul Ricoeur. **Revista Matrizes**, Universidade de São Paulo (USP) n.01, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/48057/51820>>. Acesso em 05 nov. 2019

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. In. Canavilhas, João (Org.). Covilhã: Livros LabCom, 2014.

\_\_\_\_\_. **Do jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança**. Revista Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, Braga, vol. 9-10, 2006. Disponível em <<https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/issue/view/67/fullissue9> >. Acesso em 15 de mar. 2019.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 1997.

CASTILHO, Carlos. **Apertem os cintos: estamos entrando na era da pós-verdade**. Observatório da Imprensa, 28 de set. 2016. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/apertem-os-cintos-estamos-entrando-na-era-da-pos-verdade/>>. Acessado em: 15 de set. 2020.

CASTELLS, Manoel. **Comunicación y Poder**. Madri: Alianza Editorial.2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer**. 15ª ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. 3 Ed. São Paulo: Summus, 2007.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

DALMONTE, Edson Fernando. **A narrativa jornalística e a representação da realidade**. Intercom – Sociedade Brasileira Interdisciplinares da Comunicação. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1451-2.pdf>. Acesso em: 08 de mar. de 2021.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. Tradução: Carlos Szlak. 1 ed. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DOS SANTOS, Marcelo Alves. **AGENTES DE CAMPANHA NÃO-OFICIAL: A Rede Antipetista na eleição de 2014**. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação XXV Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/6732>. Pesquisado em 06 de setembro de 2020.

EAGLETON, Terry. **Depois da Teoria - Um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ECO, Umberto. **Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. Trad. Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. São Paulo, Perspectiva. 2010.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os Estabelecidos e os Outsiders** - Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2000.

ESTEVÃO; Flávia Gonçalves de Moura; FARIAS, Lídia. **Conexão e “Pós-verdade”: Propagabilidade da Desinformação?** In. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – Joinville - SC – 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-2058-1.pdf>. Acesso em: 15 Set. 2020.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5 ed. Editora Saraiva, São Paulo. 2005

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no jornalismo**. In. COMPÓS- Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2000. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1425.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1425.pdf). Acesso em: 12 de jun. 2020.

FOUCAULT, M. (1987). **Vigiar e punir**. Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1975).

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 7 ed. São Paulo: Editora Ática (Série Princípios), 2004.

GIL, Antônio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.

\_\_\_\_\_. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2006.

GOMES, Marcelo B. Hermenêutica e Comunicação: apontamentos para uma teoria narrativa da mídia. **Revista Comunicação Midiática**, UNESP - Universidade Estadual Paulista, n.2, 2012. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/234065194.pdf>>. Acesso em jun. de 2020.

\_\_\_\_\_. O que transmito do que me disseram: Narratividade em ambiente transmidiático. **Animus- Revista Interamericana de Comunicação Midiática**. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), N. 29, 2006. Disponível em: <[www.ufsm.br/animus](http://www.ufsm.br/animus)>. Acesso em: 18 de jun. de 2020.

GOSCIOLA, Vicente. **Narrativa transmídia: conceituação e origens**. Narrativas transmedia Entre teorías y prácticas. Colombia: Editorial UOC- Universidade del Rosario. 2012.

GRAMSCI, Antônio. **O “Moderno Príncipe”: a teoria do partido nos Cadernos do Cárcere**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

HALL, Stuart. The work of representation. In: Stuart Hall (org). **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. Sage: London, 1997.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

HOWARD, P.N. **New Media Campaigns and the Managed Citizen**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

IANNI, Octavio. **O Príncipe Eletrônico**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

ITUASSU, Arthur; LIFSCHITZ, Sergio; CAPONE, Letícia; MANNHEIMER Vivian. Campanhas online e democracia: as mídias digitais nas eleições de 2016 nos Estados Unidos e 2018 no Brasil. **O Brasil vai às urnas: as campanhas eleitorais para presidente na TV e internet**. In: Pimentel, Pedro Chapaval,; Tesseroli Ricardo (Orgs). Londrina : Ed. Syntagma, 2019.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JOUTARD, Philippe. Reconciliar história e memória. **Escritos**: Revista da Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, 2007.

KAHNEMAN, Daniel. **Prospect theory: An analysis of decision under risk**. *Econometrica: Journal of the econometric society*, p. 263-291, 1979.

KINDER, Marcha. **Playing with Power in Movies, Television, and Video Games: From Muppet Babies to Teenage Mutant Ninja Turtles**. Berkeley: University of California Press, 1993.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

KRISTEVA, Julia. **Introdução a semanálise**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1974.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. -9. ed. - São Paulo: Perspectiva, 2006.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 3ª ed. – Florianópolis. Ed. UFSC-Insular, 2001.

LEMONS, Andre. LÉVY, Pierre. **O futuro da Internet: Em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A estrutura e a forma – reflexões sobre uma obra de Vladimir Propp**. In: PROPP, V. I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LÉVY, P. **CIBERCULTURA: la cultura em la sociedad digital**. México: Anthoropos Editorial 2007.

LITS, Marc. **As investigações sobre a narrativa mediática e o futuro da imprensa**. Editora Imprensa Universidade de Coimbra. Cidade Coimbra. 2015.

Disponível em <<http://hdl.handle.net/10316.2/36936>>. Acesso em 20 de maio de 2020.

LIPOVETSKY, Gilles. **Somos Hipermodernos**. *Jornal Extra Classe*, Porto Alegre, 22 de agosto de 2004. Geral. Disponível em:



<<https://www.extraclasse.org.br/geral/2004/08/somos-hipermodernos/>>. Acessado em 17 de nov. 2021.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MALDONADO, A. Efendy; ALMEIDA, Renata Cardoso. Cidadania comunicacional na América Latina: uma observação sobre abordagem, forma e conteúdo das páginas na web TVE, teleSUR e Canal Encuentro. In: Saggin, Livia; Ferreira, Marcelo; Corneti, Vivian (Orgs.). **Pesquisa na graduação: desafios e experiências no campo da comunicação**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2017. Disponível em: <<http://www.processocom.org/wp-content/uploads/2017/10/Ebook-PesquisanaGraduacao.pdf>>. Acesso em 02 de Fev. 2020.

\_\_\_\_\_. Transmetodologia em tempos de fascismo social, **Chasqui - Revista Latinoamericana de Comunicación**, n.133, 2016. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5792173>>. Acesso em 15 de maio de 2019.

\_\_\_\_\_. Pesquisa em Comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. In: \_\_\_\_\_ et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

\_\_\_\_\_. **Produtos midiáticos, estratégias e recepção/A perspectiva transmetodológica**. In: Revista Ciberlegenda, UFF, N° 9, 2002.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARTÍN-BARBERO. **Dos meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Mídias Digitais-linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARTINS, Edson Soares; PONTES, Newton de Castro. Transformações do conto maravilhoso. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 6, n. 1, p. 181-202, jan.-jun. 2017.

MACHADO, Caio; STEIBEL, Fabro; KONOPACKI, Marco. **O uso de redes sociais em campanhas políticas no Brasil: a transição de estratégias de plataformas abertas para mensageiros interpessoais**. Woischnik, Jan. Fake News e as Eleições 2018. Botafogo: Ed. Fundação Konrad Adenauer, 2018.

MEDEIROS, Alessandro. **(CIBER) DEMOCRACIA** – Democracia eletrônica, virtual ou digital. Disponível em <<https://www.sabedoriapolitica.com.br/ciber-democracia/>>. Acesso em 26 de abril de 2019.

MENDES, Laura Schertel; DONEDA, Danilo; BACHUR, João Paulo. **Manipulação, fake news e os novos desafios para a democracia**. Cadernos Adenauer XIX- Fake News e as Eleições 2018 (Orgs). Ed. Fundação Konrad Adenauer, Botafogo- Rio de Janeiro, 2018.

MONTEIRO, Graça França. **A notícia institucional**. Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia. In. Jorge Duarte (Org). 4. Ed.- São Paulo: Atlas, 2011.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

\_\_\_\_\_. Por que estudar as narrativas? In. MOTA, Celia Ladeira; Motta, Luís Gonzaga; Cunha, Maria Jandyra (Orgs.). **Narrativas Midiáticas**. Florianópolis. Insular, 2012.

\_\_\_\_\_. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente

**Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação-Compós**, n.º1, 2004. Disponível em <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/8/9>>. Acesso em 05 nov. 2019.

MCPHERSON, M.; SMITH-LOVIN, L.; COOK, J. M. **Birds of a feather**: Homophily in social networks. Annual Review of Sociology, 2001.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1995.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PRIOR, Hélder. Escândalo Político e Narratologia: tecendo os fios narrativos dos casos Face Oculta e Lava Jato. **Revista Famecos-mídia, cultura e tecnologia**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. n. 1, 2018. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2018.1.28191>. Acesso em 23 de jan. de 2019.

PROPP, V. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense, 1984.

QUADROS, Mirian Redin. Análise de narrativas jornalísticas radiofônicas: reflexões sobre os desafios metodológicos da pesquisa em rádio. **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas metodológicas**. In. Maia, Marta R.; Martinez, Monica (Orgs.). Santa Cruz do Sul: Catarse, 2018.

RECUERO, Raquel; GRUZD; Anatoliy. Cascatas de *Fake News* Políticas: um estudo de caso no Twitter. **Revista Galaxia**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC, São Paulo, n. 41. 2019. Disponível em :<<http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542019239035>>. Acessado em 15 de set. 2020.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Editora: Sulina, 2009.

REIS, Carlos; LOPES, Ana. **Dicionário de Teoria da Narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** – tomo I. Campinas: Papyrus, 1994.

RUEDIGER, M. A. **Robôs, Redes Sociais e Política no Brasil: Interferências de perfis automatizados e atores políticos no debate eleitoral brasileiro**. Policy Paper 2. Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2018.

RUEDIGER, M.A. A semana nas redes: 18/10/2018. **DAPP Report**, 2018. Disponível em: <<https://observa2018.dapp.fgv.br/wp-content/uploads/2018/10/18-10-Dapp-Report.pdf> >. Acesso em: 06 de Out. 2020.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Espetacularização e Mídiação da Política. Comunicação e política: conceitos e abordagens** In. Rubim, Antonio Albino Canelas (Org). Salvador: Edufba, 2004.

SPINELLI MÜLLER, Egle; SANTOS ALMEIDA, Jéssica. Jornalismo na era da pós-verdade: fact-checking como ferramenta de combate às fake news. **Revista Observatório**, Universidade Federal de Tocantins, 2018. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/324833022\\_JORNALISMO\\_NA\\_ERA\\_DA\\_POS-VERDADE\\_fact-checking\\_como\\_ferramenta\\_de\\_combate\\_as\\_fake\\_news](https://www.researchgate.net/publication/324833022_JORNALISMO_NA_ERA_DA_POS-VERDADE_fact-checking_como_ferramenta_de_combate_as_fake_news). Acessado em 15 Set. 2020

SPRITZER, Jean; Hippolito, Regina. **Romero Jucá**. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/romero-juca-filho>. Acesso em 01 out. 2020.

SANTI, Vilso Júnior. Para encontrar Roraima, vire à direita: O cenário das eleições para governo do estado em 2018. In: TESSEROLI, Ricardo; PIMENTEL, Pedro Chapaval; AZEVEDO JUNIOR, Aryovaldo de Castro (Orgs.). **As eleições Estaduais no Brasil- Estratégias de Campanha para TV**. Campina Grande: Eduepb, 2019

\_\_\_\_\_. **Princípios Teórico-Metodológicos para entrever Mediação e Mídiação**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Manaus, 2017.

\_\_\_\_\_. **Mediação e Mídiação:** Conexões e Desconexões na Análise Comunicacional. Jundiá: Editora Paco, 2016.

\_\_\_\_\_. **Princípios teórico-metodológicos para entrever Mediação e Mídiação.** In: VIII Seminário Internacional de Metodologías Transformadoras de la Red AMLAT, 2014, Caracas - Venezuela: CEPAP, 2014. v. 1.

SANTOS, Roberto Ramos. Roraima: do pará-quedismo político ao clientelismo. **Edição online Textos e Debates.** Universidade Federal de Roraima. N.5. 1998. Disponível em: <https://revista.ufr.br/textosedebates/article/view/1014>> Acessado em 10 de out. 2020.

SILVA, Suelen de Aguiar. Netnografia aplicada aos processos de comunicação comunitária: Comperj via trombone digital. **REVISTA PASSAGENS** - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. n. 2. 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/46149>>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

SILVA, Míriam Cristina Carlos; MARTINEZ, Monica; IUAMA, Tadeu Rodrigues; SANTOS, Tarcyanie Cajueiro (ed.). **Umberto Eco em Narrativas.** São Paulo: Provocare, 2017.

SOUSA, Jorge Pedro. As notícias e seus efeitos. As teorias do Jornalismo dos Efeitos Sociais dos Media Jornalísticos. Ed. Minerva. Coimbra, 2000

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória:** temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF, Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TREVIOTI, Anaïs; Brinn, Colette; Prior, Hélder. Chamada de trabalho-Social media, desinformação e Jornalismo em campanhas Eleitorais.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo:** a tribo jornalística / uma comunidade interpretativa internacional. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2008.

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo,** Por que as notícias são como são. Editora Insular-2.Ed. Santa Catarina. 2005

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas.** 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

\_\_\_\_\_. **Poética da Prosa.** 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

THOMÉ, Cláudia, REIS, Marco Aurélio, MUSSE, Christina. Dossiê: Narrativas midiáticas, dialogias, migrações e mutações- **Revista Lumina** - v. 13, n. 1 (2019) <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina>. Acesso em 18 de maio de 2019.

VEIGA, Luciana. **O Brasil vai às urnas**: as campanhas eleitorais para presidente na TV e internet. In. PIMENTEL, Pedro Chapaval; TESSEROLI, Ricardo. Londrina: Ed. Syntagma, 2019.

VIEIRA, André Guirland. **Do Conceito de Estrutura Narrativa à sua Crítica. Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, 2001.

VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. **Caligrafias e escrituras**: diálogo e intertexto no processo escritural nas artes no século XX. Belo Horizonte: Ed. C/Arte, 2012.

VERONESE, Alexandre; FONSECA, Gabriel. Desinformação, fake news e mercado digital: a potencial convergência das políticas públicas da União Europeia com os Estados Unidos para melhoria dos conteúdos comunicacionais. **Fake News e as Eleições 2018**. In. Woischnik, Jan (Org). Ed. Fundação Konrad Adenauer, Botafogo, 2018.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information Disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking Council of Europe report. 2017.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1992.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

WOLTON, Dominique. Pensar a internet. **Revista FAMECOS**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, nº 15, 2001.

